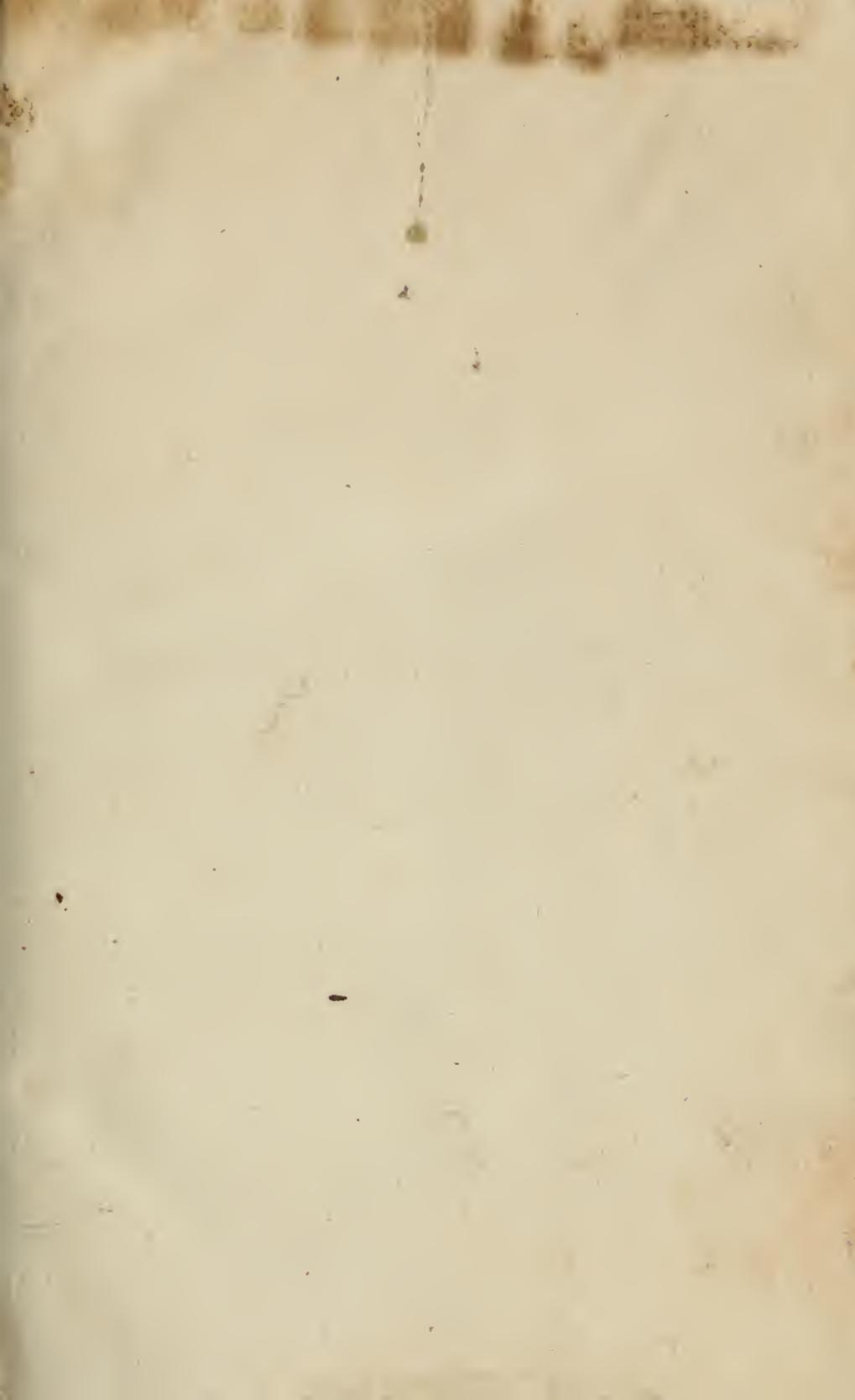
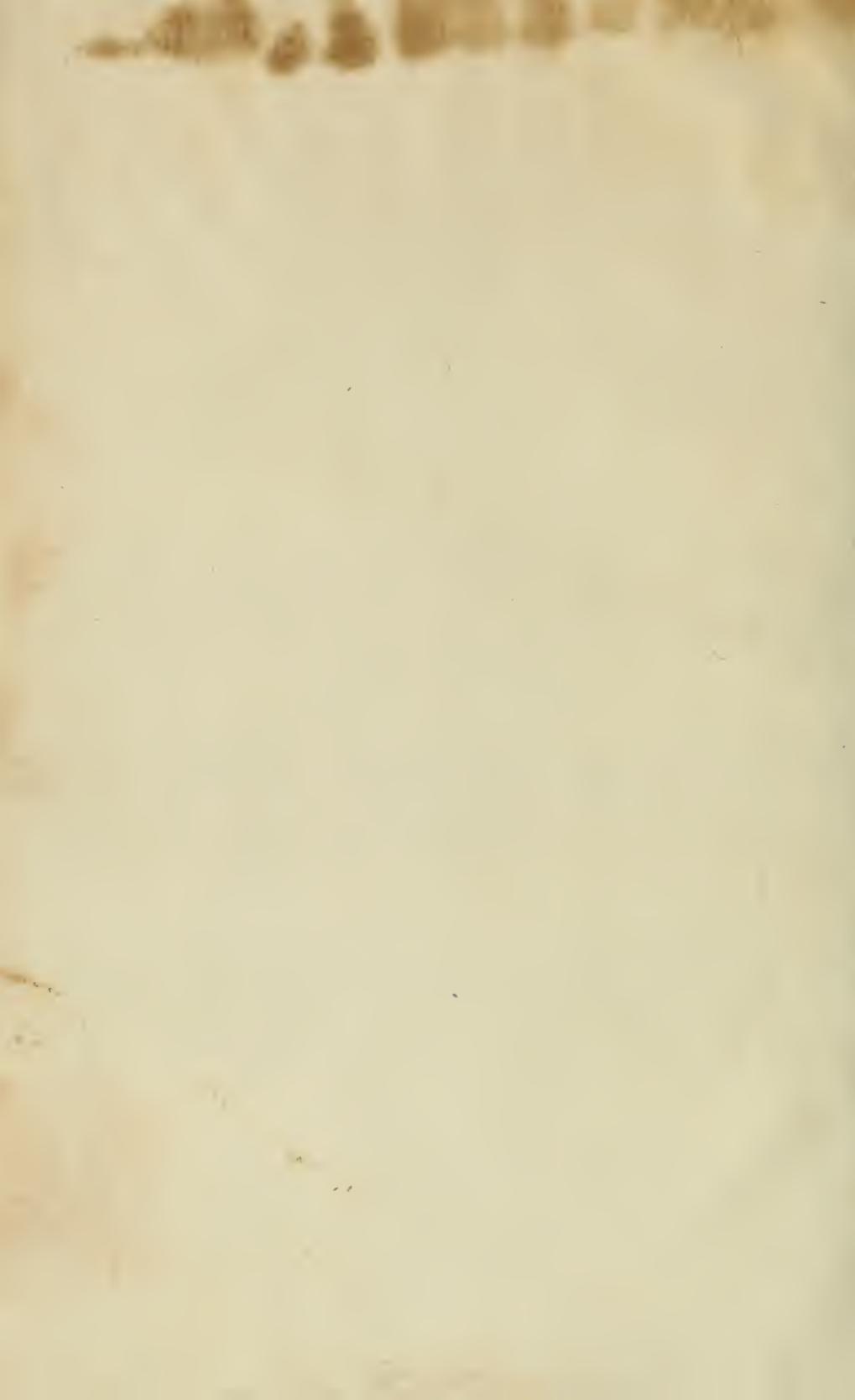


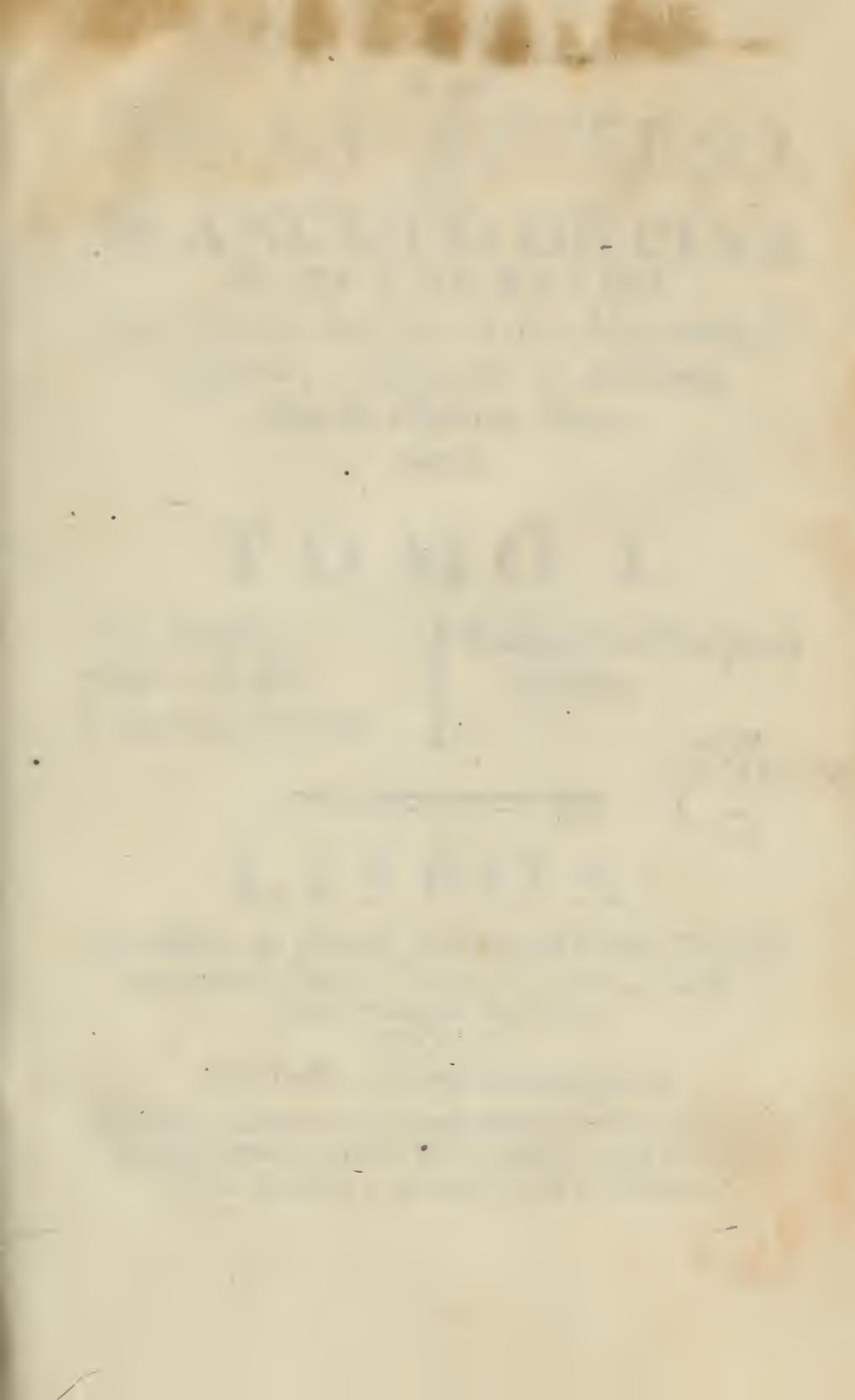
RB186,568



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton







1860

COLLECC, A Ó
DAS
OBRAS EM VERSO,
DE
FRANCISCO DE PINA
DE SA' E DE MELLO.

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fi-
delissima, e Academico da Academia
Real da Historia Portu-
gueza.*

T O M O I.

<i>Arte Poetica.</i>	ꝝ <i>Traducçao do Oedipo de</i>
<i>Palacio do Sol.</i>	ꝝ <i>Sophocles.</i>
<i>Palacio do Destino.</i>	ꝝ

L I S B O A :

Na Officin. de JOAM ANTONIO DA COSTA;
Impressor do Senhor Infante D. Pedro, e da Sa-
grada Religiao de Malta.

MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

Vende-se, e as mais obras impressas do mesmo Autor, na
loja de Antonio da Silva da Costa, mercador de livros
na rua Augusta, na travessa de S. Nicolao.

ОБЩИЙ СЛОВО

СОЛНЦЕМ САНО

ДИДО ОЗИРИЯ

СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ

СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ СИДИ

СИДИ СИДИ СИДИ СИДИ

A R T E
P O E T I C A.
D E
FRANCISCO DE PINA,
DE SÁ, E DE MELLO,
Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelíssima, e Academico da Academia Real da Historia Portugueza.



L I S B O A,

Na Officina de FRANCISCO BORGES DE SOUSA,
Anno de MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

Vende se na rua Augusta na travessa de S. Nicoláo, na loja de Antonio da Silva da Costa, mercador de Livros, e os mais do mesmo Author.

Digitized by the Internet Archive
in 2012 with funding from
University of Toronto

L I C E N Ç A S.

DO SANTO OFFICIO.

*CENSURA DO M. R. P. M. DOUTOR
Fr. Francisco de S. Bento, Qualificador do
Santo Officio, da esclarecida Ordem
Benedictina &c.*

EX.^{MOS} E R.^{MOS} SENHORES.

AS Obras, de que se faz mençaõ nesta pe-
tiçaõ, naõ tem coufa alguma contra a fé,
e bons costumes. Collegio de Nossa Senhora da
Estrella 22. de Novembro de 1764.

Fr. Francisco de S. Bento.

VIsta a informaçao, pódem-se imprimir as
tres Obras que se apresentaõ, e depois vol-
tarão conferidas para se dar licença que corraõ,
e sem ella naõ correrão. Lisboa 14. de Dezembro
de 1764.

Trigozo. Carvalho. Mello. Thorel. Lima.

DO ORDINARIO.

CENSURA DO M. R. ABBADE DIOGO
Barboza Machado, Academico da Academia Real &c.

EX.^{MO} E REV.^{MO} SENHOR.

HE taõ respeitado o nome do Author destas Poeticas producçoens , que basta sómente ser ouvido , para que se lhe tribute a mayor veneraçao. Depois de estar sublimado ao cume do Parnaso , onde por indulto de Apollo alcançou o Principado da Poesia , se constituiuo naõ sómente imitador , mas emulo dos Camoens , Bernandes , Ferreira , Sás , Pereiras , e Vasconcellos , canoros Cisnes da Castallia Portugueza , ou seja na elevaçao do entusiasmo , ou na cadencia do Metro , ou na agudeza dos pensamentos altos , e profundos , copiosos , e naõ redundantes , com que arrebatado seu furor , que nunca degenerou em loucura , metrifica com o espirito dos antigos , e com magisterio para os modernos ; e o que causa maior admiraçao , que entre a armonica consonancia de tantas vozes , se naõ ouça a menor dissonancia contra a pureza da fé , e observancia dos bons costumes . Lisboa 21. de Dezembro de 1764.

Diogo Barboza Machado.

Vista

VIsta a informaçao , pôde-se imprimir a Arte , e sua traduçao , e o mais que consta dos papeis , e depois torne para se dár licençā para correr. Lisboa 6. de Janeiro de 1765.

D. J. A. de Laccdemonia.

DO DESEMBARGO DO PAÇO:

CENSURA DO ILLUSTRISSIMO ,
*e Excellentissimo Conde de Villar mayor , do
Conselho de Sua Mageſtade Fidelissima ,
e Academico da Academia Real &c.*

SENHOR.

Pertende Francisco de Pina , de Sá , e de Melo imprimir a sua Arte Poetica , a sua traduçao do Edipo de Sophocles , e o seu Panegyrico Gratulatorio a El Rey da Gram Bretanha ; com grande gosto , e satisfaçao tornei a ler estas discretas producçoes de sua Musa , que pôdem mais facilmente excitar a inveja do que conseguir a imitaçao. Nellas naõ ha cousa que offendã o respeito que se deve ás Leys de V. Mageſtade , e me parecem dignissimas de se imprimirem , para que os Engenhos sublimes na Poesia saibaõ regular os seus estudos , e aproveitar as suas composiçoes. Bellem a 19. de Janeiro de 1765.

O Conde de Villar mayor.

Que

Que se possa imprimir vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso, e revisto, tornará para a licença de correr. Lisboa 24. de Janeiro de 1765.

Carvalho. Siqueira. Affonsoeca. Castro.

AR-

A R T E P O E T I C A.

PARTE PRIMEIRA.

M Andais-me que vos dicte algumas regras
Daquella soberana melodia ,
A quem se deo o nome de *Poesia*:
Naõ sey que extravagante movimento
Vos dispõem ao estranho pensamento
Deste infeliz emprego: este exercicio
O tem já reputado , como vicio ,
O nosso Portugal : he bem verdade
Que o julgou de outro modo a Antiguidade :
Taõ natural aos homens se mostrava
O alcance de huma luz taõ deleitosa ,
Que foy inda primeiro , do que a Prosa ,
A ligada oraçao: santificava

Nella

Nella a Infancia do Mundo aquelles hymnos,
Com que as graças, em metricos louvores,
Rendia aos benficios superiores.

Os mais altos espiritos julgaraõ
Por hum divino incendio esta eloquencia:
A doutrina lhe deo a preeminencia
Em todas as funçoens do engenho humano:
No Civil, no sagrado, no profano
Entre as Naçoens mais sabias, e polidas,
Naõ só foy sempre amavel esta chamma,
Em que anima o clarim a eterna fama,
Mas inda no confuso labyrintho,
Em que dorme, em que gême, em que se oculta
A Provincia mais tosca, e mais inulta.

Só nas sombras fatais deste Occidente,
Onde a Patria formou seu domicilio,
Pode nunca alcançar hum nobre auxilio
Esta instancia Celeste: Se com tudo
Quereis exercitar o infausto estudo,
He precizo fazer hum serio exame
Da voſſa propensaõ; pois o dictame
Aqui, sem natureza, naõ ensina:
He melhor mestre o genio, que a doutrina.

P O E T I C A.

3

Porém como se excita, ou se melhora
O genio, com a arte, eu vos proponho
As regras, que Aristoteles prescreve:
A faculdade metrica naõ teve
Atégora outra guia mais segura,
Para chegar ao cume, e á grande altura
Do harmonico esplendor: eu só a acceito
Para dar huma ordem, sem defeito
A' rapida extensaõ do ardor brilhante
Com benigno, com placido semblante
A vaga liberdade do alvedrio
Estas regras receba: eu princípio.

Hum homem, que presume ter engenho
Se lança de repente ao arduo empenho
De sobir com os giros mais veloses
Ao monte bipartido, dando ás vozes
Talvez huma infeliz correspondencia,
Tropeçando no assento, e na cadencia
Das phrases, e das syllabas, costume,
Que o aparta sempre mais do excelfo cume.

Estes saõ os Semícapros do Pindo,
Gente, que vive na deserta fralda
Da montanha entre a rustica esmeralda
Dos bosques, e das selvas: trovadores

b

Só

Só se podem chamar os moradores
 Desta ruda floresta : O nome augusto ,
 Que nasce da expressão de hum peito adusto ,
 Não se alcança sómente com a *Rima* :
 O que mais resplandece , e mais se estima
 He esse illustre , arrebatado alento ,
 Que imprime hum perturbado movimento
 Nos affectos de huma alma socegada :
 He huma elevação , exercitada
 Por hum genio feliz , hum juizo pronto ,
 Hum dote celestial , hum alto ponto
 De hum espirito ardente , huma elegancia ,
 Não só ignea , mas justa , huma abundancia
 De imagens , e de phrases singulares ,
 Huma escolha de termos não vulgares ,
 Huma imaginação , cheia de esforço ,
 De incendio , de igualdade , de doçura ,
 E em fim hum rapto excelsa , huma loucura
 Taõ exquisita , que o furor detenha ,
 Quando mostra talvez que se despenha .

A *Poesia* se inculca , ou se define
 Por huma *Imitação* de quanto aos olhos ,
De quanto á intelleção propõem no Mundo
A vasta Natureza: este fecundo
 Theatro de maravilhas portentosas

P O E T I C A.

5

Inda as pôde fazer mais deleitosas
A discripçao harmonica do Verso :
A musica , a pintura , a dança imita
Tambem a Natureza ; e he só diverso
O modo , com que a imagem solicita :

O instrumento , que faz a semelhança
Aos metricos retratos , he fómente
A medida das vozes , incluida
Na differente especie , que ella emprega :
A representação a tudo chega :
Sobe ao throno de Deos , ao claro Empyreo ,
Aos Anjos , aos Espiritos Celestes ,
Ao Sol , á Lua , e a todo o Firmamento :
Todo o objecto mortal , todo o elemento ,
Toda a maquina eterna , e ser humano
Pôde ser imitado da cadencia :
Naõ inclue a geral circunferencia ,
Ou espirito , ou corpo , ou alma , ou ente
Animado , ou sem vida , que presente
O naõ ponha o desenho da *Poesia* ;
Mas nesta imitação naõ basta a guia
Do deleite , que nella se procura :
He preciso chegar a mais altura
Pois para ser o plectro luminoso
Deve o *util* seguir-se ao *deleitoso*.

A R T E

Nesta parte a *Poesia* vence a *Historia*,
 E o esforço dos Philosophos, que intentaõ
 Promover as virtudes nos dictames;
 A *Ethica*, on a *Historia* em seus exames
 Nos propõem a virtude carrancuda,
 Despida, melancolica, sezuda;
 Objeto quasi sempre desabrido:
 Hum Poeta remontado, e esclarecido;
 Nunca perde a occasião, em que a proponha
 Benigna, alegre, amavel, e risonha,
 Desmentindo em canora suavidade
 A aspareza da sua gravidade.

O Poeta he só hum Medico da alma
 Que adoça, ou doura o amargo do remedio,
 Para que o enfermo naõ conceba tedio
 Do simples mais ingrato: esta ventagem
 Taõ illustre, e evidente se mallogra
 Quasi sempre nos homens preoccupados
 De huns objectos grosseiros: mais amados
 Os exemplos seriaõ, se a ignorancia
 Podesse conhecer, que este exercicio
 Facilita a virtude, e opprime o vicio.

Eu fallo dos espiritos mais altos
 De hum genio, e de huma maxima profunda:

Os

Os Poetas *fanfarroens*, de que se innunda
 Talvez huma Provincia, estou taõ longe
 De os metter neste numero, e louvá-los
 Entre as agoas mais turvas da Hypocrene,
 Que eu serei o primeiro, que os condene.
 Permitti-me este termo, pois me explica
 Esse inerte tropel de escrevedores,
 Que sem genio, nem regra, nem cultura
 Entende que a *Poesia* mais brilhante
 He formar a harmonia no consoante,
 Ou encher de palavras, sem substancia,
 A pompa de huma frivola elegancia,
 Onde depois das clausulas velozes
 Naõ ha mais, que o furor de inchadas vozes.

Que conheçais tambem será preciso
 Que a imitaçao por si naõ desempenha
 O objecto da cadencia, sem que á copia
 Se lhe ajunte a energia, e aquelle agrado,
 Efficacia, e viveza do treslado,
 Queinda mais se procura, que se alcança
 Na intentada expressaõ da semelhança.

Taõ viva se ha de dar, que nos pareça
 Ter o objecto imitado á nossa vista:
 Ha quem pertenda que o primor consista

Nesta

A R T E

Nesta viva efficacia ; e na verdade
 Que o proveito se logra , e a suavidade
 Quando nesta hypotýposis percebo
 Que naõ se encontra no cadente ornato
 O original diverso do retrato.

Ha muitas couſas , que nos mettem medo :
 Hum dragaõ nos feria aborrecido ,
 Mas quando está na imagem parecido ,
 Em vez de dar espanto nos deleita :
 O proprio horror na imitaçaõ perfeita
 Se tira ; e ao mesmo tempo purga a alma
 Na misera fraqueza , e impulſo amargo
 Da afflicçaõ , da tristeza , ou do lethargo.

Naõ ſó da imitaçaõ , e da energia
 O *deleite* procede , e a *utilidade* ,
 Mas tambem da belleza , e luz do metro :
 Para o verſo fer bello , e fer brilhante
 Deve fer claro , natural , constante ,
 Elevado , nervoso , ardente , e cheio ;
 Deve compor-se com dicçōens do meio ;
 Nem curtas , nem cumpridas : as primeiras
 Fazem a oraçaõ precipitada ,
 E languida as segundas : alternada
 Com poucos monosyllabos , e vozes

Sesquipedaes , a Musa he que consegue
 A corrente harmonia : Naõ me canso
 Nos assentos do verso , e na medida
 Por ser isto huma cousa mui sabida :
 Só aqui vos farei huma advertencia ,
 Que cuideis em fazer alguma escolha
 Das vogaes , e daquellas , que as enlaçaõ :
 Humas canoras , outras dissonantes
 Se formaõ nos ouvidos : as segundas
 Humas saõ *espiraes* , pois só do alento
 Recebem o seu proprio movimento :
 Destas o P se mostra a mais sonora :
 He o M a mais doce : a mais polida
 He o F: outras ha , a quem o nome
 Se deo de *Gutturaes* , porque as levanta
 O impulso , que procede da garganta :
 Formaõ todas hum som pouco agradavel :
 Faz o C hum ruido aspero , e duro :
 O G , que delle nasce , he menos forte :
 O I consoante tem a mesma forte :
 O Q menos : o X , que o C , e o S ,
 Com infeliz concurso representa ,
 He a letra mais dura , e mais violenta .

Em fim outras *Lambentes* se appellidaõ ,
 Porque os toques da lingua as constituem :

He

A R T E

He o L a melhor: o N he docil:
 He expressivo o T: o D flexivel :
 He o R indomavel , e terrivel :
 O S sibilante , e o Z formado
 De hum tinido mais brando , e delicado.

Das vogaes a mais clara , e mais aberta
 He o A , e com ella a nossa Infancia
 Articula a primeira consonancia :
 He o O varonil , e sonoro ,
 Muito menos o E , o I confuso ,
 E o U , com hum estrondo mais molesto ,
 He sempre triste , insípido , e funesto.

Depois que conheçais a diferença
 De humas a outras letras , empenhai-vos
 Em formar a eloquencia das mais doces ,
 Mais claras , mais harmonicas , e o effeito
 Alcançareis bem cedo no proveito ,
 Que esta escolha vos dá : Inda que o metro
 He todo numero , se lhe observa
 Hum numero taõ fino , que se sente
 Melhor , do que se explica , e mais luzente
 Com esta escolha , e ordem das palavras
 Se nos mostra : á Aristoteles dizia
 Hum pedante , que nunca percebia

O nu-

O numero do Verso , nem da Prosa :
 Uſai ſó (respondeo o Sabio Mestre)
 De hum corpo taõ immovel , e taõ rudo ,
 Que inculca nesse inerte desalento ,
 Que naõ tem eleiçaõ nemſentimento.

A belleza do Verso acompanhada
 Ha de ser da doçura , e das imagens ,
 Que se chamaõ patheticas , notando
 Os affectos humanos , e exprimî-los
 Com taõ forte calor , como se ouvî-los
 Podeſſe o coraçaõ : O espanto , e o fusto ,
 A alegria , a tristeza , a dor , e a ancia
 Taõ vivas ſe haõ de pôr na consonancia ,
 Que os ouvintes recebaõ nos affectos
 A meſma commoçaõ destes objectos.

Talvez direis que hum caso lastimoso
 Nunca pôde ſer doce , ou deleitoso ;
 Assim he ſe o exemplar ſe offrece á vista ;
 Porém quando ſe finge na cadencia ,
 Alcança commummente o nosso agrado
 A destreza de o vermos imitado.

Na copia suave das paixoes ſenſiveis
 Naõ tem lugar o impulſo da agudeza :

He contra a propriedade , e a natureza
 Que hum animo phrenetico , e empenhado
 Possa ser em concurso taõ inquieto
 Menos apaixonado , que discreto :
 Este defeito se accusou ao Tasso
 No pranto de Tancredo , e no de Armida :
 Commovei-vos primeiro , se a outra gente
 Quereis ver alterada , ou commovida
 Haveis de prenotar attentamente
 Quanto fazem os homens exhortados
 Das violentas paixoes : representados
 Poreis estes affectos nos lugares
 De que mais na occasiaõ vos contentares.

Se quereis ser amado , amai primeiro ,
 E isto mesmo acontece assim em todas
 As modificaõens , que faz a alma :
 Para triunfar , para levar a palma
 No amor , na compaixaõ , na dor , no alento
 Deve mostrar-se o vosso pensamento
 Com o impulso mais forte , e mais activo ,
 Valente , afflito , amante , compassivo.

Alguns homens grosseiros , que naõ sabem
 Distinguir os sentidos das potencias ,
 A Poesia desprezaõ , pois lhe chamaõ

Hum compendio infeliz de falsidade:
 Esta gente que a tanto se persuade
 Nunca teve do falso , e verdadeiro
 A devida noçaõ: he só mentira
 O fallar contra o mesmo , que se inspira:
 E a verdade se expõem , onde se alcança
 O provavel , o certo , o verisimil :
 Muitos objectos certos , ou provaveis
 Se encontraõ muitas vezes na *Poesia*,
 Como a Jurisprudencia , a Geographia ,
 A Physica , a Moral , e outras sciencias ,
 Que o Poeta lhe aproveita , para ornato ,
 Ou para as instrucçoes dos seus leitores :
 Porém deixemos aos Historiadores
 O provavel , e o certo , pois só toca
 A verisemelhança ao nosso assumpto :
 A *Poesia* da Historia se distingue
 Narrando esta o que foi , dizendo aquella
 O que devia ser : util , e bella
 Se faz mais a *Poesia* desta forte :
 Quem pôde duvidar que melhor norte ,
 E melhor exemplar aqui se offrece ?
 Se toda a acçaõ humana não carece
 Das sombras mais grosseiras , estas sombras
 Apartadas na ideia , e no conceito ,
 Nos propõem hum objecto mais perfeito ,

Para ser imitado , quando incrivel
 Se naõ mostre no excesso , e na desordem :
 Naõ se precisa pois de ser constante ,
 Basta que seja verisemelhante.

Porém o verisimil necessita
 De ser maravilhoso , pois sem elle
 Naõ pôde haver *Poesia* deleitavel :
 Sendo esta huma perpetua imitadora
 Da vasta Natureza , naõ melhora
 Muitas vezes as suas entidades ,
 Revestindo as diversas qualidades
 Do vulgar , e commum : deve escolher-se
 O mais raro , e exquisito , para assumpto
 Do metrico exercicio , e se he preciso
 Que no metro o vulgar se represente ,
 Deve o engenho fazê-lo preeminente ,
 Admiravel , e novo , com as luzes
 Mais claras , e brilhantes do artificio ,
 De tal sorte que sempre lhe aconteça
 Que a admiraçao no Verso resplandeça.

Obrigaçao precisa he da *Poesia* ;
 O melhorar a inercia , e a cobardia
 Das causas naturaes , dando mais força
 A' sua decadencia : a Natureza

Deve

Deve vir para o metro mais brilhante,
 Mais bella, mais subtil, mais elegante:
 Sem este novo encanto, e illustre empenho
 Naõ se mostra o artificio, nem o engenho.

Este engenho, e artificio nas *imagens*,
 Que chamamos *phantasticas* se alcança:
 Com discreta ousadia he que dizemos
 Que a doce madrugada, a bella aurora
 Quando na esphera ri, no campo chora:
 Diz-se igualmente que murmura a fonte,
 Que as ondas roncaõ, que suspira o vento;
 Que he fina a dor, veloz o pensamento.

Nestes, e noutrios termos atrevidos
 Com juizo, e cautella repartidos
 Se propõem as figuras, com o que o engenho
 Felizmente arrojado nos aviva
 Dos objectos a muda perspectiva.

Por esta mesma causa se concede
 Que se busque a piedade nos penhascos,
 E a lastima nos troncos, dando impulso,
 Dando affectos ás cousas insensiveis:
 Estes representados impossiveis
 Naõ se permittem, quando se dilataõ

As agoas de Hypocrenne em mansa veia ;
 Porém saõ concedidos , quando a ideia
 De huma paixaõ ardente commovida
 Finge no seu affago , que tem vida
 O que he inanimado ; e o ardor vehemente
 Daquelle mesmo incendio , que o arrebata ,
 Lhe faz crer que há de achar nas toscas brenhas
 Com alma os Cedros , com ternura as penhas.

A'lém destas *imagens* se introduzem
 Os *similes* tambem , representando
 Hum objecto por outro , e comparando
 As cousas , onde se acha a analogia :
 Eu presumo que o simile seria
 Mais illustre , e exquisito , se o buscasse
 A invençao nos aspectos mais remotos :
 Os esquadroens depois de serem rotos ,
 E por terra cahidos , os compara
 O grande Homero aos molhos de huma seara
 Prostrados pelo campo , com a fouce
 Dos rudos segadores : bem distantes
 Saõ colheita , e batalha ; e semelhantes ,
 Com este nobre , e singular desenho
 As fez a applicaõ , e as pôz o engenho.

O *estilo* , em que com vosco tantas vezes

Te-

Tenho fallado , e discutido , he parte
 Da metrica doçura : pouco a arte
 Poderá conseguir nesta ardua empreza
 Se a ella naõ concorre a Natureza.

Tres *generos de estylo* distinguiraõ
 Os antigos Rhetoricos , chamando
Asiatico ao diffuso , *Atico* ao breve ;
 E ao que neste , e naquelle hum meio teve ,
 Com o nome de *Rhodio* o conheceraõ :
 Estas tres differenças procederaõ
 Do genio das Naçoens : amava a Asia
 Os adornos , e a pompa : conhecia
 A Grecia huma discreta melodia
 No impulso natural : participava
 A eloquencia , que a Rhodes agradava
 De huma , e de outra distancia : aquelle gosto ,
 Que havia entre o singelo , entre o composto
 Teve maior partido : mas a regra
 Mais certa dos *estylos* vem do assumpto :
 Quer hum grande argumento phrases grandes :
 O nome de *sublime* a este estylo
 Se tem dado : de *infimo* ao tranquillo ,
 Que só trata de cousas mais commuas
 Nas practicas , ou cartas familiares :
Mediocre se chama o que no meio ,

Com mais graça , elegancia , e mais affeio
 De hum , e de outro igualmente participa :
 Ao *sublime* pertence toda a pompa
 Dos *periphrases* , *tropos* , e *figuras* ,
 Mas com a parcimonia mais discreta ,
 E huma animaçao , onde a trombeta
 No estrondo dos tambores tosco , e rudo ,
 Naõ caia , ou naõ affeete hum falso estudo :

A claresa dos termos , e das vozes
 Naõ deveis sujeitar á brevidade :
 Confessa Horacio que na escuridade
 Se despenha , se breve ser pertende :
 Tudo claro ha de estar : sem evidencia ,
 Gosto naõ pôde haver , nem a eloquencia
 Pôde brilhar , com resplendor distinto ,
 Na opaca confusaõ de hum labyrinto ,

Sobre a licença de palavras novas
 Levantado se tem grande disputa :
 Huns querem , com paixaõ bem absoluta ,
 Que huma voz estrangeira manche o idioma :
 De outro modo este escrupulo nos toma
 O Mestre Horacio , e o Mestre Quintiliano ,
 Einda o mesmo Aristoteles : profano ,
 Barbaro , rude , informe , atroz , grosseiro

O *eſty-*

O *estilo* se acharia, se o primeiro
Dialecto conservasse: á Grega fonte
Muitas novas dicçōens pedio o Lacio;
E este exemplo igualmente determina
Que tambem as peçamos á Latina.

Com tudo, nem a todos se concede
Que possaõ merecer o que se pede:
Hum sabio de huma Critica profunda,
E onde o novo vocabulo se funda
Na razaõ, no decoro, e na pobreza
Dos termos, com que intenta declarar-se,
He que licençā tem de aventurar-se
A deixar, com a voz introduzida,
A lingua mais copiosa, ou mais polida.

A nossa lingua fora sepultada
Inda no torpe horror do seu principio;
Se hum Barros, se hum Camoens, Vieyra, e Freire
Naõ emprendessem, com valor illustre,
Com sabia presumpçaõ, nobre ousadia,
O tirá-la da cinza, em que dormia.

Bem sabeis quantas vezes insultado
Tenho sido em usar desta licença:
Esta desordem, que parece offensa

Menos provoca o estímulo , que o riso :
 Se fosse desculpável , ou preciso
 Rebater este insulto , me bastava
 Dizer o que eu treslado aqui de Horacio :
 Ouvi do Mestre a voz : *Licença dava*
A mais severa Critica , que os nossos
Mais sublimes engenhos augmentaſsem
A patria lingua na dicção estranha :
Com que causa , ou justiça se me estranha
Que eu me valha tambem do mesmo indulto ,
Com modesta , com timida cautella ,
Para haver de illustrá-la , e enriquicê-la.

Naõ concebais os frivulos empenhos
 De dizer sempre bem , sempre elevado ,
 Sempre agudo , e engenhoſo : fica inchado
 Quem aspira talvez ao mais sublime :
 Por muito que se esforce , e que se anime
 Muitas vezes se arrasta o que pertende
 Subir sempre mais alto : quem deseja
 Tirar-se do commun , e do ordinario
 Tropeça no indecoro involuntario
 De huma mal elevada extravagancia :
 Na Terra os astros põem , na Esfera os brutos :
 Estas as normas saõ , estes os frutos
 De huma ideia viciada , como aquella ,

Que

Que levou ao Zodiaco o carneiro,
E deo assento nesta Zona de ouro
Ao Leão, ao Capricornio, ao Cancro, ao Touro.

Naõ presumais tambem que tendes genio
Para todos os casos, que a *Poesia*
Abrange no seu vasto, e ardente lume:
Hum procura sobir ao alto cume
Com o *Tragico*, e *Lyrico*: pertende
Outro engenho empenhar o seu alento
No *Epico*, ou no *Comico*: se agrada
Do *Pastoril*, algum; e para tudo
Naõ ha força, ou vigor, por mais agudo
Que seja o humano impulso: deve o objecto
Ser aquelle mais prompto ao nosso affecto,
E procurar o peço, com que possa
O nosso esforço na constancia nossa.

Convem muito o empregar grande cuidado
No que deve omittir-se; ou castigar-se,
E no que he mais preciso declarar-se:
Muitas couzas se dizem, sem motivo,
E se calaõ talvez as de mais porte:
Virgilio he deste ponto o melhor norte:
Ninguem melhor o inutil desprezava,
Nem disse alguem melhor o que importava.

Deve a *Poesia* religiosamente
 Sustentar os *costumes*: a Deidade
 Há sempre de mostrar-se, sem maldade,
 O Heróe com fama, o Sabio com doutrina,
 Com valor o Soldado, com destreza
 O Engenheiro, o Pastor com singeleza.
 Ha de ser a donzella vergonhosa,
 Terna a Māi, a criada cubiçosa:
 Há se de conhecer pelo desejo,
 Ou pela propensão o China, o Indio,
 O Tapuia, o Hotentot, o Troglodita,
 O Tartaro, o Laponio, o Thrace, o Schyta.

Se a personagem for estranha, ou nova,
 Depois de a dar a conhecer o Poeta
 Deve sempre segui-la no carácter,
 Em que a pôz ao principio: estes dictames
 Que vos fiz, sem metter-me nos exames
 Dos homens doutos, e onde a penna lança
 Sómente o que se encontra na lembrança,
 Cuido que bastaráõ para instruir-vos:
 No demais vos remetto ás fabias regras
 Daquelles Mestres, que, com mais talento,
 Tem dellas hum melhor conhecimento.

Porém inda me falta declarar-vos

A instruc-

A instrucçāo da *Tragedia*, e da *Comedia*,
 Da *Epopeia*, e *Bucólica*: se pôde
 Chegar a tanto meu engenho, e arte,
 Vou a fazê-lo em huma, e outra parte.

PARTE SEGUNDA.

SUpponho que sabeis o que he *Tragedia*,
 E por sabido dou o seu principio;
 Vou sómente aos preceitos: eu descubro
 Bastante escuridade ao Mestre Grego,
 Quando a quer definir: por isso chego
 A tomar a ousadia de aclará-la:

A Tragedia he hum Drama recitado
Em nobre perspectiva, onde a fortuna
Dispõem grandes mudanças nas pessoas
De maior qualidade, e onde as Coroas
Nas mortes, nas desgraças, nos perigos
Padecem dos acasos os castigos;
De que o terror, e a compaixão, notorio

Nos

*Nos espiritos fica do Auditorio ;
Servindo de purgar estes affectos ,
E de exemplo aos mortaes , especialmente
Aos que estaõ em lugar mais eminente.*

Dividi-se este *Drama* , com as partes
Da *qualidade* , e *quantidade* : aquellas
Contém em si a *Fabula* , e os *costumes* ,
A *Dicção* , e a *Sentença* , concorrendo
O *apparato* , e inda a *musica* , e sostendo
Da *quantidade* o corpo , com decoro ,
O *Prologo* , o *episodio* , *exodo* , e *coro*.

Fabula no sentido da *Tragedia* ,
Da *Comedia* , e *epopeia* significa
Huma *Acção* verdadeira , ou inventada :
Deve ser huma , e só determinada
Por hum sujeito : inteira verisimil ,
De huma justa grandeza , e portentosa ,
Dirigida em lugar , e tempo certo ,
A fim de se alcançar aquelle acerto ,
Que tem para a instrucçao , e para o gosto
As regras de Aristoteles disposto.

Inda que a *Acção* se adorne , ou se componha
De variados successos , nem por isso

Nesta

Nesta doce, e gostosa variedade
 O preceito se perde da *unidade*,
 Se tudo nella ao mesmo fim concorre:
 Se quem por varias Povoaçãoens discorre,
 Levando sempre bem firmado o intento
 De chegar a Lisboa, ninguem diga,
 Com huma mal formada subtileza,
 Que elle naõ conseguiu a sua empreza.

A lei, que pôde haver para ser huma
 A *Acção*, que he conseguir o mais perfeito,
 He tambem de que o *Heróe* unico seja:
 Quando na mesma *Fabula* se veja
Princípio, meio, e fim, entaõ se nota,
 Que ella tem a *inteireza* mais precisa:
 Chamo *principio* áquillo, que antecede
 Mais necessariamente a todo o corpo
 Do assumpto: necessariamente digo,
 Para naõ se buscar no tempo antigo,
 E fora do argumento alguma origem
 Inconnexa, ou distante: o *fim* se chama
 Aquelle, com que o *Poema* se dissolve,
 E acaba a *soluçao*, com evidencia,
 Sem seguir-se a mais leve dependencia.

Fica o *meio* entre o *fim*, e entre o *princípio*,
 Aonde

Aonde se accommoda todo o *enredo*,
 Com que o *nexo* se enlaça: há hum segredo
 Na *inteireza* da *Acção*, que naõ tem sido
 Inda bem descifrado, ou comprehendido.
 Naõ se chega a assentar por onde deve
 Começar-se na *Fabula*: resolvem
 Huns, que pelo *principio*; dizem outros,
 Que pelo *meio*; e tem estes desípios,
 Naõ só muitos, mas doutos patrocínios.
 Alguns querem provar o seu conceito,
 Com Homero, Virgilio, com o Tasso,
 E tambem com Camoens: outros presumem,
 Fundados nestes metricos engenhos,
 Sustentar igualmente os seus empenhos:
 Taõ grande, taõ estranha variedade
 Há dos homens na incerta authoridade!

Vendo eu pois a questaõ inda debaixo
 De huma justa Sentença, entenderia
 Que naõ errava aquelle, que seguia
 Huma, ou outra opiniao, e que tomasse
 O rumo no esplendor da clara veia
 Que melhor parecesse á sua ideia:
 Porém aquelle, que determinasse
 A naõ romper a *Acção* pelo *principio*,
 Teria a obrigaçao de dar-nos conta

De quanto havia precedido ao *meio*:
 O Tasso, que o naõ fez, foi accusado
 No tribunal scientifico da Crusca:
 Em Homero ficou bem satisfeito,
 Em Virgilio, e em Camoens este preceito.

O ser a *Acçao* inteira, naõ consiste
 Na medida do espaço, que se gasta
 Na sua exposição, inda que o tempo,
 Que durava o espectaculo algum dia,
 Com os relogios de agoa se media:
 O que deve o escriptor nesta inteireza
 He o proporcioná-la de tal sorte,
 Que tenha huma extensaõ, e huma grandeza,
 Que a memoria conserve, e que naõ corte
 A luz da narração: a muito grande
 Comprehender-se naõ pôde: se he pequena
 Facilmente nos foge da lembrança,
 E nestes dous extremos naõ se alcança
 A perfeição devida: nem tamanho
 O corpo seja, que pareça estranho,
 Nem taõ debilitado, que resista
 Ao raio perspicaz da nossa vista:
 Hum desmedido objecto he pavoroso,
 E hum pequeno, naõ pôde ser formoso,

O ser maravilhoso, e verisimil
 Todo o corpo da *Fabula*, parece
 Que diz contradiçāo: o extraordinario
 Se faz, por hum effeito necessario,
 Ou sempre disputavel, ou incrivel:
 Porém como só peço a maravilha
 Aonde a Natureza se prospéra,
 Bem se pôde, a pezar desta distancia,
 Concordá-los, sem muita repugnancia.

A *unidade* do tempo pede a arte,
 Que seja regulada pelo espaço
 Da *Acçāo* representada: commummente
 Saõ tres horas, ou quatro; e neste tempo
 Se há de vir a mostrar, que aconteceraõ
 Os successos, que nella se moverão:
 A' verisemelhança he que se attende
 Nesta mesma *unidade*; pois seria
 Incrivel que huma *Acçāo* se executasse
 N' huma parte em tres horas, e durasse
 Em outra vinte e quatro, como querem
 Alguns, que se conceda entre o *principio*
Meio, e *fim* de huma *Accāo*: quantas desordens
 Toda a caterva Comica tem feito
 Na infracçāo deste metrico preceito?
 Naõ só na dilaçāo de muitas horas,

Mas

Mas no espaço tambem de muitos annos
 Dilatavaõ a *Fabula* : Comedia
 Tem havido , com tanto desatino ,
 Que o mesmo *Herõe* appareceo menino ,
 E usando do valor , e do conselho
 O vimos ao depois Varaõ , e velho .
 He certo que isto he bem maravilhoso ,
 Estupendo , admiravel , portentofo ;
 Porém na estravagancia deste juizo ,
 Quem pôde estar , sem lastima , ou sem riso ?

Toda a *unidade* do lugar se logra
 Em ser o mesmo sempre , em que comece ,
 E em que feneça a *Acção* : se o *theatro* muda
 A *Scena* , desta , para aquella parte ,
 E em diversos aspectos se reparte ,
 Pondo-a já , ou em Argos , ou em Thebas ,
 Notando o espeçtador esta mudança ,
 Vendo que com a *Scena* nunca gira ,
 E do lugar , que occupa , senaõ tira ,
 Conhecendo a ficçao , e a impropriedade
 Se chega a desgostar na repugnancia
 Desta mal deduzida estravagancia :
 O Edipo de Sophocles pôz a *Scena*
 Na praça de Palacio : alli a firma ,
 Alli sempre a conserva , sem que a mude

O *nexo*, e a *soluçao*: O Poeta estude
 Em naõ perder de vista esta *unidade*:
 Ella tem a maior difficuldade,
 Mas no difficult só he que notoria
 Se faz a admiraçao, se alcança a gloria.

He verdade que traz este preceito
 Misturado comsigo outro defeito,
 Talvez maior, que aquelle, que condena
 Toda a mudança, que se faz na *Scena*;
 Pois se esta naõ variar será preciso
 Cahir na incongruencia do discurso,
 Que no mesmo lugar façaõ concursõ
 Inimigos, e genios sempre oppostos
 Nas pertençoens, nos gostos, nos intentos:
 Separar o indecoro desta ideia,
 Descobrir neste encontro o verisimil,
 Tirar a repugnancia a este juizo,
 Ou sahir felizmente deste aperto,
 Bem se pôde chamar hum grande acerto.

Em *simples*, e em *implexa* se divide
 Todo o corpo da *Fabula*: á primeira
 Lhe falta a *Peripecia*, e a *Epignosis*,
 E admitte taõ sómente aquella traç
 De mudar a ventura na desgraça.

A se-

A segunda a compõem a *Peripecia*,
 Bem que a *Epignosis* falte, ou ambas juntas:
 Chama-se *Peripecia* a huma mudança
 Da fortuna, que mostra ser opposta
 A quanto dos successos anteriores
 Se discorria nos espeçtadores.

Porém esta mudança nos acasos,
 Não deve ser qualquer, mas impensada;
 Estranha, repentina, inesperada,
 E contra a espeçtaçao, e sentimento,
 Que se podia achar no pensamento.

A *Epignosis* he huma novidade,
 Imprevista tambem, daquella couſa,
 Que se alcança, e não era conhecida:
 Seja a declaraçao de algum successo,
 Ou de alguma pessoa, em que resulте,
 Ou o odio, ou o amor, e só naquella
 Que na invençao do *Drama*, que a treslada,
 Possa ser venturosa, ou desgraçada.

Em duas qualidades de pessoas,
 Da fortuna a mudança póde achar-se:
 Nos Plebeos, e nos Grandes: a *Tragedia*
 Só destes deve usar: de hum homem baixo
 Não commove o infortunio: e só se excitaçao

Da

Da nossa alma as paixoes na desventura
 De hum Heróe , ou de hum Rei, que pôz na altura
 Da fama , ou de huma excelsa claridade ,
 O esforço , o nascimento , a Magestade.

E devem naõ sómente conceber-se
 Por esta parte os homens , que saõ dignos
 De entrarem na *Tragedia* , mas notar-lhe
 Igualmente os *costumes* , que ser podem
 Bons , ou máos , ou tambem indifferentes :
 Os bons saõ mais , que alguns , incompetentes
 Para o fim deste *Drama* , que se emprega
 Na *lastima* , e *terror* ; e ver-se hum homem
 Da virtude maior sofrer as iras
 De huma fatal desgraça , taõ distante
 Nos fica a compaixaõ , que ao mesmo instante
 Hum affecto contrario nos promove :
 O espanto , o horror , a raiva , einda a impaciencia
 Só nos produz no peito esta insolencia.

Os máos da mesma sorte nunca servem
 Para o tragicó intento : os infortunios ,
 Com que os vexa a desgraça , naõ commovem ,
 Antes saõ necessarios requisitos ,
 Que sempre o fado ajunta aos seus delitos :
 O Auditorio em lugar de entrifícicer-se,

Se alegra na solicita igualdade,
Com que o Ceo rompe a força da maldade.

Só os indifferentes he que ficaõ
Capazes da *Tragedia*: naõ se agrava
Com elles, na desdita da virtude,
A vista, nem o animo; e taõ pouco
Naõ se logra nos mesmos a alegria
De se ver castigada a tyrannia.

A *Tragedia* se forma com pessoas
De interesses diversos: com Parentes,
Amigos, ou contrarios, donde nascem
Quatro modos de misero destino:
O primeiro descreve o desatino,
Com que o amigo a outro amigo, que persegue,
A ingratidaõ mais feia justifica,
Bem que naõ tenha consequéncia o odio:
O texto de Aristoteles decide
Ser este o peior assumpto; pois se alcança
No intento desta barbara vingança
Hum despenho, hum furor, taõ infotivel,
Que fica menos tragicó, que horrivel.

He hum segundo modo quando o mata:
Como na morte a magoa se mistura,

Póde

Póde ocupar a dor , e o sentimento
 Grande parte do assombro , fundamento ,
 Com que este modo he menos máo , que o outro :

O terceiro se forma quando tira
 O amigo a vida a outro , sem sabê-lo ;
 E vem com grande pena a conhecê-lo :
 Este modo he melhor , que o antecedente
 Pois do crime a ignorancia lhe desculpa
 O impulso abominavel , e só deixa
 A lastima da morte intempestiva ,
 Quanto mais ignorada , mais activa.

O quarto he quando o amigo chega ao ponto
 De outro amigo matar , sem que o conheça ;
 Detendo o golpe ao tempo , que percebe
 O amado objecto , que perdia a vida :
 Sómente he esta a *Fabula* escolhida
 Pelo Mestre , e tambem pelos melhores
 Pensamentos dos seus expositores.

De ser esta a mais congrua , algum motivo ,
 Ou razaõ naõ nos diz , talvez suppondo
 Que ella por si bastava , para a escolha ,
 Notando as intençoens antecedentes :
 Ellas se constituem taõ patentes ,

Que

Que presumo escusais de meditá-las,
Para reconhecê-las, e alcançá-las.

Outras tres circunstancias saõ propostas
No corpo da *Tragedia*: os *Episodios*
O Enredo, que era o *Nexo* dos antigos,
E deste a *soluçāo*: eu sigo sempre
Naõ ser os *Episodios* outra coufa,
Que alguns modos da *Fabula*, em que precizo
Será que o Poeta, com cautella, e juízo,
A modifique, e estenda: Della devem
Sahir, como da mais conforme origem,
Todas as digressoens, e de tal sorte,
Que se alguma faltar deixe imperfeita
Da *Fabula* a enlaçada symmetria:
Por esta causa o Mestre da *Poesia*
Os propõem, naõ sómente necessarios,
Porém quer que elles sejaõ verisimeis,
E ajuntados a *Acçāo* daquelle *Poema*,
Que se tem escolhido: Os que se mettem
Na *Tragedia* ser devem mais sucintos,
E de menos ornados labyrintos,
Que os que leva a *Epopeia*: haõ de medir-se
Pela extensaõ da *Fabula*: a primeira
He muito mais pequena, que a segunda:
Nesta diversidade he que se funda

O acerto do *Episodio*: Seja grande
 Na *Epopéia*, mas seja mais conciso
 Na *Tragedia*: Com pouca mais certeza
 Medir-se pôde o acerto da grandeza:
 Elles pedem huma larga variedade:
 Huns tristes haõ de ser, outros alegres,
 Huns militares, outros amoroſos,
 Infelices talvez, ou venturosos:
 Nos diversos objeçtos se deleita
 E se commove a alma, ao meſmo tempo,
 Que sustentar naõ pôde o seu agrado
 No aspecto de hum só gosto continuado.

O *enredo* se prepara nos estorvos,
 Em que tropeça a *Acção* nos seus progressos,
 Ou sejaõ produzidos pela sorte,
 Ou pela emulaçao, ou outro impulso,
 Que difficulte o *exito*: procede
 Este embaraço sempre em quanto dura,
 Sem mudança a teimosa desventura,
 E só quando esta cede, e principia
 A mudar-se a fortuna, entaõ começo
 A mostrar-se os esforços, com que occupa
 Na *Scena* a *soluçao*, até que possa,
 Já de tantos obstaculos annexos,
 Romper os laços, defatar os nexos.

Porém esta doutrina representa
 Ou suppõem , que a *Tragedia* naõ acaba ,
 Com hum *tragico* fim : neste sentido
 Deveis estar agora persuadido
 Que aqui falla Aristoteles dos *Dramas* ,
 Que tem hum fim glorioso : na *Epopeia*
 O *nexo* , e a *soluçaõ* melhor se logra :
 N' hum *exito* feliz se substituem ,
 Com todo aquelle encontro , que se enlaça
 Entre os giros da gloria , e da desgraça .

Este combate , que hum infausto alento
 Sustenta nos successos , se encaminha
 Sempre ao *terror* , e á *compaixaõ* daquelles ,
 Que ao tragico espectaculo concorrem :
 Outro affecto a *Tragedia* naõ acceita ;
 Só destes o Auditorio se aproveita ;
 Pois vendo tristemente repetidos
 Tantas vezes aos olhos os successos
 Já terriveis , fatais , ou lastimosos ,
 O costume de vê-los , lhe modera
 E lhe purga as paixoes no impulso forte ,
 Com que perturba a alma o horror da morte .

Tambem por outro modo he proveitosa
 Esta tragicâ *Scena* , porque as almas

Feras , e turculentas tendo á vista
 Taõ repetidamente estes objectos
 Da *lastima* , e *pavor* ; nos seus affectos
 Pouco a pouco se vai introduzindo
 A piedade , e a clemencia , e resistindo
 A'quelle sentimento dissoluto ,
 Que infama o homem , que define o bruto.

Entre os expositores se contende
 Se estas accoens terrificas aos olhos
 Se haõ de pôr do concurso , se narradas
 De alguma personagem da *Tragedia* :
 He certo que na esphera dos sentidos
 Aquillo , que entra só pelos ouvidos
 Naõ faz tanta impressão , como na vista ;
 Mas com tudo ha huns casos taõ atrozes ,
 Que he preciso que sejaõ mais velozes ,
 A' nossa comprehensaõ , e naõ imprimaõ
 Tanta horribilidade no conceito :
 Aquelle , que tiver este defeito
 Naõ deve vir á *Scena* , e se confia
 Só de hum prudente modo de annunciá-lo ,
 E que possa , sem quebra da verdade ,
 Na lastima encobrir-se a atrocidade.

Matar a Mai seus filhos he delicto ;

Taõ

Taõ feio , e abominavel , que se fora
 Disposto inda na barbara presençā
 Do peito mais ferôz , o perturbara ,
 E hum golpe taõ fatal cheio o deixara
 De confusaõ , e horror : deste sucesso
 Horacio se lembrou para advertir-nos
 Que o que for taõ horrendo , e infamatorio
 Naõ deve ser exposto no Auditorio.

A observancia , e carácter dos *costumes*
 Das personagens , que se vem nos *Actos* ,
 He dos pontos mais graves da *Tragedia* :
 Já toquei mais acima neste aviso ,
 Da mesma forte aqui serei conciso ,
 Pois bastará dizer-vos , com o Mestre ,
 Que os *costumes* se mostraõ pelo meio
 Das acçoens , e palavras : se com ellas
 Se representa hum Grande , ou hum soldado ,
 Hum erudito , hum velho , hum generoso ,
 Hum forte , hum instruido , hum cubiçoso
 No principio do *Drama* , deve sempre
 Ao depois sustentar este carácter ,
 Naõ sendo nunca o velho , sem cubiça ;
 Sem instrucçāo o Sabio , sem firmeza
 O soldado , ou o Grande , sem grandeza ,
 Pois se o Grande talvez se mostra avaro ,

Froxo

Froxo o soldado, o douto negligente,
 O velho liberal ; impropriamente
 Se vai contra o carácter das pessoas,
 Desmentindo-se o espirito, e o conselho
 No Grande, no soldado, sabio, e velho.

Quatro prerrogativas se procuraõ
 Dos costumes na maxima : *Bondade*,
Igualdade, *decoro*, *conveniencia* :
 A *Bondade* naõ pede que a eminencia
 Na virtude se exponha, pois dissemos
 Que esta ao *terror*, e á *lastima* naõ tinha
 Aquella propriedade, que convinha :
 Bastará que a *Bondade* huma virtude
 Abranja só mediocre : O *Decoro*
 Pede que se aproprie o que pertence
 Ao sexo, idade, e emprego das pessoas,
 E ao genio da Naçaõ : por esta causa
 Há de saber-se a obrigaçao precisa,
 Que serve de esplendor, ou de divisa
 Ao Rei, ao General, ao Conselheiro,
 Ou a outra figura, que se offreça
 Na pompa do espectaculo ; e applicar-se
 O que só lhe convem, e fica proprio
 A' sua propensaõ, á sua idade,
 Ao seu tempo, Naçaõ, ou dignidade.

Por

Por naõ ser attendida esta advertencia
 Se caie alguma vez na incongruencia
 De se dar aos Heróes do tempo antigo
 Os *costumes*, que temos adoptado,
 Sendo taõ diferentes taõ oppostos
 Aos nossos os da velha Grecia, e Roma:
 A atrevida ignorancia, que naõ toma
 Sentido nesta grave circunstancia,
 Com que altera os *costumes* a distancia,
 Pertende condemnar o grande Homero
 Por entender que nelle saõ abusos
 Naõ dar aos seus Heróes os nossos usos.

A *Conveniencia* he huma semelhança,
 Que na *Fabula historica* se alcança
 Quando introduz alguma personagem,
 Que já se tinha feito conhecida:
 Deve esta ser proposta, com a vida,
 Inclinaçao, ou genio, que na *Historia*
 Conserva a vigilancia da memoria.

Com esta lei naõ pôde figurar-se
 Hum Achilles cobarde, nem valente
 Hum Thêrsites, pois nunca este conceito
 Pode n' alguma parte ver-se acceito,
 Por se achar repugnante, e convencido

Desse

Desse objecto, que temos comprehendido.

A *Igualdade*, que pomos nos *costumes*
 He de sempre sostê-los em hum ponto
 Preciso, e indeclinavel, conservando
 Todo aquelle carácter, que ao principio
 Se deo á personagem: sempre Achilles
 He fero, e incorregivel: Agamemnon
 He sempre generoso: Ajax valente,
 Sagaz Ulysses, e Nestor prudente.

Ser pôde algumas vezes necessario
 Que se mude de genio: esta mudança
 Há de ter hum impulso taõ activo,
 Taõ preciso, taõ forte, e sensitivo,
 Que consinta, ou desculpe a variedade,
 Sem chegar a offendere a propriedade:
 Clemente Eneas foi, mas fero, e duro
 Se nos mostra de Turno com a morte:
 A cega inspiraçao da infausta sorte
 Os despojos lhe offrece de Pallante:
 Mudou logo a piedade de semblante:
 Turbou-se a compaixaõ, e na impaciencia
 Pôde mais a vingança, que a clemencia.

O *estylo* na *Tragedia* necessita

De

De ser mais encorpado , mais vehemente ,
 Mais acezo , e sublime ; mas a pompa
 Naõ lhe deve tirar a suavidade ,
 A harmonia , a cadencia ; nem a altura
 Fazer aspero o metro , e a phrase escura .

Seja a elegancia propria de quem falla :
 Falle o Rei com imperio , com receio
 Falle o velho , a donzella , com modestia ,
 Com instrucçao o douto , com constancia
 O Capitaõ , o rico , com a lento ,
 E o pobre com humilde encolhimento .

Quizera que a *Tragedia* , e a *Epopeia*
 Em verso se fizesse , e este *rimado* :
 O ser em verso solto , naõ o approvo :
 Entre nós este empenho he arduo , e novo :
 Póde vir a acceitar-se com o tempo ,
 Mas inda o nosso agrado naõ consegue :
 Gongora disse ja que *antes queria*
Achar hum touro solto na campanha ,
Do que este verso solto : a nossa Hespanha
 O tem sempre julgado desgostoso :
 Bem que a Italia o repute deleitoso :
 A introducçao do Verso , sem consoante ,
 He quasi parecida , ou semelhante ,

De outro deleite estranho , que inventaraõ
 Os Trágicos modernos produzindo
 Amorofos assumptos na *Tragedia*:
 Nunca quiz attender a gravidade
 Da sabia , da severa Antiguidade
 A taõ liviana empreza : pertendia
 Emendar as paixõeis , naõ pervertê-las :
 A *lastima* , e o *terror* só desejava ,
 Que o coraçao sentisse : consultava
 A alma , e naõ o genio do concurso :
 Hoje a *Tragedia* antiga nos desgosta ,
 E só nos deleitamos nas imagens
 De hum indigno espeçtaculo : bem cego
 Se faz quem desconhece o gosto Grego.

Sendo o Edipo o esplendor do engenho humano
 Mais feliz , que atégora se tem visto ,
 A' nossa lingua o trouxe , e me parece
 Que com bastante alento , e propriedade :
 Levou-se ao *theatro* , sem algum effeito
 Desta illustre expressão : que mais defeito
 Da nossa miseravel ignorancia ,
 Ou que prova maior teria havido
 De estar o nosso gosto corrompido ?

As ultimas porçoens *qualitativas* ,

Com

Com que a *Acção*, ou se adorna , ou se divide,
 São o *Apparato*, e a *Musica* : ao primeiro
 Pertence o *adorno*, a variação das *Scenas* ,
 Personagens , e trajes das figuras ,
 A magnifica pompa das pinturas ,
 Palacios , e jardins : ha quem discorre
 Que nesta construcção se despendia
 Quanto no campo o exercito podia
 Gastar com abundancia : tanto empenho
 Nesta fastosa maquina mostravaõ
 Grecia , e Roma : só nellas se acceitavaõ
 Para a *Scena* os *Actores*, que a propunhaõ ,
 Com mais habilidade , mais viveza ,
 Mais genio , propriedade , e natureza.

As formas , e inda as cores dos vestidos
 Eraõ tambem conformes ás pessoas ,
 A' Nação , profissão , e dignidade.

Naõ se admittia grande quantidade
 De *Actores* , e na *Scena* praticavaõ
 Dous , ou tres ; e era só , pelo que sinto ,
 Por naõ fazer o *Drama* , labyrinto.

Da *Musica* , que foi naquelle tempo
 Qualidade precisa da *Tragedia* ,

Nada quero dizer-vos, porque agora
 O nosso Poema tragicó a naõ usa:
 Falta sómente dar conhecimento
 Das partes, que chamei qualitativas:
 Divide-as Aristoteles em quatro:
 O Prologo, o Episodio, Exodus, e Coro:
 O Prologo continha aquella parte,
 Que precedia a Acção, e que durava
 Até sahir o Coro: Sustentava
 O Episodio a outra parte, que abrangia
 Todo o tempo, em que o Coro fenecia:
 Da entrada até a sahida deste Coro
 He que era o Episodio; Exodus o espaço,
 Que daqui se seguia ao fim do Drama:
 O Coro se formava, com a tropa
 De bailarins, e musicos: dos Actos,
 Que ao depois se fizeraõ taõ exactos,
 Naõ nos falla Aristoteles; pois era
 Esta subdivisaõ inda ignorada
 Na idade, em que vivia: serem cinco
 Foi o estylo commum; e Horacio manda
 Que nem menos, nem mais, porém ás Scenas,
 Ou ellas sejaõ grandes, ou pequenas
 Naõ se tem dado numero: ficaraõ
 Do Poeta ao livre arbitrio: corresponde
 O Acto primeiro ao Prologo: o Episodio,

E o

E o *Coro* se comprehendem no segundo,
 No terceiro, e no quarto; e se insiuña
 O *Exodo* no quinto: menos breves,
 E com mais específicos exames,
 Vos quizera offrecer estes dictames,
 Mas temo molestar-vos: estes bastaõ,
 Para que a vossa chama reconheça
 Tudo o mais, que eu omitta, ou que me esqueça.

PARTE TERCEIRA.

DA *Tragedia* a *Comedia* se distingue,
 Naõ só na introducção das personagens,
 Mas tambem no argumento, pompa, e estylo:
 Na *Tragedia* fallavaõ taõ sómente
 Pessoas de carácter eminente,
 E na *Comedia* as mais particulares:
 Era naquelle serio, e grave o assumpto,
 Nesta quasi jocosof: eraõ pomposas
 As *Scenas* nessa, e nestas, sem adorno;

Na

Na primeira era o *estylo* o mais *sublime*,
 Com hexametros Versos ; na segunda
 Rasteiro , e familiar em Versos jambos:
 O fim da distinção , que tinhaõ ambos
 Estes dois espetaculos , se via
 Em que aquelle sómente pertendia
 Instruir o Auditorio , este alegrá-lo ;
 Ou por dizer melhor , para insultá-lo
 He que a *Comedia* antiga a *Scena* expunha ;
 Pois da Satyra infame se compunha :
 Na Grecia naõ havia Heróe insigné ,
 Que naõ fosse opprimido , e profanado
 Na publica insolencia , com as vozes
 Dos infofriveis *Comicos* : na lingua
 Desse mesmo Aristophanes , que leva
 Ao ponto mais esplendido este *Drama*
 Se mortifica , e se envergonha a fama
 De encontrar taõ infame desaforo :
 Com a lei mais severa , ao seu decoro
 Foi em fim a *Comedia* reduzida ;
 E sepultando a obscena impropriedade
 Naõ reteve ao depois outro exercicio ,
 Que encobrir a pessoa , e expôr o vicia.

Só com a diferença , que vos tenho
 Proposto nas diversas circunstancias

Das

Das pessoas , da pompa , assumpto , e phrase ,
 A *Comedia* se aparta da *Tragedia* :
 Saõ no mais os preceitos quasi os mesmos ,
 E assim fica escusado que os repita :
 Parece que outro estimulo me excita
 A mostrar-vos os barbaros absurdos
 Das *Comedias famosas* dos Modernos ,
 Que taõ bellas , gostofas , e brilhantes
 Tem parecido aos miserios pedantes ;
 Mas naõ quero metter-me nesta empreza :
 Em paz deixar fiquemos esse gosto ,
 Que huma ideia viciada tem disposto ,
 Em Vega , Calderon , Candamo , e Mattos ,
 E em todos os do Comico tumulto :
 Confesso que em alguns naõ difficulto
 Muita fecundidade , ardor , e engenho ;
 Mas sem o mais preciso desempenho
 Do decoro , e das regras : naõ se alcança
 Nem medida , nem luz , nem temperança ,
 E quasi sempre se acha o iverisimil ,
 Com a despropoçao , a inconveniencia ,
 O excesso , a impropriedade , a negligencia .

Mas deixemos hum ponto taõ ingrato ,
 Vamos á *Epoepia* : Eu tenho dito
 Della tudo o que basta no Anteloquio

Da *Conquista de Goa*, e no *Triumpho*
Da *nossa Religiao*, aonde devo
Remetter a feliz curiosidade,
Que vos leva aos dictames da *Poesia* ;
E só aqui direi alguma cousa ,
Que julgar mais precisa : as mesmas partes
Da *quantidade*, e *qualidade* expostas
Na *Tragedia*, se encontraõ na *Epopeia*:
As primeiras saõ *Fabula costumes*
Sentença, e *locuçaõ* : tem as segundas
O Titulo, que o assumpto nos declara
Proposiçao da *Acçao*, que se prepara :
Invocação do Nume , que se implora :
Narração do que abrange toda a empreza ,
Que nos inculca a *Epica* grandeza :
Por *Fabula* se entende huma façanha
Notavel , e eminent , acontecida
A hum Rei , ou pessoa esclarecida ,
E imitada com metrico artificio ,
Para dar huma maxima importante ,
Ou huma ideia de hum *Heróe* brilhante ,
Que na luz da *Epopeia* concebemos :
A *Fabula*inda além do que dizemos
He lei irrevogavel , de que seja
Verisimil , feliz , maravilhosa ,
Inteira , e de grandeza conveniente ,

Huma , e só de hum *Herde*: a maravilha
 Buscar naõ só se deve nos empenhos
 Da *Acção*; porém no modo, com que os narra
 A força do entusiasmo, melhorando
 Da Natureza o impróvido defeito,
 Para fazer o objecto mais perfeito:
 Sem dizer os successos como forão,
 Mas como ser deviaõ, sem que intente
 Nunca do verisimil apartar-se,
 Por mais que o leve o impulso luminoso
 Ao estranho , ao sublime , ao portentoso.

Na inteireza da *Acção* deve mostrar-se
Principio, *meio*, e *fim*, como já disse
 Nas regras da *Tragedia*: na *grandeza*
 Deve haver proporçao: mais dilatada
 Se faz a da *Epepeia*, mas naõ tanto
 Como as de Homero , porque causa tedio
 O ler quinze mil versos successivos,
 Que compõem qualquer dellas: na *unidade*
 Se observa a mais precisa qualidade
 Da *Fabula*, e do *Heróe*; que taõ sómente
 Há de obrar, sem mostrar-se dependente
 De outra alguma pessoa , e fazer sua
 A gloria, com que a empreza o condecora:
 Da mesma sorte *simples*, ou *implexa*.

Póde ser esta *Fabula*: ajuntando
 Tambem a *Peripecia*, e a *Epignosis* ;
 Com a advertencia só de que a mudança
 Que alli o *Heróe* na *Peripecia* alcança ,
 Em quanto o *meio* do argumento dura ,
 Da desgraça há de ser para a ventura.

Da *Epoepia*, e *Tragedia* os *Episodios*
 Tem os mesmos dictames , bem que aquelles.
 Devem ser mais extensos ; e que saiaõ
 Todos do mesmo corpo , como os ramos.
 Vaõ nascendo do tronco : este preceito .
 Nunca o vi cabalmente satisfeito
 Nos mais illustres Poetas : he doutrina
 Onde está , com infausta diligencia ,
 Menos a execuçao , que a intelligencia.

As quatro *qualidades* dos *costumes* ,
 Que deixo na *Tragedia* ponderadas ,
 He preciso que se achem na *Epoepia* :
 Haõ de propôr-se , com diversa ideia ,
 Nas palavras , e acçoeens , e distingui-los
 Com formas differentes , e applicá-las .
 A varias personagens , varios genios ,
 Huns intrépidos , outros moderados ,
 Atrevidos , coléricos , prudentes :

Enfa-

Enfada-se o Leitor notando as mesmas
Propensoens nos espiritos dos homens ;
E deleita a gostosa novidade ,
Que sempre nos offrece a variedade .

Nas personagens de Virgilio , e Homero
Mal se descobre o genio : a fortaleza
He todo o seu espirito : percebo
Apenas a amizade no caracter
Do confidente Achates , distinguido
He só por este affecto esclarecido .

Para achar nos *costumes* o conceito
De bons , e congruentes , necessario
Naõ he que elles se fundem nas virtudes :
Toda a sua bondade aqui consiste
Em naõ contradizerem o caracter
Da personagem , que se tem exposto ,
Inda no homem mais impio , e mais disposto
A todas as maldades se consegue
Serem bons os *costumes* se condizem
Com a ideia , que delle concebemos ;
E naquelle pessoa , que os extremos
Segue de heroicidade , máos seriaõ ,
Se nella se alcançasse , ou se advirtisse ,
Que no caracter , que o discurso alcança

Naõ se lhe descobria a semelhança.

Na pessoa do *Heróe* todo o cuidado
 Deve empregar o Poeta: entre os Antigos
 Naõ se formava bem a heroicidade:
 Por *Heróe* se julgava hum homem fero,
 Impaciente, colérico, orgulhoſo,
 Terrivel, implacavel, e teimoso,
 Cheio de força, e robustêz: Homero
 Assim nos pinta a Achilles; mas Virgilio,
 Nascido em outro seculo mais culto,
 Nos descreve hum *Heróe*, sem tanto insulto;
 E entre o calor de hum animo esforçado,
 O faz doce, piedoso, reportado,
 Reconhecido, placido, prudente,
 Aprazivel, magnanimo, clemente.

Há de ser pois o *Heróe* bem parecido
 Às virtudes do tempo, em que a *Epoepia*,
 Conduzindo-o da fama ao alto templo,
 O exponha á noſſa vista, e ao nosso exemplo.

As raras qualidades, que em Eneas
 Mais pernotou Virgilio, foy a estirpe
 De huma esplendida origem, foy o impulſo
 Das mais nobres façanhas, a constancia

Nos sustos , e trabalhos , a estatura ,
 A força , e a magestade : destes dotes
 Dido mençaõ fazia , desculpando ,
 Com elles , todo o ardor do peito brando ,
 E a inquietação , que o raio de Cupido
 Lhe tinha dentro n'alma introduzido .

Com tudo , sem metter-se algum defeito
 Nas virtudes do *Heróe* , naõ ficaria
 Verisimil talvez : a humanidade
 Nunca pode chegar áquelle ponto
 De huma tal perfeição , que naõ consinta
 Em tudo o que se faz , ou que se pinta
 Os resquicios fataes da forte humana :
 Os que menos os sentem saõ aquelles ,
 Que *Heróes* pódem chamar-se : da fraqueza
 Nunca pode eximir-se a Natureza .

Só desta sorte deve o *Heróe* propôr-se ,
 Para ficar em termos de seguir-se :
 Esse intento infeliz de conduzir-se
 Ao mais sublime acerto , fica inutil ,
 Pois vendo-se hum *Heróe* inacessivel ,
 E onde subir naõ pôde o humano alento ,
 Elmorece o desejo em huma altura ,
 A que chegar naõ ousa ; e só procura

Encobrir a fraqueza no desprêzo,
Fugindo á indiscripçāo , que chega a dar-se
No impulso , que naõ pôde praticar-se.

As outras *pérsonagens*, admittidas
No corpo da *Epoepia*, menos devem
Ao metrico cuidado : tanto as vozes ,
Como as suas accoens , sempre propensas
Haõ de ser ás virtudes , de outro modo
Se estragará o exemplo ; inda que o vicio
Proposto alguma vez n' hum exercicio ,
Ou n' huma imitaçāo bem manejada
Deixar pôde a virtude illuminada ;
Pois nos tem a experíencia persuadido ,
Que á vista do contrario cresce o alento ,
Com mais firme , mais prompto movimento:
Há quem diga que o acerto nos instrue
Naõ só ; mas que inda o erro nos ensina ,
Tirando de hum , e de outro igual doutrina.

Os Poetas , que entre as sciencias dos Antigos
Os primeiros Philosophos formaraõ ,
Suppunhaõ que as emprezas mais illustres ,
E as mais grandes accoens naõ se moviaõ ,
Sem ser pelos decretos das Deidades :
Das suas mais reconditas vontades

Depen-

Dependia o esplendor maravilhoso,
 Que se pede na *Fabula*, motivo
 Porque tudo o que os Numes inspiravaõ
 No *Episodio*, ou na *Acção* era admiravel,
 Parecendo que o ardor deste portento
 Taõ alto, taõ exelso, e soberano
 Naõ podia caber no esforço humano:
 De *maquinas* se deo o nome sempre
 A estas impressoens; e a maravilha
 Se tinha infelizmente misturado.
 Nas Gentilicas sombras: estes Deoses,
 Humas vezes occultos procediaõ,
 Outras vezes na acção se descobriaõ:
 Homero quasi sempre entre as esquadras
 Os Conselhos, ataques, e congressos
 Dos Troianos, e Gregos os destina,
 Acompanhando o horror, o estrago, a ruina,
 E combatendo de huma, e de outra parte,
 Sahindo das batalhas já feridos,
 Já triumphantes talvez, ou já vencidos.

Deste indecoro, desta indigna ideia
 Há quem accuse Homero, eu naõ o accuso,
 Mas sómente detesto o vil conceito,
 Que meditava a louca Idolatria
 Na rudeza infeliz destas idades,

Das suas pertendidas Divindades.

Se he chimera entre nós a Theologia
 Destes barbaros Ethnicos , naõ pôde
 Lograr-se nunca nella o verisimil :
 Por esta causa a congruencia pede ,
 Que desterremos da *Epopeia* a pompa
 Destes falsos Celícolas , mettendo
 Em seu lugar as luzes superiores
 De outros mais verdadeiros resplandores.

Póde enlaçar os *nexos* toda a astucia
 Da maligna serpente , e desatá-los
 Algum Celeste esforço : desta sorte
 Contra o poder do Abylmo , ou contra a morte
 Se achará , com aspecto deleitoso ,
 O verisimil no maravilhoso.

Vamos agora ás *partes* , que se chamaõ
 De *quantidade* : O *Titulo* , que he huma
 Se vê nos Poetas com diverso gosto :
 Huns do lugar da *Acção* o tem disposto :
 Outros , com novo intento , o tem tirado
 Só do nome do *Heróe* : acha-se tudo
 Na *Odyſſeia* , e na *Iliada* : a primeira
 Do *Heróe* he que o tirou ; e tambem vemos

Que

Que o lugar á segunda lho prepara :
 Mas nem huma , nem outra nos declara
 A *Fabula* no *Titulo* : remoto
 Naō deve ser da *Acçao* , nem do argumento ,
 Nem da sua *Unidade* : deduzido
 Nos persuade , e nos insta o bom sentido
 Que elle seja da *Fabula* ; e quizera
 Que só por este modo se fizera.

Deve a *Proposiçao* ser clara , e breve ,
 Modesta , e comedida , sem ornato ,
 Sem pompa , sem furor , sem apparato :
 Alguns querem que nella naō se inculque
 Pelo seu nome o *Heróe* , mas que se entenda
 Por hum nobre períphrase : presumo
 Ser esta circunstancia , sem motivo :
 Homero naō sentio que era nocivo
 O dizer no principio expressamente ,
 Que de Achilles a ira he que cantava.

Como a *Epicā* antiga assegurava
 Que o Poeta naō sabia esse destino ,
 Com que movia a *Acçao* o ser divino ,
 Justamente entendeo ser necessario
 Hum Nume , que por modo extraordinario
 Lhe desse esta noticia : desta ideia

Sahio a *Invocaçāo* de hum Deidade,
 Para propicia a ter na escuridade
 Dos successos occultos , intimando ,
 Com este presupposto , que refere
 Os casos , que não pódem conhecidos
 Ser de hum discurso humano , porque logra
 Na sua remontada fantesia
 Tudo quanto se esconde á luz do dia.

Na *Epica Christaa* também se deve
 Desterrar a influencia fabulosa ,
 Que neste falso Nume se julgava :
 Além que a santa maxima se agrava
 Desta superstiçāo , o *verisimil*
 Não consegue a decente propriedade :
 Invoquemos o Nume verdadeiro ,
 Que sómente , com alta providencia ,
 Nos pôde conceder tanta influencia.

A *Narraçāo* se julga , e se concebe
 Pela parte mais nobre , e mais distinta
 Do corpo da *Epopeia* : nella se acha
 A *inteireza* da *Acçāo* , o seu *principio*
 O seu *meio* , e o seu *fim* ; os *episodios* ,
 Os *costumes* , os *genios* , os *affectos* ,
 Todas as *luzes* , todos os *objectos*

De

De fabrica taõ alta : he lei precisa
 Que ella seja admiravel na materia ,
 Que já era em si mesma portentosa ;
 E que seja tambem maravilhosa
 Naquella , que o naõ era , com ajuda
 Do engenho , e do artificio : o extraordinario
 Da *Acção* , e inda o caracter necessario ,
 Que se deve ao *Heróe* , e tudo aquillo
 Que *maquinas* chiamamos , contribue
 No excesso , com que alegra , e com que brilha ,
 Para taõ grande , e illustre maravilha .

Poucas vezes ao Poeta se concede
 Que narre por si mesmo ; pois narrando
 Naõ pôde imitar bem , fendo este o empenho
 Mais vivo deste Poema : as *personagens* ,
 Que introduz a *Epopeia* propriamente
 Saõ sómente as que dizem : foi Homero
 Neste preceito hum epico severo ;
 Raras vezes fallava , e sempre havia
 Quem toda a *narraçao* satisfazia .

Desta o tempo se encontra na disputa :
 Quarenta e sette dias se descobrem
 Na Iliada , e mais onze na Odyssenia
 Mas daqui naõ se tira algum preceito

Nem o deo Aristoteles : acceito
 He o tempo de hum anno commummente
 Neste, ou naquelle Mestre intelligente.

Se a *narraçāo* começa pelo *meio*
 No artificio se funda , mas se rompe
 Talvez pelo *principio* , esta se chama
 Natural : huma , e outra se concede
 Ao arbitrio do metro : tem louvores
 As duas eleiçoens nos escriptores.

A *sentença* nas *Epicas* se julga
 Por maxima moral , mas deve usar-se ,
 Com bastante cautella : da *Epoepia*
 A feliz *narraçāo* he todo o objecto ,
 E naõ a *exhortaçāo* : em fim o *estylo*
 Deve ser , como já temos notado ,
 Sublime , ardente , energio , elevado ,
 Cheio de imagens phrases , e figuras ,
 Mas nesta elevaçāo nunca offendida
 Deve ser a cadencia , a suavidade
 A constancia , a harmonia , a claridade.

Finalmente a *Bucólica* se ordena
 Na campanha , e na estancia mais amena ,
 Onde o ocio feliz dos camponezes

Na sua Lyra rustica suspiraõ,
 Ou se alegraõ , cantando os seus amores :
 Talvez passando a clausulas melhores
 Na sua pastoril Philosophia ,
 Com mais util , e nova melodia ,
 Inquirem , sem paixaõ , nem subtileza ,
 O encoberto vigor da Natureza.

Muitos querem dizer que hum tosco objecto
 Seja só o argumen̄o deste *Drama* :
 Que naõ deve deixar a molle grama ,
 Os bosques , o arvoredo , o rudo canto ,
 Ou da gaita , ou da frauta , ou do Psalteiro ,
 Que naõ se trate mais , que do rafeiro ,
 Das migas , das çamarras , e do gado ,
 E que este seja só todo o cuidado
 De huma *Scena* campestre : eu naõ approvo
 Este inerte , este misero preceito ,
 A's vozes dos pastores : naõ implique
 Que tambem a Floresta fructifique
 As ideias moraes , e que debaixo
 De algum canto grosseiro , se conheçaõ
 Os preciosos thesouros da virtude :
 Assim dos camponezes o alaûde
 Pôde erigir nos paramos amenos
 Alguma vez os mysticos Sylenos

Do famoso Alcibiades , gravando
 No pedestal a letra que o *mais nobre*
Nos simulachros rusticos se encobre.

Que seja o mesino estylo das Aldeias ,
 Onde se occultem próvidas ideias
 Pertendem muitos , e eu tambem sobrescrevo
 Esta mesma opiniao , pois a palavra
 Seguir deve o carácter da pessoa ;
 E de outra sorte o *Drama verisimil*
 Nunca pôde ficar : em Garcilasso ,
 Em Camoens , em Virgilio , naõ se observa
 Esta lei da *Bucólica* , conserva
 A Musa na campina o mesmo estylo ,
 Que se acha na Cidade : naõ me obriga
 Este exemplo a fazer com que eu prosiga
 Estes termos polidos nos pastores .

Presumo que aqui tendes as melhores
 Advertencias , que pude descobrir-vos ,
 Por dar satisfaçao a tanto empenho ;
 E deixo o mais á luz do vosso engenho .

F I M.

SE-

SEGUNDAS LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

E Stá conforme com o original. Estrella 29. de Março de 1765.

Fr. Francisco de S. Bento.

P O'de correr. Lisboa 29. de Março de 1765.

Trigozo. Lima.

DO ORDINARIO.

P O'de correr. Lisboa 29. de Março. de 1765.

D. J. A. de Lacedemonia.

DO DESEMBARGO DO PA,CO.

Q Ue possa correr , e taxaõ em duzentos reis. Lisboa 19. de Abril de 1765.

Carvalho D. Velho. Affonseca Castro. Craesbeck.

E R R A T A S.

Paginas	regras	erros	emendas
3	9	brilhante	brilhante
5	15	eterna	etherea
15	4	affago	afogo

Ficaõ-se imprimindo as mais Obras do mesmo Author.

PALACIO DO SOL,
OU
PANEGYRICO
GRATULATORIO,
QUE AO MUITO ALTO,
PÓDEROSO REI
DA GRAN-BRETANHA,
DE ESCOCIA, DE IRLANDA;
&c. &c. &c.

E a toda a Nação Britanica

DEDICOU

FRANCISCO DE PINA,
DE SA', E DE MELLO,

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima, e
Academico da Academia Real da Historia Portugueza,*

Pelo Magnifico socorro, que deraõ a Lisboa na
calamidade do Terremoto.



LISBOA:

Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA,
Impr. do Ser. Senhor Infante D. Pedro, e da Sagrada Religiao de Malta.

MDCCLXV.

Com as licenças necessarias.

JOE@O.013A.M.
07/11/2015

ARGUMENTO DA OBRA.

Dormia o Author, e se lhe representava a Caverna de Morpheo, aonde entrou a Fama inquietando o silencio daquelle lugar com o estrondo da sua trombeta: Morpheo, e as sombras somnolentas, que lhe faziaõ a Corte, se deixáraõ ficar no seu profundo lethargo: Vendo a Fama que só o Author se commovia, e julgando digna a sua attenção de hum impulso sublime, o arrebata ao Palacio do Sol, em que se via historiada com esplendidas imagens a Ascendencia da Casa de Bruns-vwick: Explica-lhe a Fama esta brilhante Genealogia; e chegando com ella a Jorge I. Rei da Gran-Bretanha, eis-que de improviso se extremece toda a maquina Celeste: Grita Apollo por Mercurio, para se informar das causas desse horrivel Phenómeno: Sobe o Nuncio dos Deuses á presença de Apollo, e lhe faz huma narraçao do terremoto de Lisboa, e de como Inglaterra soccorreu a Portugal nesta lastimosa calamidade: Suspenso ficou Apollo do magnifico auxilio: Louva a grandeza do Rei, e mostra que não consiste nas emprezas belliças, e na falsa gloria das Conquistas a heroicidade; mas nos

impulsos daquella alma grande , que acode ás misterias da Natureza.

Ainda que a immortalidade dos Principes só se alcança depois da morte , e entaõ he que tinha lugar a Apotheoseos com que os Romanos pertendiaõ divinizar os seus Imperadores , determina Apollo que se confira ao Rei Jorge II. este Soberano aplauso , mandando-lhe para isso erigir huma Estatua no Throno Celeste ; e depois de a vivificar com os seus resplandores , a saúda com aquelle Elogio de que se fazia taõ digno o seu alto merecimento.

Inspira entaõ a Fama no clarim dourado todos os esforços da sua harmonia : Acorda o Author ao ruido , e conhece que o sonho se converte em verdade , e em historia a fabula.

PALACIO DO SOL.

CAhia a sombra dos mais altos montes,
Apagava-se a luz dos Orizontes :
Sobre o nocturno plaustro apparecia
A trifórmie Deidade ; e a noite abria
Das negras azas a mortal tristeza
Com que enluta , e adormece a Redondeza.

Emmudeceu o mar , calou-se o vento :
Em profundo lethargo o humano alento
Apenas respirava , quando a imagem
De huma funesta , concava voragem
Na ideia se me expõem : rotura estranha ,
Cayada no mais fundo da montanha.

Nunca alli entrou Phebo : pela boca ,
Em que alenta , ou talvez em que suffoca
A muda indigestão do escuro Abysmo ,
Aborta hum vaporoso parocismo :
Mal se percebe o raio duvidoso .

En-

Entre as nevoas do centro tenebroso :
 Naó ruge a féra , naó modula a aye ,
 Nem o Fayonio com rumor suave
 Suspira pelos ramos do arvoredo :
 Habita a quietaçāo , viye o segredo
 Na phleugmatica estancia , onde o cuidado
 Jaz em mudo silencio sepultado.

Sem uso , ou sem vigor de algum sentido
 Rege Morpheo o globo denegrido
 Da medonha caverna : os assistentes
 Da Corte opaca , effigies apparentes
 Saó de hum vago tropel , que em curso errante
 Se forma , e se desfaz a cada instante.

Neste confuso assombro me julgava
 Quando na Corte de Morpheo entrava
 Hum monstro de cem linguas , que applicando
 A trombeta a cem bocas , retumbando
 Ficou na desigual concavidade
 Por largo tempo a horrenda suavidade.

Naó abre os olhos ao canoro accento ,
 Nem sente o estrondo o Nume somnolento :
 Vê-se na mesma infausta decadencia
 Toda aquella phantastica apparencia ,

Que

Que junto ao leito infame adormecia :
Infeliz , malograda phantasia ,
Que nem inda desperta quando exclama
O dourado clarim da eterna fama !

Vendo a Nympha que eu só me commovera
Com o alto clamor , que reverbera ,
Ou se extende no templo da memoria ,
Julgando-me capaz de maior gloria ,
Quando menos o cuido me arrebata
Aos Orbes Celestiae , onde retrata
Tantas vezes nos circulos ligeiros
A clara multidaõ dos seus luzeiros.

Naõ sei como a fulcár o ardor se atreve
Por golfos de crystal , ondas de neve :
Náufrago me veria na tormenta
De tanto resplendor , se a Fama attenta
Aos deliquios , que move a luz preclara
As minhas distracçoes naõ amparára.

Sobimos sobre as nuvens ; mais acima
Considero que o Fogo legitíma
Do Peripato a seita ; e foy ideia :
Diana , Mercurio , e Venus me recreia ;
Porém naõ percebi naquellea estrada

A mas-

A massa globulosa , ou estriada ;
 E os trubilhoens se agitaõ nestas partes
 Menos , que no discurso de Des-Cartes.

Desejei dilatar-me a ver se apuro
 Qual dos systemas era mais seguro :
 Se Copérnico a prova naõ contrahe ,
 Que fará Ptolemeo , ou Tycho-Brahe ?

Puxava entaõ por mim a excelsa guia
 Para entrarmos na Sála , aonde o dia
 Tem a esplendida fonte : Apenas vejo
 A máquina feliz , em que o desejo
 Era menor , que a vista , entaõ adverte
 A minha intelleçaõ na sombra inerte ,
 Em que o sonno me tinha submergido :
 Entaõ me persuadî que o meu sentido
 Atélli entre sonhos me enganava :
 Entaõ me pareceo que despertava ;
 E illustrado do assombro , e do luzeiro .
 Presumî que era tudo verdadeiro ,
 E affirmava que em bem taõ Soberano
 Naõ podia a ficçãõ formar o engano.

Era a casa do Sol hum Ceo propicio ;
 Em que o rotundo aspecto do Edificio

Ergui a hum pavelhaó resplandecente
Sobre columnas de crystal luzente:
Na fabrica immortal em torno gyra
Huma arquitrave , ou zona de zaphyra :
De Apollo á chamma ardiao no Palacio
Os fundos do diamante , e do topacio :
No rubi , na esmeralda se mistura
O incendio , em que reflecte a arquitectura
E a ardente opposiçao das varias cores
Accende mais a luz dos resplandores.

Com inveja , ou pavor do triste Herébo
N'hum throno de marfim descança Phebo :
Parece que orbicula no Orizonte
Com Eoo , Pyrois , Phlegon , e Ethonte :
A outros se lhe finge que tempera
Sempre firme no diâmetro da esphera
Dos quatro brutos a paixaõ brilhante ,
E scintillando a colera arrogante
Formaõ nas ventas , que o fervor lhe inquieta ,
De cada alento a cauda de hum cometa.

Alli entre as estampas brilhadoras
O anno , o mez , o dia , einda as horas ,
Repartidas em quartos , e minutos
Serviaõ de luzidos estatutos

Ao compasso do tempo : Alli se achaya
 Nos objectos , que Apollo illuminava ,
 Com mais doce semblante o senhorio
 Do Outono , Inverno , Primavera , Estio.

Engolfados os olhos , e o discurso
 Em tantas maravilhas , o concurso
 Destes raros portentos me separa
 De fixar a attençao na ideia clara
 De algum destes objectos : confundido
 Ficaria no espanto o meu sentido
 Se na aurea , fulgente variedade
 Naõ distinguira a etherea magestade
 Hum congresso de estatuas , de que as pianhas
 Eraõ globos das plácidas campanhas ,
 Onde parece que no excelso Polo
 Mais se augmentava a luz do mesmo Apollò.

Embebido no empenho da esculptura
 Hum assombro me expõem cada figura ,
 Vendo sempre hum prodigo em qualquer
 parte ,
 Que a vista pelas copias se reparte :
 Taõ animadas , que a razaõ vencida
 Permitte ao bronze que pertenda a vida :
 Taõ brilhantes , que o Olympo se receia

De

De que Phebo conceda a ousada ideia
De contar tanta imagem peregrina
Entre os Numes da estancia crystalina.

A Nympha , que me via arrebatado
Em taõ Celeste , em taõ feliz traslado ,
Inda remonta mais o meu alento
Na historia do elegante luzimento.

Esta primeira estatua onde dirigem
Teus votos a attençao , he alta origem
(Canta a Fama) de hum ramo portentoso ,
Que por destino , e influxo luminoso
Passou de Hannover , com seu curso ardente ,
Da Gran-Bretanha ao Throno preeminente.

Este he *Accio* , (a) Varaõ de eterna gloria,
Que affecta no exemplar inda a memoria
De outro invencivel Accio , que na idade
Do quinto Rei de Roma , a claridade
Deo com suas acçoeens ao Exquino ,
Ao Celio , ao Quirinal , ao Palatino.

(a) *Accio , ou Actius viveo pelos annos de 390. da era Christian : era descendente de Actius , que floreco no Reynado de Tarquinio Prisco , 600. annos antes de Christo.*

Hum *Accio* novo (a) tanto ardor Celeste
 Segue na direcção do Estado de Este ,
 Donde Aurelio , (b) Tiberio , (c) e Affonso
 (d) anima

A mesma descendencia que os sublima
 Nos gráos da Successão , no impulso , e brio ;
 Com que se forma o illustre Senhorio ,
 E a pompa da Familia , que descança
 Na Egregia ancianidade da lembrança.

Maximo (e) a tinha explendida sustenta
 No mesmo Principado , e tanto augmenta
 Os luzeiros , que o tempo naó consome ,
 Que enche toda a medida do seu nome.

Em *Guelfo* , (f) e *Henrique* , Duques de
 Baviera ,
 O sangue de Este brilha , e se prôspéra
 Na Progenie immortal : Inda que *Henrique* (g)
 Des-

(a) *Este Accio* foi Director do Estado de Este , morreu em 411.

(b) *Aurelio Accio* foi Senhor de Este , morreu em 418.

(c) *Tiberio* , Senhor de Este , morreu em 428.

(d) *Affonso* , Senhor de Este , morreu em 438.

(e) *Maximo* , Senhor de Este , morreu em 538 .: Este procedem os Duques de Ferrara , e de Modena.

(f) *Guelfo* , Duque de Baviera , morreu em 1101.

(g) *Henrique* , chàmado o Negro , foy Duque de Baviera , morreu em 1125 : casou com *Wilfsilda* , herdeira de Magno , Duque de Saxonìa .

Dessa estatua na cor te certifique
O appellido de *Negro*; este appellido
O fez mais luminoso, e esclarecido;
Pois o accidente adusto do semblante
Era hum nobre signal do ardor brilhante;
Queimando o fogo, que no peito hospéda
A parte, em que batia a levareda.

Outro *Henrique*, (a) que o nome de *Soberbo*,
Alcançou com o impulso sempre acerbo,
Que Marte ao genio militar inspira,
Prosegue neste globo de *Zaphyra*
A excelsa producção: Foi Soberano
De Baviera, e Saxonia: Inda o Thebano
A milicia aprendera nas façanhas,
Com que illustrou as bélicas campanhas.

Outro *Henrique*, (b) do espirito guerreiro
Mais, que do Estado, singular herdeiro
Foi Senhor de *Brunsvwick*: em toda a em-
preza

Mo-

(a) *Henrique*, chamado o *Soberbo*, foi Duque de *Baviera*, e *Saxonia*, morreu em 1139.: casou com *Getrudes*, filha herdeira do Imperador *Lothario*, que por sua mulher era tambem Senhor das terras de *Brunswick*.

(b) *Henrique*, chamado o *Leão*, Duque de *Saxonia*, e *Baviera*, e Senhor de *Brunswick*.

Mostrou a mais sublime fortaleza :
 Acçoens , com que os Esteropes , e Brontes
 O retratáraõ como Rey dos Montes :
 Vaticinio feliz estas medalhas
 Se fizeraõ das inclytas batalhas ,
 Das proezas , dos animos ardentes
 De tantos militares Descendentes.

Aquelle , que alli vêz com a Diadema
 Illustrando do Imperio a luz Suprema
 He Otton de Bruiusvvick : (a) seu Filho (b)
 teve

O mesmo nome , e a elle he que se deve
 O dominio , em que alenta Lunneburgo :
 Ajuntando aos dictames de Lycурgo (c)
 As regras de Mavorte , o altivo acerto
 Em hum , e em outro respeitado Alberto (d)
 Reproduz tanta maxima fecunda :

Ma-

(a) Otton de Brunswick foi eleito Imperador em 1208. : morreu em 1218.

(b) Otton , chamado o Menino , foi o primeiro Duque de Brunswick , e de Lunneburgo : morreu em 1252. : casou com Mathilde filha de Alberto segundo Margrave de Brandenburgo.

(c) Alberto Duque de Brunswick , e Lunneburgo , casou com Isabel , filha de Henrique , Duque de Brabante : morreu em 1279.

(d) Alberto Pinguis casou com huma filha de Henrique o velho , Principe dos Vandalos , morreu em 1318.

Magno Torquato (a) de esplendor a inunda,
Competindo do nome a antonomasia
Com esse insigne vencedor da Ásia.

Bernardo (b) naó se aparta deste incendio :
De tanta gloria ao rápido compendio
Se exalta hum *Federico* portentoso , (c)
Com o preclaro nome de *Piedoso*.

O *Magnanimo Otton* (d) a Estirpe esmalta
Com gloriofa ambiçaõ : Naó menos alta
A faz *Henrique* o moço : (e) o Forte *Ernesto*, (f).

Que

(a) *Magno Tórquato*, *Duque de Brunswick*, casou com *Catharina*, filha de *Waldemaro*, *Eleitor de Brandenburgo*.

(b) *Bernardo*, *Duque de Brunswick*, e *Lunneburgo*, casou com *Margarida*, filha de *Wenceslao*, *Eleitor de Saxonia*: morreu em 1434.

(c) *Federico o pio*, *Duque de Lunneburgo*, casou com *Magdalena*, filha de *Federico*, *primeiro Eleitor de Brandenburgo*, morreu em 1478.

(d) *Ottón*, chamado o *Magnanimo*, *Duque de Lunneburgo*, casou com *Anna*, filha de *Joaõ*, *Conde de Nassau*, morreu em 1491.

(e) *Henrique Junior*, *Duque de Lunneburgo*, casou com *Margarida*, filha de *Ernesto*, *Duque de Saxonia*, morreu em 1532.

(f) *Ernesto*, *Duque de Zell*, casou com *Sophia*, filha de *Henrique*, *Duque de Meldenburgo*, *Príncipe dos Vandalos*.

Que de Zell o Ducado manifesto
 A^os idades expõem , ao tempo indica
 A gloria , qne lhe augmenta , e communica
 No rapto excuso de huma intelligencia ,
 Que anima o resplendor da Descendencia.

Seguem *Guilhelmo* , (a) e *Jorge* (b) o egregio lume
 Dos esforços sublimes , que no cume
 De taõ invicta origem se descobre :
 Com as instancias deste influxo nobre
 Se illustra em Lunneburgo o Principado :
 E inda mais venturoso , e illuminado
 Ficou , com as acções de *Ernesto Augusto* , (c)
 Que enchendo de pavor , de medo , e susto
 De Marte o alento , nunca tanta gloria
 Se apagará no templo da memoria.
 Duque , e Eleitor de *Hannover* lhe domina

O Fa-

(a) *Guilhelmo Junior* , *Duque de Lunneburgo* , casou com *Dorothaea* , filha de *Christiano* , terceiro Rei de Dinamarca : morreu em 1592.

(b) *Jorge* , *Duque de Lunneburgo* , casou com *Leonor* , filha de *Luiz quinto* , *Landgrave de Hesse Darmstadt*.

(c) *Ernesto Augusto* , *Duque* , e primeiro *Eleitor de Hannover* , casou com filha herdeira de *Federico quinto* , *Eleitor Palatino* , e de *Sophia* , *Princeza de Inglaterra* , pela qual lhe veio o direito com que esta Casa foi chamada pelos Inglezes ao Throno da Gran-Bretanha.

O Fado húmā Princeza Palatina ,
Neta de hum Rei Britano , que o direito
Lhe traz de ser chamado , e ser acceito
Ao Solio Magestofo ; e que importuna
De balde o precipicio da Fortuna ;
Pois mais firme inda está entre os altares ,
Que heroicamente erige sobre os mares.

Seu Filho *Jorge Luiz* foi o primeiro , (a)
Que de Jaques se fez glorioso herdeiro ;
E em que a sorte no alento , que lhe excita ,
Toda a gloria do sangue felicita.

Aqui chegava a Fama quando o ruido
De hum incognito impulso , estremecido
Deixou o quarto globo , parecendo
Que á violencia fatal de hum golpe horrendo
Se rompiaõ , com misera ruina ,
Os eyxos da estructura crystallina.

Vacillantes talvez , ou mal seguros
Os Trópicos , Polares , e Coluros
Descahiaõ do vinculo rodondo

c

Ao

(a) Jorge Luiz , seu Filho , e primeiro deste nome , e
Família no Solio Britanico , casou com Sôphia , filha her-
deira de seu Tio paterno Jorge Guilhelmo , Duque de Zell.

Ao repentino horror do enorme estrondo.

Apollo , ou temeroso , ou perturbado
Na desordem do arrojo inesperado
Perdendo foi a luz ; e parecia
Que a noite entrava , sem correr o dia.

Entre os assombros do tremendo annuncio
Gritava o Deos fulgente pelo Nuncio ,
Que humas vezes , com subito rodeio
Se faz embaixador , outras correio :
Ouve o filho de Maia a voz canora ;
Traça as roupas ; e apenas se melhora
Sobre os hombros do vento , fende os ares.
Com as rápidas pennas dos talares ;
Chega ao Solio brilhante , aonde espera
Que o mande o Director da quarta esphera.

Qne insulto hōrrivel (diz Apollo) he este ,
Que desordena o vinculo Celeste ?
Falseia a firme báse ; em que se funda
Todo o pezo da maquina rotunda ?
Tu , que vadeias em continuo alento
Tudo o que vai do Abysmo ao Firmamento ,
Dá-me a saber o estranho parocismo
Que ha desde o Firmamento até o Abysmo.

Naō

Naõ he esta (ó Apollo) a vez primeira,
Que de hum hálito a colera estrangeira ,
(Mercurio lhe responde) ou a arrogancia
De ardente mineral , na tolerancia
De se ver entre o carcere opprimido ,
Se revolva , e arrebente enfurecido ;
E que no arrojo do Elemento vago
Sinta a Esphera o tumulto , a Terra o estrago :
Mas o choque fatal , a ignea guerra ,
Que com o Fogo , e o Ar teve hoje a Terra ,
Foi taõ dura , e violenta , que eu julgava
Que o barbaro furor da luta brava
Novos Typheos , e Encélados fingira
Para escalar os globos de Zaphira.

Na força do combate hia defronte
Do Emporio Lusitano : Este Orizonte
Me expoz a Scena , que o furioso emprego
Fez nesta fundaçao do Sabio Grego.

A' vehemencia dos horridos impulsos ,
Em que gemem os circulos convulsos ,
Rodaõ miseramente os edificios :
Com funestos , enormes precipicios
Se abatem quantas fabricas apura
A douta ostentação da arquitectura.

Torres , Palacios , Templos , e Zimborios ,
 Da Cidade elegantes promontorios ,
 Huns em cima dos outros se despenhaõ :
 As subterraneas coleras se empenhaõ
 A naõ ficar na insólita batalha
 Balcaõ , cornija , capitel , cimalha ,
 Que naõ pague a phantastica ousadia
 De subir , sem saber onde subia.

Em hum momento fica sepultado
 Debaixo do furor precipitado
 Hum numero , sem numero , de vidas :
 Entre o horror dos penhascos submergidas
 As riquezas se choraõ , que o Universto
 Alli depositou : o Fado adverso
 Naõ satisfeito da oppressaõ , que apoia
 Muda em outra Carthago em outra Troia
 A Cidade infeliz ; e noya ruina
 Com as chammas vorazes lhe fulmina ,
 Para que devorasse o incendio ignoto
 Quânto havia indultado o terremoto.

Enrolavaõ-se em miserios resumos
 Versateis orbes dos espessos fumos :
 Resuscitavaõ das marmoreas quedas
 As furiosas , errantes leyaredas :

A luz ,

A luz , e a densidade se confunde :
Em toda a parte o espanto se diffunde :
Naõ ha mais na extensaõ dos tristes gyros ,
Que horror , assombro , lagrimas , suspiros .

Aqui o Fogo , a Terra , e o Ar se ajunta
Para a Cidade ver , naõ só defunta ,
Mas convertida em cinza ; e falta a Agoa
Para estar conspirada toda a fragoa
Dos Elementos na violencia Eôa
Contra a invejada gloria de Lisboa .

Nem a Agoa faltou ; pois os cavallos
De Neptuno , aos terrificos abállos
Com que pulava o golfo , se rebellaõ
A doutrina das redeas ; e encapellaõ
De sôrte as ondas no furor , que agitaõ ,
Que os mares sobre os mares precipitaõ ;
Redobrando-se as liquidas montanhas
Sobre o estrago das miseras campanhas ,
Talvez com o phrenético alvoroço
De terem tambem parte no destroço .

Clamava o Deos marinho sem que o em-
penho
De tanta voz o rustico despênhos
DOS

Dos ceruleos frizoenes atropellasse :
 Se neste rudo estimulo empunhasse
 O Ceptro formidavel das tres pontas ,
 Ao seu pezado vinculo mais prontas
 As submissoens dos brutos estariaõ ;
 Porém havia tempo , em que se viaõ
 Sem a insignia que a furia lhe applicava ,
 Que a hastea dura da trisulca clava
 Tinha no arrojo , com que as ondas moye
 Arrancado do punho ao Irmaõ de Jove
 A Britanica gloria , sustentando
 Dos ventos o poder , do golfo o mando
 No pavelhaõ da esquadra vencedora ,
 Desde a sombra do Occaso á luz da Aurora.

Com tanta furia , e força desmedida ,
 De hum , e outro Elemento combatida
 A Augusta Povoação ; funesta raia
 Do pavor ficou sendõ : Tudo he praia
 O que foi edificio : Esses fragmentos ,
 Que a ira desprezou dos Elementos ,
 Huns no destroço apenas encostados ,
 Outros rotos , e os mais , despedaçados ;
 Pállidos , denegridos esqueletos ,
 Miseraveis porçoens , tristes objectos
 Da vista , ou da lembrança , só ficáraõ

En-

Entre a cinzâ , em que as pompas se trocâraõ,
Servindo na fatal calamidade ,
De padroens lastimosos da saudade.

Na sombra das reliquias , onde a fôrte
Examina os escandalos da morte .
Taõ grande horror se infunde , que a ternura
Na mesma compaixaõ se desfigura ,
Pois quando a dor na lastima se enlaça
Inda os ays se exasperaõ na desgraça.

Tudo em mortal tristeza , ao longe aõ perto ,
Tudo em silencio estã , tudo deserto ,
Tudo em luto , em miseria , e em pranto mudo ,
Tudo , sem ordem , sem alento , tudo .

De tanto luzimento , tanto indicio
De excelsa pompa , de esplendor próprio ;
De tanta ostentaçao , tanta riqueza ,
De tanta gloria , em fim , tanta grandeza ,
Naõ acha mais que a ideia vacillante
De huma afflîcta memoria , o navegante.

Já naõ soffria a magoa que me affisté
Tantas espécies de hum objecto triste :
Destas auras me aparto ; á Anglia terra

Se

Se encaminha o meu rapto ; alli se encerra
 O meu allivio todo : alli respiro
 Nas varias conversoens do errante gyro :
 Erario do Commercio , Patria Augusta
 Do esforço , e da equidade ; è onde se ajusta ,
 Ou já no Gabinete , ou já na popa
 O equilibrio fatal de toda a Europa.

Eu o primeiro fui que ao Rei Britâno
 Fiz patente o destroço Lusitano :
 O Regio coraçao se commovia
 Em cada novo artigo , que me ouvia :
 Penetrado do estrago lastimoso
 Entre os golpes do peito generoso
 Suspira heroicamente ; e fora a ancia
 Capaz de remover toda a constancia
 De huma alma invicta , se em taõ alta esphera
 Algum deliquio do valor coubera.

Ao remedio , ao allivio logo applica
 Todo o impulso sublime : communica
 A inclyta Naçao a heroicidade
 Do seu excelfo estimulo , persuade
 Inda mais taõ esplendido designio
 Que a eminente attençao do patrocinio.

Enchém-se as náos de todo o furtimento
Que podia caber no pensamento
De hum magnanimo espirito ; a milhares
Se reparte o socorro ; hombros os mares
Nem força tem , que possa ser confórme
A gloriosa oppressão da carga enorme.
Parecia que as ondas se animavaõ
De occulto alento , quando sustentavaõ
Em cima das espadoas vacillantes
O pezo , com que as máquinas nadantes
Encurvaõ no seu gyro arrebatado
A inchada presumpçaõ do golfo irado.

Neptuno indocil , que em perpetua luta
Tinha apurado a válida disputa
Sobre o Ceptro da liquida campanha
Com o alto poder da Gran-Bretanya ,
Agora suspendido na piedade
Desta gloriosa acção , que a claridade
Do Heroismo yerdadeiro , põem notoria
Nas láminas eternas da memoria ;
Mudando de designio , e de conceito
Tudo o que inveja foi , he já respeito :
E em signal deste obsequio ; determina
Convocar toda a prole crystallina
Para escoltar na placida derrota

O undivago esplendor da illustre Frota.

Apparece no pégo de improviso
 Esse monstro feróz , que o regio aviso
 Costuma dar ao Imperio vagabundo :
 No buzio retorcido o alento immundo
 Esforça com taó súbita harmonia ,
 Que aballando a estanhada Monarchia ,
 Naó houve abysmo , nem profunda estancia ,
 Que naó movesse a horrivel consonancia.

Borbulha o clyma vago ao mesmo instante ;
 E do velho Protheo o povo errante
 Sobre as agoas se expóem : Vem Amphytrite ,
 Vem Thetis ; e o prodigo de Aphrodite
 Desce ao Mar : Ninguem ha que naó presuma ,
 Gyrando nos crystaes da branca escuma ,
 Satisfazer á lei , que lhe decreta
 O curvo horror da barbara trombeta.

Dos verdes Numes em cortejo nobre
 A Corte formaó no esplendor salobre
 As filhas de Nereo (bellos assombros
 Do maritimo Reino) sobre os hombros
 De escamofos Tritoenos , o mar yadeiaõ :
 Os amantes Favonios se recreiaõ .

Nos seus doces semblantes : Sopra o Austro
Sobre a concha feliz que erige o plaustro
De huma , e outra Deidade ; e o brando alento
Encrespando as planicies do elemento
Incha a roupa das Nymphas , que batida
Da inspiraçao alegre , que a liquida ,
Burrifida talvez da undosa prata ,
Finge nos ares toldos de escarlata.

Varios monstros marinhos , que seguião
A illustre committiva , confundiaõ
No rudo som dos caracóes sonoros
Naõ só o acorde estimulo dos coros ,
Que as Deosas alternavaõ , mas apenas
Se ouve o cançado estrondo das antennas ,
Das cordas , e da chusma , repetido
Na fadiga do nautico alarido ;
Equivocado nas moçoens brilhantes
O continuo feryor dos navegantes.

Authoriza Neptuno a perspectiva
Da portentosa escolta ; e a força esquiya
Dos indomaveis brutos , se tempéra ,
Vendo erigido em mais alta esphera
O invencivel Tridente , que se arvora
Na fachada da Frota bfilhadora ,

Em signal dos esforços Militares ,
Com que as ondas opprime , e vence os mares.

Se foi a Agoa , o Fogo , o Ar , e a Terra
Quem fez a Portugal a dura guerra ,
Os mesmos Elementos obrigados
De Lei mais alta , mais sublimes Fados ,
Hoje pertendem com melhor conflito
Expurgar no remedio o seu delicto :
O Fogo tantas almas preeminentes
Estimula ao auxilio : diligentes
As auras batem nas inchadas vélhas :
Naó se lembraõ as ondas das procéllas :
E a generosa terra se traslada
Para a terra , que está desamparada.

Bem podereis , ó Náos , ter a ventura
De seres convertidas na figura
De Deidades maritimas ; que Eneas
Da piedade taõ próvidas ideas
Nem Tencros , nem Latinos lhe notáraõ ,
Quando as suas em Nymphas se mudáraõ.

Se colloca nos Astros a memória
De Jafon o Navio , pela gloria
Que no roubo alcançou do Vellocinô ,
Quan-

Quanto mais promptos a melhor destino
Sois , ó lenhos velozes , nesse arrojo
Com que fulcais o Mar , sem que o despojo
Conduzais de huma míséra jactancia ,
Mas sim toda a magnifica abundancia
De hum illustre thesouro , em que duvida
No excelfo assumpto a ideia agradecida ,
Se foi no auxilio da fatal tristeza
Maior a compaixaõ , do que a grandeza.

Mercurio aqui ficava quasi absorto :
Tambem Apollo n'outro igual transporth
Se via com taõ alto desempenho
Do Regio Coraçaõ ; cujo desenho
Em tudo o que executa , alenta , e fabe ,
Obra , e dispõem , parece que naõ cabe
Com todo o resplendor da intelligencia
Na mais vasta , e feliz magnificencia.

O^r gloria de Brunsvick (Apollo exclama)
Heróe mais digno de perpetua fama ,
Que nenhum dos que expõem tanta diviza
Nas láminas que o Olympo solemniza :
Nem Pyrrho forte , nem Achylles fero ,
Bem que anîme o clarim o ardente Homéro ;
Alcides , ou Theseo , ou outro humano
Teu-

Teucro , ou Latino , Argolico , ou Romano
 Pode nunca contigo comparar-se :
 Inda que na ficçāo chegue a formar-se
 Outro Héróe das mais inclytas façanhas ,
 Como fez Thebas nas acçoens estranhás
 Que adoptou ao seu Hercules , naó fora
 Nunca taō immortal , taō vencedora
 Do tempo , e do lethargo , a maravilha ,
 Comó aquella grandeza , que hoje brilha
 No ethereo Movel , onde o azul caderno
 Fará dē dia em dia hum gyro eterno.

Huma quasi Divina natureza
 Poz da Mythologia a subtileza
 Nesses Varoens insignes ; conjectura
 Taō falsa , como erronea : A grande altura
 De hum animo sublime , naó consiste
 No enfermo impúlso , na vangloria triste
 De opprimir , e arruinar a especie humana :
 A gloria mais feliz , mais Soberânia ,
 Os dotes eminentes , com quē aspira
 Hum mortal aos assentos de Zaphyra ,
 E que lhe alcança em alto luzimento
 De hum Semideos o illustre nascimento ,
 Naó he quando se mostra ao debil , fórte ,
 Naó he quando introduz o estrago , e a morte ,
 O in-

O incendio , a guerra , os males no Universo ,
He só quando combate o Fado adverso ,
Quando applica o benévolo sentido
A^o misera cadencia do gemido ,
Quando acode ao afflito , quando ampara
O rogo , em que se irrita a fórte avara.

Tinja embora , entre as barbaras phalanges ,
Do Hidaspe as ondas , o crystal do Ganges ,
Sempre triumphante o filho de Filippe ,
Que nunca pelas agoas de Aganippe
Ha de passar o alento criminoso ,
Com que se expôs ao mundo , Victorioso ,
Destruindo , com feia anthonomasia ,
Taõ insolente a Grecia , como a Ásia.

Persuadaõ-se os Monarchas que a excellencia
Naõ procede da béllica potencia
Que se leva ás Provincias : a Conquista ,
Em que o valor mais alto se regista ,
He fazer com que ao mal vença o remedio :
A força , a indignaõ , o horrõr , o assedio
He para a irracional , barbara furia
De tudo o que conspira á céga injuria
Da nobre humanidade : Huma alma grande ,
Por mais prodigios que á memoria mande ,

Nun-

Nunca pôde provar que he mais sublime ,
 Que a dos outros mortaes , sem que se anime
 Daquellas Soberanas qualidades ,
 Que distinguem dos homens , as Deidades.

Essa clemencia , ó Rei , do illustre peito ,
 Essa reputaçao , esse conceito ,
 Em que tens a modestia ; a amavel ancia
 De acudir á miseria ; essa ignorancia ,
 Que affectas no poder do teu dominio ;
 Esse continuo , ardente patrocinio ,
 Que no auxilio consegue o triste affogo
 Sem conhecer a lastima no rogo ;
 Essa moderaçao , essa bondade ,
 Em que mais se illumina a Magestade ,
 He que tem feito o Heróe da Gran-Bretanha :
 Em Dettingen a horrida campanha ,
 Do Meno o undoso alento em sangue tinto ,
 Das quilhas o boiante labyrintho ,
 Que as espadoas opprime de Neptuno ;
 O obsequio de Amphytrite , e de Portuno ;
 As victorias do mar Americano ,
 Mais excenso faraõ , mais claro , e ufano
 O teu nome immortal ; porém a gloria
 Mais sublime , e mais digna da memoria ,
 A acçao de hum Regio Superior destino ,
A que

A que mais se avisinha ao ser Divino ;
A que faz hum Heróe ; e a que se inflamma
No eterno resplendor da egregia fama ,
Naõ he , ó Rei , a indomita violencia ,
He sómente a doçura da clemencia.

Tu a tens conseguido ; e inda que fora
Atéqui menos viva , e brilhadora
Esta chamma immortal ; hoje bastará
Que a fizesses taõ nobre , e taõ preclara
Nesta dádiva immensa , para exemplo
Do influxo Superior , que aspira ao templo ,
Onde estaõ , com ditosa segurança ,
Os perpetuos alentos da lembrança.

Dizendo assim , ordena que se erguesse
Huma estatua ao Rei Jorge ; e se pozesse
No meio da pomposa arquitectura :
A' roda do Colosso lhe figura
De hum Iris todo o circulo luzente ,
Que a clara eternidade represente.

Entaõ vibra do Solio hum raio activo
Mais penetrante , e mais executivo ,
Que a chamma com que a vida infunde ao
mundo :

Penetra a levareda no mais fundo
 Da imagem luminosa ; e parecia
 Que o bronze em resplendor se convertia.

Pois apenas da estatua no semblante
 Se diffundio de Apollo o ardor brilhante ,
 Quando a effigie se move , e vivifica ,
 Com a alma , que a luz lhe communica.

De Prometheo a cálida Minerva
 As sensiveis funçoes menos observa ,
 Que o elegante scientifico traslado ,
 Quando foi deste incendio penetrado.

Depois que Apollo vio o suave efecto
 Da viva chamma ; alegre , e satisfeito ,
 Pondo em muda attenção a Etherea estancia ,
 Desta sorte prosegue a consonancia.

Salve , ó Rei , salve , ó Principe glorioso ,
 Liberal , Compassivo , Victorioso :
 Já te yés collocado na tribuna ,
 Onde naó chega a roda da Fortnna :
 Já todo este Orizonte te promette ,
 Que entre as voragens do profundo Lethe
 Teu nome naó cahirá no desalento

Em

Em que dorme o pavor do esquècimento.

Já tens vencido o tempo , a sombra , a inveja ,
Inutilmente contra ti forceja
A traidora inconstancia das idades :
Sobre quantas fataes adversidades
Póde mover a sórte , te sublimas :
No templo da memoria já te anîmas ,
Onde nunca desmaia , ou se confome
A heroica vida de hum eterno nome.

Vive feliz , ditoso resplandece ,
Reina , alenta , prosegue , permanece .

Ao penultimô accento do Elogio ,
Retumba no Celeste Senhorio
Todo o impulso da voz , que a Fama inquieta ,
Póde esforçar no estrondo da trombeta :
Neste instante he que acordo , persuadido
De que tudo o que tinha comprehendido
Naõ saõ formas vazias que componho
Na vaga phantasia ; e se foi sonho
Ficou sendo na historia , e no progresso
Verdade , o sonho , a fabula , successo .

F I M.

CATHALOGO

DAS OBRAS IMPRESSAS DO MESMO

Author, as quaes se acharão na loja de António
da Silva da Costa, mercador de Livros, na
rua Augusta, na travessa de S. Nicolão.

TRiumpho da Religiao, Poema Epico-Polemico.

Primeira resposta aos reparos que se lhe fizeraõ.

Segunda resposta a outros reparos.

Conquista de Goa, Poema Epico.

Primeira, segunda, terceira, quarta, e quinta parte das Rimas. Na quarta parte se inclue a Bucolica dividida em dez Eglogas de estylo Pastoril.

Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Conde do Vimioso, hoje Marquez de Valença.

Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Duque do Cadaval D. Fayme de Mello.

Apologo Metrico ao mesmo assumpto.

Epithalamio nas Nupcias do Conde de S. Cruz, supprimido pelo Author.

Genethliaco Hendecasyllabo ao mesmo assumpto.

Parenesis ao terremoto do primeiro de Novembro.

Romance Hendecasyllabo á morte da Augusta Rainha Dona Maria Anna de Austria.

Arte Poetica em verso dividida em tres partes.

Egloga, ou Genethliaco Pastoril ao Nascimento do novo Principe. Pa-

Palacio do Sol , ou Panegyrico Gratulatorio ao Rei da Gran-Bretanha.

Traduçaõ do Edipo de Sophocles em verso.

*Balança intellecťual , Juizo sobre o Novo Me-
thodo de estudar.*

*Conferencias expurgatorias em defensa da Ba-
lança.*

*Resposta a hūa Carta que escreveo ao A. o Ar-
cediago Luiz Antonio Verney sobre a Balança.*

Carta compulsoria , supprimida pelo Author.

*Outra Carta ao mesmo assunto , tambem sup-
primida pelo Author.*

*Carta Apologetica , em que se mostra como se de-
ve defender a Doutrina de Santo Agostinho
sobre a communhaõ dos meninos.*

Carta sobre a felicidade humana.

Juizo sobre o terremoto do primeiro de Novembro.

David , e Absalaõ.

Theatro da Eloquencia , ou Arte da Rhétorica.

*Oraçaõ Funebre que recitou o Author quebrando
hum dos Escudos na morte do Augusto Rei
D. Joao V.*

*Oraçaõ na Exaltaçaõ ao Throno de Sua Mage-
ſtade Fidelissima Reinante.*

*Oraçaõ na declaraçaõ dos tres filhos illegitimos
do Augusto Rei D. Joao V.*

*Carta Latina ao Pontifice Benedicto XIV. pe-
dindo-lhe licença para lhe dedicar o Triumpho
da Religiao.*

OBRAS

OBRAS MANUSCRIPTAS.

EPithalamio ao Excellentissimo Senhor Mar-
quez do Louriçal.

Epithalamio nas Vodas Reaes.

Genethliaco ao Primogenito do Conde de S. Cruz,
supprimido pelo Author.

Genethliaco ao Primogenito do Excell. Senhor
Duque do Cadaval D. Fayme de Mello.

Proclamaçao Paramologica a Carlos III. Rei
de Castella na invasaõ que fez no Reino de
Portugal.

Medicina plagiaria transferida do Norte para o
Occidente.

Dialogo sobre os Antisigillistas.

Pratica de Socrates com Alexandre nos campos
Elysios.

Outra pratica de Socrates com Aristoteles no
mesmo lugar.

Epithome da Disciplina Ecclesiastica.

Cartas Britanicas.

Pratica que teve o Padre Theophilo Cardoso com
o bom arrieiro Amaro Fanha , bindo de Lis-
boa para Evora.

Oraçaõ no certame que fez a Cidade de Aveiro
na Canonizaçao de S. Joaõ da Cruz.

Romance de Acis a Galathea.

Apologia de Virgilio sobre o Discurso do Padre
Feijoó de que a Pharsalia era melhor Epopeia
que a Eneida. Ora-

- Oraculo do Desengano.* *O Prometheo.*
Affecções do arrependimento. *O Orpheo.*
Panegyrico em Romance Hendecasyllabo ao Au-
gusto Monarcha D. João V.
Dialogo historico da Heresia do XVI. Seculo.
Dialogo, e combate Polemico sobre a mesma.
Combate Apologetico sobre a Allegoria, que des-
cobrio Manoel de Faria e Sousa nas Lusiadas
de Camoens.
Ocio, e trabalho sobre as partes, de que se com-
põe a República.
Illustraçao á Centuria dos Epigrammas impres-
fos do Excell. Senhor Conde do Vimioso, ho-
je Marquez de Valença.
Commento, e illustraçao do Epithalamio nas Nu-
pcias do mesmo Excellentissimo Marquez.
Epithalamio nas Nupcias do Excell. Senhor Con-
de de Oeyras, filho.
Suspiros da lealdade Portugueza no execrando
attentado de tres de Setembro.
Resposta á Critica, ou Satyra que se fez á De-
feza da Defeza, de que he Author o P. Joa-
chim Velho do Canto.
Phyllis, e Demophonte, Poema Dramatico.
Propulsão Metrica Dogmatica contra o livro
de Antonio de Oliveira, Apostata da Religiao
Catholica, em que attribue a calamidade do ter-
remoto do primeiro de Novembro á veneraçao
das Imagens Sagradas.

PALACIO
DO
DESTINO,
OU
EPITHALAMIO
NAS
FELICISSIMAS NUPCIAS
DO
ILL^{mo}, E EX^{mo} SENHOR
HENRIQUE JOSEPH
MARIA ADAM DE CARVALHO E MELLO,
E DA
ILL^{ma} E EX^{ma} SENHORA
D. MARIA ANTONIA
DE MENEZES.
POR
FRANCISCO DE PINA DE SA:
E DE MELLO,
*Moço Fidalgo da Casa de S. M. F., e Academico
da Academia Real da Historia
Portugueza.*

LISBOA:
Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA;
Impressor do Senhor Infante D. Pedro, e da Sa-
grada Religiao de Malta.

MDCCLXV.

Com todas as licenças necessarias.

AO ILL^{mo}, E EX^{mo} SENHOR
SEBASTIAO JOSEPH
DE CARVALHO E MELLO,
CONDE DE OEIRAS,
Do Conselho de S. M. F., e seu Secretario de Es-
tado dos Negocios do Reino.

ILL^{mo}, E EX^{mo} SENHOR.



*GRANDE trabalho , com que
ha poucos mezes me opprimio huma
inesperada infelicidade , de que me parece que
V. E. teria bastante noticia , naõ só entristeceu
o meu animo , mas destemperou a minha Lyra ,
quando eu a procurava mais alegre , e affinada
para cantar a repetida , e felicissima Aliança de
Carvalhos , e Menezes.*

Não desconheço que ainda que a minha Musa estivesse muito festiva, e harmoniosa, e menos distante da cithara de Orpheo, e do espirito de Homero, a devia julgar improportionada para tão sublime argumento, quanto mais no tempo, em que a vejo tão melancolica, e desfalecida.

Porém o antigo empenho, com que segui em todas as occasioens as benemeritas prosperidades da Casa de V. E., me deu hum novo alento para formar o Epithalamio destas esplendidissimas Vodas; e não sei se a voz que se enrouqueceu com a minha desgraça se aclarou com esta ventura, para ser mais bem attendida da benignidade de V. E.

Eu a desejava mais canora, que o clarim da Fama, mas que musica ha de articular hum debil esforço, que acaba de ser tão insultado com as iras da Fortuna?

Quantas vezes acometia a empreza mais difficil ma propunha a desconfiança; porém já não podia revocar o meu arrojo entre os generosos affectos com que V. E. tem favorecido este inutil Solitario, e a vivissima lembrança daquelles scientificos golpes, que algum dia receberão as minhas trovas da sua delicada lima.

Ainda por esta parte pedia a gratidão que eu empregasse tão proveitosas liçoens em hum assunto, que tanto arrebata o applauso da Corte, e o gosto de V. E.

Se

Se eu houvesse de regular pelo meu alvoroço o de todos os bons Portuguezes , chegaria a certificar a V. E. que se naõ achava algum pensamento, que naõ levassè os seus votos á expectaçao deste felicissimo consorcio , pois nelle devemos todos ennobrecer os auspicios desse mesmo impulso , com que V. E. principiou a abençoar a Patria, esclarecendo com as melhores luzes as sombras do novo Ocidente.

O Commercio, a Nautica , a Milicia, as Artes, as Sciencias, e sobre tudo a Paz, e a Justiça, que tem constituido taõ florentes aquellas Monarquias , que se firmaraõ nestes sólidos fundamentos, a quem as deve Portugal senaõ a V. E?

De huma Provincia quasi barbara, como a reputáraõ atégora as Naçoes polidas , tem V. E. formado hum Imperio politico , e devendo-se tanto aos Reys em edificá-lo,O quanto se deve a V.E. em instrui-lo. Esta foi a ancia dominante do coroado Heróe da Moscovia, que nunca chegou a satisfazer , porque nem em Le Fort, nem em Galovvim podia conseguir hum Ministro , ou hum Athlante , como V. E.

A felicidade da Lusitania consiste boje em lagrar hum Soberano melhor que o Csar , e hum Conselheiro mais advertido , que aquelle famoso Colbert , que tanto adiantou a gloria Franceza.

Com a escolha destes genios taõ eminentes , como

mo raros, he que os Monarcas felicitão os seus diademas, e immortalizaõ o seu nome.

E se os filhos naõ devem tanto aos Pais pelo nascimento como aos Mestres pela doutrina, tambem os Vassallos devem menos aos Principes pela dominação, que pelo governo.

Esta divida passará dos prezentes aos vindouros, e tantas vezes se lembrará na Historia hum Joseph o Benigno, o Liberal, o Magnanimo, o Pacifico, como hum Sebastião o Fiel, o Zeloso, o Sabio, e o Desenteressado.

Ficará tão illustre monumento mais indelevel nos coraçoens, que nos escritos: Ainda que a mais temeraria maledicencia quizesse escurecer estes resplandecentes aspectos, nunca poderia desfigurar tão gloriosas anthonomias.

Na posteridade se farão mais elegantes estas feiçoens, e a mesma distancia dos olhos dará maior attenção aos ouvidos nos ecos da fama, e no ruido da memoria.

Largo campo se me offerecia agora para deixar correr o estylo nas luminosas acçãoens de V.E., especialmente nas que asseguraraõ o Throno, fortalecerão o Dominio, civilizaraõ a Naçao, e fundamentaraõ a decencia, e utilidade publica, senão receara desgostar a modestia de V.E., e de que podesse nascer hum enfado de hum panegyrico: espero com tudo que V.E. se naõ mortifique de que tam-

tambem nestas rusticas solidao se dilatem alguns accen-
tos destes harmonicos clamores, quando todas as
Provncias do Reino os entoao, os repetem, e os so-
lemnizaõ; e seriaõ ingratos aos benefícios de V.E.
senao os reconhecesssem com estes acordes obsequios.

Com huma nova, e admiravel recordaõ as-
tem V. E. interessado em tudo o que pôde ser util,
e decoroso ao Ministerio, exterminando de huma
herdada ferocidade o insopportavel sytema de que
naõ ha Fidalguia, nem homem distincto fôra da
Corte, nem outra classe, que a dos Grandes, e
Plebeos.

Em quantas Aldeias quasi despovoadas se con-
servaõ ainda, cobertos de heras, e de musgo esses
respeitados despojos do tempo, que nas mesmas
ruinas estaõ respirando huma nobre, e saudosa an-
tiguidade? Que presumpçaõ, ou que jactancia pô-
de voltar as costas, e torcer o rosto a estas venera-
veis antigualhas? E ainda assim se via sepultada
no mais lastimoso esquecimento a Nobreza das
Provncias depois de ter justificado tantas vezes o
seu valor, e a sua fidelidade na defensa do Reino,
fosse nas Tribunas, fosse na Campanha, com as
togas, ou com as lorigas, com a penna, ou com a
espada.

V. E. he que a soube resgatar deste letargo,
ou deste desprezo só com o dictame de naõ haver
na sua affabilidade outra accepçaõ, que a do mere-
cimento.

cimento. Assim tem V. E. exercitado a sua Grandeza, e isto verdadeiramente he que he ser Grande. Nesta ponderação se deve incluir o maior elogio de V. E.

Bem que este circular conhecimento se pôde fazer mais brilhante na decoração das Torres, e dos Palacios, cuido que não ficará menos ventajoso na amenidade dos Apriscos, pois nunca nelle se equivoca ou se confunde o louvor com a lisonja, nem o cortejo com a dependencia.

Consinta-me V. E. que eu me persuada que tanto a minha indole, como a distancia em quo vivo do concurso, me constitue nesta obsequiosa singeleza, e me parece que a tenho rectificado naquella ingenita propensaõ que sempre me levou ao Patrocínio de V. E., e á honra dos seus preceitos, em que desejo cultivar toda a extensaõ da minha obediencia. Deos guarde a V. E. muitos annos, Monte mór o Velho a 20. de Setembro de 1763.

III^{mo}, e Ex^{mo} S^r Conde de Oeiras.

B. A. M. D. V. E.

Seu mais affectuoso, e fiel Criado
Francisco de Pina de Sá e de Mello.

LICENÇAS.

DO SANTO OFFICIO.

*Approvaçao do R. P. M. D. Thomaz Caetano
de Bem Presbitero da Congregaçao dos Cleri-
gos Regulares, Qualificador do Santo Offi-
cio, Examinador das Ordens Militares, So-
cio do numero da Real Academia.*

EX^{mos}, E REV^{mos} SENHORES.

SE a Poesia deve tambem a sua origem ao cuidado , que sempre houve de celebrar com os maiores applausos as acçoeis dos Heróes; e a mesma Arte introduzio a armonia dos Epithalamios , applaudindo assim a conservaçao , e perpetuidade dos Espiritos sublimes : naó podia a mais armoniosa Lyra , que no seculo prezente possue a Espanha, e talvez o Parnazo , descobrir neste genero assumpto mais digno, e elevado , que aquelle , que he objecto da prezente compoziçao poetica. Merece illustre memoria na posteridade húa Familia , qual he a Illustrissima e Excellentissima de Carvalho , generozo Rámo do Real Sangue Godo , senaõ he de outro semelhante de Italia , que na paz , e na guerra tem florecido com a produc-

çaõ dos maiores Heróes ; bastando para credito , e honra da Patria , o Defensor , e Propugnador da liberdade Portugueza , o Condestavel D. Nuno Alvares Pereira. Bem pôde desejar essa Monarchia se renove , conserve , e perpetue por meio das allianças o generozo Sangue daquelle Heróe , em cujo peito achou a virtude theatro para a sua mayor extensaõ : como vemos nas suas prodigiosas accõens ; e maravilhosos effeitos do seu ministerio ; com que servindo ao Soberano com o mayor zelo , hade ser a melhor norma dos politicos , e luz da Patria. E porque aliás esse Epithalamio em nada offende a pureza dos bons costumes , e dogmas da Religiao Catholica , me parece merecedor da licença , que a Vossas Excellencias Reverendissimas se pede para se imprimir. Caza de noſſa Senhora da Divina Providencia , em 31^o de Mayo de 1765.

D. Thomaz Caetano de Bem C. R.

VIsta a informaçao , pôde-se imprimir a obra de que se trata , e depois voltará conferida para se dar licença que corra , e sem ella , naõ correrá. Lisboa , 4. de Junho de 1765.

Trigozo. Mello. Thorel.

DO

D O O R D I N A R I O.

*Approvaçao do Reverendo Doutor Pedro Simoës
Duarte Prior da Parochial Igreja
de Santa Justa.*

EX^{mo}, E REV^{mo} SENHOR.

DEste Epithalamio ideado no Palacio do Destino naõ sem destino da Alta Proví-
dencia foi Vossa Excellencia servido no impe-
dimento do M. R. e Erudito Abbade Diogo
Barbosa Machado nomear-me Revedor ; por-
que se este , ou outro qualquer tivera muito ,
que lhe agradecer na mercê de lhe dar a ler , an-
tes que pelo beneficio do prélo se communicas-
sem a todos , as glórias dos Illustríssimos , e Ex-
cellentíssimos Senhores Condes de Oeiras nas
felicíssimas Nupcias do Illustríssimo , e Excel-
lentíssimo Senhor D. Henrique Joseph Maria
Adaõ de Carvalho e Mello , Filho do Inclito
Heróe digno da immortalidade , que pelas suas
egregias acções superiores a todos os mais ele-
vados elogios se tem feito gloria de Portugal ,
inveja dos Reinos estranhos , e admiraçāo do
Mundo todo ; eu nesta mercê tenho mais que
todos , que agradecer a Vossa Excellencia , pois
tambem a todos excedo (assim pela minha an-
b ii tiga

tiga obrigaçāo aos Excellentissimos Senhores
desta Excellentissima Caza , como pelo affecto
herdado , e communicado de Pay , Avos , e ou-
tros Parentes meus , que tiveraõ a fortuna , e
honra de fieis criados seus) no jubilo , e gosto
de as ver cantadas pela sonora Lyra deste Lusi-
tano Homero Francisco de Pina Sá e Mello , o
qual nos eruditissimos , e innumeraveis escrip-
tos , com que , como effeitos da sua continua
applicaçāo , e engenhoz os partos do seu fecun-
dissimo engenho , tem acreditado a Patria , e il-
lustrado as sciencias , tantas vezes se tem quali-
ficado de confórme com a pureza da Fé , e in-
nocencia dos bons costumes , e que tambem em
nada se desfórmāa nesta obra . E se com esta
informaçāo tenho como Censor satisfeito ao
preceito de Vossa Excellencia , como taõ inte-
ressado nas gloriozas felicidades desta Illustris-
sima , e Excellentissima Caza , supplico com o
mesmo Autor a licença , que pede , para que
pelo Mundo todo fôe , e repita pelo seu dila-
tado clarim a Fama a sua Antiquissima , e Pre-
clarissima Genealogia , a qual Deos com aug-
mentos felicite , perpetûe , e eternize pelo fe-
licissimo Consorcio , dignissimo assumpto des-
te armoniozo Epithalamio . Lisboa , 30. de
Junho de 1765.

O Prior *Pedro Simoens Duarte.*

Vif-

VIsta a informaçao pôde-se imprimir o papel que se apresenta , e depois torne conferido para se dar licença que corra. Lisboa , 2. de Julho de 1765.

D. J. A. de L.

D O P A Ç O.

Approvaçao do Doutor Joaõ de Alpoim e Brito Coelho , Cavalleiro Professo na Ordem de Christo, Socio da Academia Real da Historia Portugueza.

S E N H O R.

OPreceito com que Vossa Magestade me manda ver o Epithalámio incluzo , involvendo em si huma taó distincta mercê , como he a de anticipar-me o gosto , e a instrucçao da sua leitura , he sem duvida , que ainda que fosse possivel faltar a minha obediencia , naó deixaria de o cumprir o meu agradecimento. Li pois o Epithalamio intitulado : *Palacio do Destino* , composto nas Nupcias dos Illust- trissi-

trissimos , e Excellentissimos Condes Segundos de Oeiras , por Francisco de Pina de Sá , e de Mello , Moço Fidalgo da Caza de Vossa Magestade , e Academico da Academia Real da Historia Portugueza : e bastando para elogio de qualquer das outras Obras deste illustre Autor , o dizer que he Obra sua , aqui naó basta ; pois neste breve Poema , talvez para igualar o assumpto , se excedeu o Autor a si mesmo.

Asumpto , e Obra tudo he influxo do feliz Reinado de Vossa Magestade. Do de Luis XIV. em França , no qual concorreraõ juntos o grande Princepe de Condé , e o Poëta Pedro Corneille , tambem por antonomazia o Grande ; movendo-se aquelle muitas vezes a lagrimas , assistindo ás reprezentações das Tragedias deste , diz Mr. de Voltaire , com huma especie de saudade : Epoca memoravel , em que o grande Corneille fazia chorar o grande Condé ! Assim os Portuguezes vindouros , quando tiverem a infelicidade de ver o grande Vacuo , que deixaraõ o Mecenas , e o Autor , hum no Ministerio , e outro no Parnazo , exclamaraõ com inveja do tempo feliz que desfrutamos : Memoravel epoca , em que o grande Pina cantava as glorias do Grande Conde de Oeiras ! Pelo que , e por naó haver

ver nesta Obra couza alguma contra as Leys,
ou serviço de Vossa Magestade , me parece
dignissima de se imprimir. Vossa Magestade
mandará o que for servido. Lisboa , 5. de Ju-
lho de 1765.

Joaõ de Alpoim e Brito Coelho.

Que se possa imprimir , vistas as licenças
do Santo Officio , e Ordinario , e depois
de impresso tornará á Meza conferido ,
para se dar licença que possa correr. Lisboa ,
30. de Julho de 1765.

Doutor Velho. Affonsoeca. Castro.

Do

ARGUMENTO DO EPITHALAMIO.

O Anjo Custodio de Portugal vagava pelos seus Orizontes quando apparecia na Campanha etherea hum magnifico edificio, adornado das mais brilhantes maravilhas, objecto que deteve o seu rapido giro, e pertendeu saber quem habitava naquelle nova, e prodigiosa arquitectura: entrando nella alcançou que era a casa do Destino pelas diversas, e mysteriosas figuras, com que estava condecorado.

Distinguia-se entre os elegantes portentos hum eirado em que se retratavaõ os Pinsiles de Thebas, aonde fazia mais luminosa impressão a frondosa copa de hum Carvalho, e de hum Loureiro.

Intenta saber o genio a significação destas esclarecidas arvores, em cujos ramos se viaõ representados muitos Heróes que se conduziraõ dos elysios para encherem os dois troncos de vegetais resplandores.

No Carvalho explica o Destino a Ascendencia deste appellido, e no Loureiro a dos Meneses, declarando a aliança que se prepara a estas illustriſſimas Familias nos Desposorios do Heróe, e Heroina do epithalamio.

Com esta certeza se encaminha o genio aos campos bemaventurados , aonde tem Hymineo a sua habitaçao , e o conduz ao Palacio do Destino, acompanhado daquellas Virtudes , que felicitaçao o consorcio.

Cupido prepara neste lugar duas setas para acender o coraçao dos Espousos , que da sumidade das arvores sao levados por varios genios ao altar de Hymineo que ja se achava construido.

Descem com huma festiva allegoria as Deidades do Olympo , dando a cada hum dos consortes aquelles dotes com que as descreve a Mythologia , e cheios deste soberano concurso se fechao as cortinas do Thalamo , e ficaçao entregues a huma venturosa posteridade.

PALACIO DO DESTINO.

Sulcava o resplendor do campo Ethereo
 Com luminoso rasgo o excelso esforço
 Do genio Lusitano : entre a distancia
 Dos globos celestiaes , toda a elegancia
 De huma ardente , soberba arquitectura
 Aos olhos se lhe offrece : a arte a pura
 O mais fabio primor no frontispicio :
 Naó tem membro , ou adorno este edificio
 A que suba , a que aspire , a que remonte
 A ideia de Diopeno , e Thesiphonte :
 Tudo excede na pompa , e no desenho
 A mais alta expressao de hum claro engenho.

Naó se atreveu o espirito brilhante
 A alentar o seu giro mais adiante
 Sem primeiro inquirir que objecto illustre
 Lhe move a admiraçao : estende as azas ,
 E nos ares suspenso está notando
 Todo o vago portento , com que brilha
 Nos Orbes esta nova maravilha.

Em outro faces se divide a planta
 Da nunca vista maquina : levanta
 Outo torres á luz do Firmamento ,
 Dconde recebe o sublimado alento
 Com que o aspecto glorioso se eterniza :
 A octogona cimalha se matiza
 De jacintos , topacios , e esmeraldas :
 Compunhaõ-se de flóridas grinaldas
 Os frisos , as cornijas , e arquitraves :
 Parece que os remates regias aves
 Pertendiaõ mostrar-se ao Sol sobindo
 Para ensaiar impulsos superiores
 Na chama de seus vivos resplandores.

Entre quatro columnas se erigia
 A regulada serie das janellas ,
 Onde os tremulos raios das estrellas
 Concorrem com luzente variedade
 Para fazer maior a claridade.

Sendo tudo admiravel neste assombro ,
 Com que se expoem a fabrica sublime ,
 Entra o genio immortal no empenho ardente
 De saber quem habita em taõ luzente
 Taõ exquisita estancia : Occupa a entrada ;
 Por hum e outro lado forma a escada

Di-

Diversos caracoes ; e entre os dois topos ,
Cravados de rubis , e de pyropos
Hum atrio se dilata , enriquecido
De varios nichos de metal brunido ,
Vestibulo , por onde se procura
O centro da magnifica estructura.

Bem no meio do Alcazar portentoso
Se descobre hum salaõ , illuminado
De hum perpetuo relampago , que o Fado
Acende entre as pilastras crystalinas ;
E em varias capiteis de cornelinas
Descansa com alegre altivo aspecto
A curva elevaçao do aureo tecto.

Nos concavos da abobada rotunda
Se estende hum grande circulo , que Apollo
Divide em doze partes , assistidas
Das imagens celestes , com que Jano
Na firme direçao reparte o anno.

Vê-se aqui Capricornio sem tristeza ;
Aquario menos humido ; saudaveis
Os peixes se conhecem ; sem mudança
Libra neste Zodiaco se alcança ;
Naó produz o escorpiao algum veneno ;
Sem

Sem força ó arco está de Sagitario ;
 Não se descobre estimulo contrario
 Nas reversoens de Cancer ; menos vivo
 Fica o Leão no seu impeto nocivo ;
 Reprezenta-se Astrea mais clemente ;
 O carneiro , nem frio , nem ardente ;
 Táuro está com mais branda qualidade ;
 Geminis com melhor fraternidade.

Abaixo desta cinta brilhadora
 Sete globos á roda se amplificaó
 Onde em golfo de luzes , sempre inquietas ,
 Gira toda a influencia dos Planetas.

Saturno , sem malevolo semblante ,
 Mavorte , sem espirito guerreiro ,
 E Phebo com pacifico luzeiro :
 Venus com apprazivel formosura ,
 Mercurio com benevola doçura ,
 Diana sem variedade , tem disposto
 Com hum benigno aspecto , suave rosto
 Nesta altiva , immortal circunferencia
 O concurso feliz da Providencia.

Os angulos occupaó do edificio ,
 Com engenhoſo , incognito artificio

O Tempo , e as Estaçoens : está Dezembro,
Inda que macilento , e desgrehado ,
Alegre no contorno desfolhado :
No retorcido cofre de Amalthea
Sustenta a Primavera o senhorio
Da florecente pompá ; emenda o Estio ,
Com o fresco Favonio , o igneo alento
Da abrazada Atmosphera ; a chuva e vento
Naõ altera a sazaó do rico Outono ,
Mas antes em reciproca concordia
Respondendo-se estaó em laço eterno
A Primavera , o Estio , o Outono , o Inverno .

Os Mezes se regulaó pelos Signos
Sem receber os halitos malignos
De nocivos influxos : pelo rapto
Volúvel das espheras se conhecem
As horas , e os minutos , figuradas
Se vem em varias Nymphas , que apressadas
No seu curso , outras vezes vagarosas ,
Sempre se reprezentaó venturofas ,
Bem que na proporçaó das azas leves
Se nos finjaó mais largas , ou mais breves .

No centro do apparato inacessivel
Hum throno se erguia de crystal ceruleo ,
Que

Que occupa com profunda authoridade
 O formidavel vulto do Destino :
 Em todo aquelle objecto peregrino
 Raio naõ ha intrepido , ou sereno ,
 Que se atreva a apartar-se inda do aceno
 Do seu tremendo arbitrio : a cada instante
 Desperto , attento , activo , vigilante
 Move os olhos a hum , e a outro lado ,
 Donde depende o impulso illuminado
 Da maquina estellifera : O Ethereo insulto ,
 E o concurso benigno , he taõ occulto
 Inda ás mais altas luzes das espheras ,
 Que entre o archivo fatal das leis severas
 Movimento naõ ha , sem que primeiro
 Naõ seja , com assombro do sentido ,
 No rosto da Deidade percebido .

Daqui tântos progressos insondaveis ;
 Com que o Mundo se rege , he que descendem :
 Daqui todos os Orbes he que aprendem
 O regular esforço do seu curso :
 Deste sublime implicito concurso
 He que se move o Mar , assopra o Vento ,
 Se anime o Fogo , existe o fundamento ,
 Em que a Terra descança ; o bruto corre ,
 A aye yoa , o racional discorre ,

Sem

Sem quẽ nãs plantas huma folha caia
Nem vegete hum arbusto , sem que saia
O deliquio , e o vigor , que se lhe imprime
De escondida expressão , que o determine.

Na parede , que a entrada cõrresponde
Sé rasga hum semicirculo , firmado
Em seis columnas Jonicas , que serve
De portal a hum eirado , onde a memoria
Traslada com a mais antiga gloria
Os Pensiles de Thebas ; entre as plantas
Mais altas , mais copadas se distingue
Banhada de hum benevolo luzeiro ,
A fronte de hum *Carvalho*, e de hum *Loureiro*.

O' Arvores proiectas , taõ illustres ,
Taõ famosas em toda a antiguidade !
Inda cheias de airosa amenidade
Vos noto , vos saudo , vos contemplo :

Digna sois que com vosco se orne o templó ,
Que se tem consagrado á lei eterna :
Dignas sois que da luz , que o Ceo governa ,
Recebais a frondosa redundancia ,
Que em vossos gomos pula ; e que a jactancia
Conservyeis de mostrar , sem decadencia ,

A vossa vegetante preeminencia.

Em ti *Carvalho* insigne se reveste
De cultivado adorno o ardor celeste,
Que a clara ancianidade te influia :
Em ti se anima aquella melodia
Que dos gloriosos Mellos se derrama
Na trombeta , e no altar da egregia fança.

Tronco sempre feliz , e venerado
Nos annos mais distantes , dedicado
Ao seu Supremo Deos pelo Ethricismo ,
Onde nunca se vio o parocismo ,
Que os seculos promovem : se a grinalda
Tecias dessa esplendida esmeralda ,
Que em teus ramos se alenta , para dares
O premio aos valerosos exemplares ,
Que os Cidadaõs livravaõ do inimigo ,
Que recompensa se usará contigo
Tendo firmado o REY no excelso throno ,
Tendo sido o mais inclyto Patrono
Da gloria Lusitana ? E se livraste ,
Naõ só hum , porém muitos Portuguezes
Da violencia de hum Marte enfurecido ,
Que coroa o valor esclarecido
Te deve preparar , se a Europa toda

No esforço , que em teu peito se acômmoda,
Ou que no teu semblante resplandece ,
Libertador da Patria te conhece ?

Sempre fiel , sempre prompto , generoso ,
Independente , activo , fervoroso
Ao proveito , e instruçāo do Reino augusto :
Sempre animado , pròvido , robusto ,
Sempre tranquillo nos successos , sempre
Impávido , e constante em toda a empreza ,
Sustentas a mais alta fortaleza
Do remontado Tronco , a cujo abrigo
Se antigamente tinha o seu foego
Do Testamento a arca , tambem hoje
Pode dizer a Patria no que alcança ,
Que nesta mesma sombra he que descança .

Que justamente estás gentil *Loureiro*
De fronte de hum *Carvalho* taõ sublime !
Que respeito haverá , que naó te estime ,
Depois de ser de Apollo taõ amado ,
E de haverem-te os Cesares plantado
A^o porta dos palacios , como insignia ,
Do mais regio , honorifico carácter !
Depois que como dadiua Suprema
Aos Heróes tens servido de diadema ,

E a todos os que estaõ , cheios de gloria ,
No luminoso templo da memoria ?

Amparado , com verdes resplandores ,
Na serie de immortaes Progenitores
Debuxas a mais digna Descendencia ,
Que Portugal exalta nos seus Fastos :
Naõ de alguma torrente esclarecida ,
Ou do Olympo , ou do Pindo desprendida ,
Nem das liquidas perolas da aurora
Esse humor vegetante se melhora ;
Huma fonte purpurea he que fecunda
As preciosas raizes destas plantas :
De huma mina , ou origem rubicunda
(O³ Nympha sempre inquieta) he que levantas
No teu clarim dourado todo o alento
De teu nobre preclaro movimento.

Notando pois o Genio que os influxos
Da portentosa fabrica tendiaõ
Dos Troncos, ao augmento, e que a Deidade ,
Que aqui preside a tanta herocidade ,
Se interessã com elles de tal forte
Que a pezar dos escandalos da morte ,
Ella mesma os cultiva , e os alimenta
Ao Motor do edificio reprezenta

O de-

O desejo que tinha de instruir-se
Em tudo o que ali via : corresponde
Ao empenho do genio o Nume altivo ,
E por mostrar-lhe que em seu peito esquivo
A supplica lhe fora bem aceita ,
A deixa deste modo satisfeita.

Pois que sei que es Patrono da Provincia ;
Que tanto os Fados tem favorecido ,
Naó te posso negar o que me pedes :
Escuso de dizer que estas paredes ,
Formadas de porçoens maravilhosas ,
Saó do Destino a Casa : as mysteriosas
Imagens , que a dispoem , e que a illuminaõ ,
Cuido que facilmente determinaõ
Este conceito á tua conjectura :
Que me ponha a explicar cada figura
Do Alcaçar magestoso , me parece
Que ha de ser escusado , pois conhece
Tal vez a tua ideia neste instante
Tudo o que adorna a maquina brilhante.

Presumo que he sómente o teu designio
Alcançar os segredos , que se escondem
Nesses Troncos , que tanto correspondem
No impulso do esplendor vegetatiyo :
Aquel-

Aquella pompa do *Carvalho* altivo,
 E do inclyto *Loureiro* constitue
 Duas estirpes , sempre veneradas
 Na tua Lusitana : Cada *Ramo*
 Produz , ou fructifica hum Ascendente :
 Na raiz do *Carvalho* está patente
 O Principe Fereol , que em companhia
 Do Conde D. Henrique veio a Hespanha
 A mostrar huma santa valentia
 Contra os Mouros na bellica campanha :
 Alta origem foi este do Morgado ,
 A que deu este Tronco sublimado
 O seu illustre nome : Tem Domingos
 De Fereol , ou Ferrol a dignidade
 De ser o seu primeiro Descendente :
 O somnolento escandalo da Historia
 Naõ entregou ao tempo outra memoria.

Bartholomeu Domingues , Soeiro Gomes
 Neto , e bisneto de Fereol sofreraõ ,
 Com impaciente lastima da fama ,
 Igual descuido no fatal lethargo
 Dós froxos , priguiçosos escriptores :
 Ninguem duvidará que os resplandores
 De sangue taõ preclaro se eximissem
 Da torpe ociosidade , fendo o theatro

Das

Das façanhas a egregia Lusitania
Nos insultos da ruda Mauritania.

Fórm a quarta vergonta ao Tronço insigne
Fernando Gomes de Carvalho , aonde
Primeiro este appellido se illumina ,
Continuado em seu filho Gil Fernandes :
Varaõ dos mais gloriosos , dos mais grandes
Que acreditou a Patria: foi Gram Mestre
Da Ordem de Santiago : horror , e assombro
Da violencia Agarena , e carregado
De tropheos na batalha do Salado ,
Voltou triumphante ao Reino a reparti-los
Naquelle mesmo tronco , que a Nobreza
Fez hum novo padraõ da fortaleza.

Alvaro Gil , seu filho entrou na Casa
Sendo legitimado , e o seu consorcio
Meteu na Prole a luz mais estimavel
Com huma Irmaã do Santo Condestavel ;
Porém seguiu as partes de Castella
Na guerra , que deixou o Rei Fernando :
Passou seu filho Diogo ao mesmo bando
Perdendo a successaõ da Casa illustre ,
Que ao depois de acabada a competencia
Se prosperou na sua Descendencia.

Gil

Gil, bisneto do Gram Mestre , alcança
 A antiga deduçāo , que ao diante funda
 A Casa de Atouguia , e na segunda
 De Diogo seu Irmaó hum novo *Ramo*
 Se veio a produzir em Cernancelhe ,
 Onde de Sebastiaõ o fausto nome ,
 Entre hum Belchior insigne , repetido
 Quatro vezes propoem este appellido ,
 Com aquelle vigor , que se levanta
 Na constancia feliz da egregia Planta.

Hum Manoel, que he producto florecente
 Das frondosas vergontas , traz aos gomos
 Dos Almadas as luzes , e banhado
 Em hum e outro alento remontado ,
 Gerou na illustre Casa o Egregio Conde ,
 Que taõ prosperamente corresponde
 A gloria do esplendor que o immortaliza ;
 Nelle o geral applauso solemniza
 Os dotes , as acçoens , a claridade ,
 Com que se adorna a sua heroicidade.

Naõ só deixa contente , e satisfeito
 O mais nobre , o mais sólido conceito
 Do seu sublime espirito , e alma justa ,
 Mas de raios a arvore robusta

Novamente esclarece com a aliança
Da Familia de Daun , que a esperança
Dar nos pertende que no illustre Henrique
Se exalte , se fecunde , e multiplique
Toda a serie das laminas luzentes
De tantos venturosos Ascendentes.

No Loureiro tambem se forma a estirpe
Dos Varoēs mais preclaros , digno Tronco
Desta excelsa figura , pois coroados
Com elle os immortaes Antepassados ,
Gozando estaõ da prospera bonança
No eminente edificio da lembrança.

Sustentà de *Menezes* o apellido ,
Junto a antiga raiz , o esclarecido
Affonso Tello , generoso Chefe
Desta Familia em Portugal ; e á roda
Do rutilante aspecto se acha toda
A sua veneravel Ascendencia :
Gonçalo era o segundo no concurso :
Seguia a mesma serie , o mesmo curso
Em Joaõ , Affonso Tello , e Pedro , aonde
Se inflamhou inda mais , que a luz do dia
Deste Agnome a brilhante jerarquia.

Todos estes ao pé do Tronco luzem ,
 E as vergontas , que delle se produzem
 De Pais a filhos na Arvore de Phebo ,
 Saõ os Heróes , que tanta claridade
 Nos trouxeraõ daquelle a esta idade.

D. Joaó Affonso Tello , de Barcellos
 Primeiro Conde , e com seu nome o filho
 Busca a estrada , que guia para a fama :
 Do Mavorcio Heroismo em toda a chama
 Resplandece Dom Pedro de Menezes :
 Arde no mesmo incendio inexpugnavel
 Do grande Duarte o coraçao altivo :
 Com este mesmo fogo sucessivo
 De Dom Fernando o intrepido semblante
 Contra a furia do barbaro turbante ,
 Por mais que a força bellica fluctua ,
 Nas muralhas de Ceuta continua.

Claveiro da christifera milicia
 Dom Diogo fortalece , e faz propicia
 A estimaçao da esplendida bandeira :
 Hum D. Joaó , que o appellido de Sequeira
 Trouxe á Prole sublime , o genio ardente
 Daquelle antigo espirito , patente
 Em Tangere tem feito ; hum raro Diogo ,
Com

Com igual , militante desafogo
Na aurifera Provincia o luzimento
Justifica , naõ só do seu alento ,
Mas entre os resplandores do Dominio
Perderaó seu aspecto luminoso
Inda os quilates do metal precioso.

Outro Joaó , outro Diogo resplandece
Na verde copa deste Tronco augusto :
Na mesma proporçaõ o ardor robusto
De hum Joseph se dilata que de Aronches
Introduz na Familia o egregio sangue :
A' mesma successaõ hum grande lustre
Buscou em Alemanha o filho illustre
Na Casa de *Reiner* : da mesma forte
Joseph seu neto , tendo por consorte
Luiza de *Rappach* , de quem procede
Este novo *Prodigio* : excelfo assumpto
Deste celeste , singular transumpto ,
Que serve de coroa , ou de luzeiro
Na eximia summidade do *Loureiro*.

Inda que destas Arvores fecundas
As diversas especies se distinguaõ ,
Com igual movimento se remontaõ ;
E agora felizmente se confrontaõ ,

Porque está altamente resolvido
 Por huma lei eterna que o appellido
 De *Carvalho* , e *Menezes* se prospere
 Em hum laço immortal de ambos os Tróncos:
 O sagrado Hymineo ditosa a forte
 Fará do egregio Vinculo na Corte
 Da augusta Lusitania : O genio apenas
 Ouvio este decreto move as azas
 Pela campanha aeria , procurando
 Com hum rapto veloz o sitio , aonde
 A Deidade Nupcial tem o compendio
 Do mais amante , mais festivo incendio.

Aos campos venturosos , em que as almas
 Dos Heróes o esplendor perpetuamente
 Gozando estaõ de hum sonno intelligente ,
 Desce o Custodio com ancioso anelo ,
 E aqui logo procura o seu desvelo
 De Hymineo a morada deleitavel ,
 Em que os Elyseos tinhaõ collocado ,
 Com tudo o que deleita , alegra , ou brilha ,
 Toda a sua vistosa maravilha.

Era a estancia hum thesouro de milagres ,
 Fabricado em brilhantes labyrinthos ,
 On-

Onde , com huma hydropica advertencia ,
Naufragavaõ na escolha inda os sentidos .

Hum bosque em regulada amenidade
Cinge a campina , com distantes giros ,
Sem que o ardor das frondosas esmeraldas
Desconcerte o luzente no sombrio .

Dentro desta muralha vegetante
Retalhava hum ribeiro fugitivo
A agradavel planicie , desprendendo
As aguas pelos quadros repartidos .

De Amalthea , Vertumno , e de Pomona
Era toda a campanha hum domicilio :
Os fructos sazonados naõ impedem
Que os gomos deixem de se ver florídos .

O carmim de aromaticas estrellás
Nunca sentio da tarde o ardor maligno :
Eterna a Primavera se alentava
Entre o gelado Inverno , e o adusto Estio .

Os pomos das Hesperides nos ramos
Mais viçosos se viaõ suspendidos ,

E unindo-se a riqueza á suavidade ,
Duplicavaõ do gosto os incentivos.

Era cultor dos prados , e das selvas
O assopro do Favonio , dirigindo
Nas vides , e nos choupos os abraços ,
Nas flores os bocejos matutinos.

Dos Palacios as fabricas soberbas
Se ignoravaõ no placido distrito ,
Pois naõ havia em clyma taõ ditoso
Estancia , que naõ fosse hum edificio.

Differentes alcobas se compunhaõ
Com os laços das heras , e dos myrtos
Mostrando que a feliz correspondencia
Mudava em natureza os artificios.

No meio deste aspecto deleitoso
Ardia o resplendor vegetativo
Em geométrica pompa , alimentado
Da aurora com o aljofar derretido.

Amantes simulachros recordavaõ
Do Nume affavel os tropheos antigos ,

E quasi que se ouvia inda nos jaspes
Hum brando estrondo de parciaes suspiros.

Revocando na lyra a infesta esposta
O musico de Thracia , entorpecido
O bronze se affectava , pertendendo
Explicar na inacção o seu deliquio.

Na roca , com a estriga liquidada ,
O Thebano se via , e estava rindo
A encantadora Omphále de que achasse
Menos pezo na clava , que no fio.

Em hum tanque rotundo , onde se expunhaõ
Do sinzel os portentos reflectidos ,
Parecia que a sua mesma sombra
Inda amava a loucura de Narciso.

De Adonis a tragedia se debuxa
Com mais acção no marmore brunido ,
Ou fosse por acaso , ou se augmentasse
O elegante talvez no compassivo.

Arthemisa lavrando no seu peito
Novo sepulchro ás cinzas do marido ,

Presume ná frialdade do penhasco
 Eternizar do affecto o incendio activo.

Porcia alí finalmente se sustenta
 Daquelle mesmo ardor taó aplaudido
 No extremo conjugal , de cuja chama
 Se estaó vendo na penha inda os vestigios.

Sympatias , finezas pérpetua
 O ditoso Hymineo : naquelle sitio
 Naõ ha mais que alegria , suavidade ,
 Socego , gosto , aplauso , encanto , abrigó.

Condensavaõ-se os ares entre aromas ,
 Os campos entre nacares fingidos :
 Tudo amor respirava , e quiz o vento
 Passar de lisonjeiro a ser lascivo.

Pelos ramos vagava em doces coros
 A modulante plebe , repetindo
 Ao Nume , que na estancia se venera
 Cadentes salvias , numerosos hymnos.

Humas vezes na selva , outras no prado
 Ignea esquadra de intrépidos cupidos

Enchia as auras , com frequente impulso ,
De volantes , farpados baziliscos.

No centro destes páramos gloriosos
Se formava , ou tecia hum doce hospicio
De murtas , e amaranthos , matizado
De rosas , açucenas , e jacintos.

O placido Hymineo ali se achava
Recostado em hum thalamo de arminhos ,
Que os reflexos da aurora , e a luz de Maio
Faziaõ mais alegre , e mais propicio.

De huma tella dourada se dispunha
O delicado adorno do vestido :
Sobre a loura madeixa huma grinalda
De candidas mosquetas , roxos lirios.

Na maõ a ardente tocha , onde derrete
Castas porçoens o Oraculo de Gnido ,
E em que as almas se acendem , reprovando
A ingrata propensaõ de impulso esquivo.

Determinado está no fundo alento
Da forte occulta , do fatal destino
(Diz o genio a Hymineo) que excelsa graça

No influxo das estrellas satisfaça
 A antiga expectaçāo , com que se alegra
 Da Elisia o empenho , pondo já notorios
 Aquelles suspirados Desposorios
 Dos illustres *Carvalhos* , e *Menezes* :
 Este dia feliz , que tantas vezes
 Annunciado tem sido pela fama
 Em toda a parte , aonde se proclama
 O estrondo da aurea tuba , está disposto
 Pela meditaçāo , e pelo gosto
 De hum ethereo concurso : O' Nume suave
 Sobe comigo ao globo preeminente
 Que á pompa da visaõ resplandecente
 Ha de servir da mais gloriosa Scena :
 Assim o canoniza assim o ordena
 Huma Lei immutavel : sem que assistas
 A's vićtimas Nupciaes , o fogo exhausto
 Ficará no reciproco holocausto.

Vem Hymineo sagrado , vem sobindo
 A mais alto esplendor , a melhor Pindo ,
 Que aquelle que illumina o aureo Apollo :
 Para applicar da tocha a labareda
 A'quellas duas Almas , que hoje hospeda
 A sabia Providencia nos profundos
 Designios de hum empenho antecipado :

Vem

Vem Hymineo a ver felicitado
Este ditoso Horoscopo nas luzes
Mais benignas dos Astros : Sem demora
Vem Hymineo á estancia brilhadora
A apertar mais o laço , em que o mysterio
De excelso impulso , de celeste imperio
Trabalha ha tanto tempo : Naõ dilates
Este assumpto feliz á douta Urania
Para gloria immortal da Lusitania.

Para sobir á esphera o casto Nume ,
Ao genio lhe naõ foi talvez preciso
Instancia taõ ardente : hum breve aviso
Bastaria a movello , imaginando
Que nunca se offrecessse outra harmonia ,
Que mais lhe acreditasse a sympatia.

Sobe em fim com ô rápido Custodio
Ao cume dessa diaphana campanha :
A's duas Divindades acompanha
Hum brilhante cortejo , dependente
Da sua excitaçao resplandecente.

Vinha a Fama batendo ás grandes azas ,
Cheia de linguas , de olhos , e de plumas:
Quebravaó-se as colericas escumas

Do golfo embravecido , e as crystalinas
 Porçoens da etherea maquina ao canoro
 Estrondo da trombeta altisonante :
 Segue a voz , com pacifco semblante ,
 A concordia tecendo as ligaduras , (mas:
 Com que Antheros confronta , e enlaça as al-
 Pelos troncos dos cédros , e das palmas
 Vai dividindo a paz quantos fragmentos
 Deixou o fero Marte ensanguentados
 No terrivel dominio de Bellona :
 Os festoens de Amalthea , e de Pomona
 Hiaó cobrindo o horror , que se infundia
 Nesta atroz carrancuda symmetria.

Com hum constante esforçô apparecendo
 Vinha a Fé conjugal , e entretecendo
 Dois coraçoens em ignea suavidade :
 Em hum purpureo véo à Honestidade
 Equívoca ó carmim do acezo rosto :
 Com hum simples candor modesto ornato
 Amparada a Vergonha no Recato
 Vai seguindo a Hymineo : em laço estreito
 As tres Graças se mostraõ , repartindo
 O seu risonho alento pelos Orbes :
 Varias Nymphas nos ares espalhadas ,
 Com as aguas mais puras , destiladas

De

De aromaticas flores , burrifando
Vaõ o campo celeste : outras queimando
Tudo quanto em sangria rubicunda
Nos roxos lenhos a Panchaia innunda

Na crystalina concha trasladada
A filha das escumas purifica
A cerulea regiao , e vivifica
Quanto se poem defronte dos seus olhos :
Ac mais ligeiro impulso excita as ayes ,
Que a morte solemnizaõ com seu canto ,
O filho indocil desta luz de Cypro :
Com emplumados raios a medronata
A rotunda campina , e naõ ha golpe
No mais alto , ou mais infimo compendio
Que naõ logre a expressao do suave incendio.

Chega em fim a brilhante comitiva
Ao soberano Alcaçar : sobre o throno
Do supremo Destino collocado
Se tinha hum aureo leito , aonde o Fado
Formava as aras , em que os dois Esposos
De victimas servindo á doce chama ,
Que no holocausto intrinseco se inflama ;
Exporiaõ no ardor , que o influxo instiga ,
Hum novo exemplo da amorosa ligâ.

Sobre

Sobre quatro Athlantes se firmava
 A maquina ditosa : O rico adorno ,
 Que ennobrecia o Thalamo , naó era
 Inda dos assistentes conhecido :
 Incognitas porçoens da sacra esphera ,
 Com raro engenho , o tinhão produzido.

A textura das tellas , e dos lensos
 Naó se fez com os fios , que orbicule
 O admiravel Necydalo : parecem
 Subtis reflexos , que líquida a aurora :
 Com variado primor anîma Flora ,
 Os matizes que os pannos divinizaó :
 O pavelhaó , que cobre este portento
 Tresladou do abrazado Firmamento
 As trepidantes luzes para as quattro
 Enroladas cortinas , com que cingem
 Os figurados corpos das columnas ;
 Onde em finos aspectos as fortunas
 Se debuxaó de todos os confortes ,
 Que com varios progressos , varias sortes
 Acreditaraó na provecta idade
 De Hymineo a immortal fidelidade.

Extaticos os Numes se pozeraó
 Na multidaó de maravilhas tantas :

Mas

Mas o filho de Venus , que notando
Ficou a sublimada sympathia
Dos dois Esposos , outra fantasia
Naó tem , do que apurar a consequencia
Da amante superior correspondencia.

Manda trazer a fragua pavorosa
Donde provida saie a eburnea aljava :
Obedece ao preceito a força brava
De Esteropes volantes : de improvizo
O Euro , e o Boreas a fornalha assopraõ :
De faiscas se innunda quanto encerraõ
Os regulados ambitos ; e logo
Naõ se vio outro objecto mais que o fogo.

Sobre a dura bigorna se batiaõ
As barras do metal achrysolado :
A cujo rudo estrondo , ardente brado
Se finge que vacila , ou que declina
A extensaõ da estructura crystalina.

De ouro as pontas se forjaõ para as setas,
Que intentava empregar o Deos ancioso :
Duas toma , e as entrega áo forte impulso :
Firma o pé , chama a corda , mede os Alvos,
E em hum instante os golpes lisonjeiros

Fa-

Fazem toda a impressão dos seus luzeiros.

O peito a penas dos Espofos tocaõ
 As suavissimas chamas , que dispara
 Do formidavel arco o ardente tiro ,
 A intrinseca cadencia de hum suspiro
 Corresponde á ferida venturosa ;
 E em hum deliquio , ou magoa venturosa
 Deixariaõ do Tronco a summidade ,
 Sem uso dos sentidos , se a Deidade
 Da pompa conjugal , naõ dispuzesse
 Que a multidaõ dos genios recebesse
 Nos seus braços os inclytos Consoites ;
 E os convocasse ás aras sacrosantas ,
 Onde perpetuamente conseguissem
 O illustre incendio , a esplendida ventura
 Desta gloriosa , singular figura ,
 Em que tinha com próvidas cautellas
 Trabalhado o concurso das estrellas.

Já neste tempo as vozes mais sonoras
 Das Nymphas , com docissima harmonia
 Os angulos do Alcaçar encantavaõ :
 Hymnos eraõ que os Numes dedicavaõ
 Ao altar de Hymíneo : abre o Destino
 Entaõ , com todo o assombro das espheras

Effe

Esse profundo cofre , em que se guarda
O insondavel progresso dos futuros :
Os Tropicos , as Zonas , os Coluros
Ali subitamente estremeceraõ
Vendo que á luz de Phebo se pozeraõ
Todos esses segredos , que atégora
Entre o horror dos influxos escondidos
Naõ foraõ das Deidades conhecidos.

Do mais fundo do archivo tenebroso ;
Com a voz de outro Orpheo se manifesta
Huma nova , divina consonancia :
Nella se ouve com métrica elegancia
Os prevenidos fastos do consorcio ,
E toda aquella prospera advertencia
Com que da sorte o incognito cuidado ,
Com alto empenho , o tem felicitado ,
Para que na ambiçaõ do claro templo
Seja da Heroicidade eterno exemplo.

Atrahidos da musica Celeste ,
Ou da pompa Nupcial , que tinha a Fama
Nos immensos espaços divulgado ,
Vemos Deoses do Olympo : o grande Jove
Absorto no espectaculo se move
A infundir , com magnifico designio

Huma excelsa porçaõ do seu dominio,
 Dando aos Esposos hum divino alento:
 Apollo lhes sublima o entendimento,
 Mavorte o esforço, Venus a belleza,
 Minerva a discripſão, Juno a riqueza,
 A elegancia Mercurio, a luz Cybelle,
 O incendio honesto, Diana lhes destina;
 Fecunda chama lhes propoem Lucina.

Vendo o Destino satisfeito o assumpto
 Da mais pomposa acçaõ, que tinha dado
 Ao templo o resplendor da Providencia,
 Cerra a cortina ao Thalamo, dispondo
 Que os dois Esposos no brilhante fausto
 Deste illustre, reciproco holocausto
 Se entreguem, com gloriaſa suavidade
 A' mais doce, e feliz posteridade.

F I M.

TRADUÇAÕ
DO
OEDIPO
DE SOPHOCLES,
POR
FRANCISCO DE PINA,
DE SA', E DE MELLO,

*Moço Fidalgo da Casa de Sua Magestade Fidelissima,
e Academico da Academia Real da Historia Por-
tugueza.*



L I S B O A :

Na Offic. de JOAM ANTONIO DA COSTA,
Impr. do Ser. Senhor Infante D. Pedro , e da Sagrada Religiao de Malta.

MDCCLXV.

Com as licenças necessarias.

Vende-se na rua Augusta , na travessa de S. Nicolao , na loja de Antonio da Silva da Costa , mercador de livros , e as mais obras do Author.

4

A D V E R T E N C I A.

¶

Huma das principaes figuras no Original do Oedipo he o Choro , e como este se tem supprimido em todas as Tragedias modernas , se passou nesta Traduçao para o Supremo , ou grande Sacerdote de Jupiter tudo o que dizia o Choro no Exemplar Grego ; porque assim ficaya mais facil no nosso Theatro , e talvez mais gostosa a representaçao da mesma Tragedia , sem que por isso se lhe tirasse , ou pervertesse couisa alguma do seu nexo , e soluçao , nem ainda o mais essencial deste Poema Dramatico padece nesta mudança alguma offensa.

TRADUÇAÕ DO OEDIPO DE SOPHOCLES.

INTERLOCUTORES:

Oedipo Rei de Thebas na Beocia.

O grande Sacerdote de Jupiter.

Focaste viuva de Laio, e mulher de Oedipo.

Creonte Irmaõ de Focaste.

Tiresias , Propheta de Apollo.

Hum official da Corte de Oedipo.

Hum Pastor velho de Corintha.

Phorbas , Pastor.

Figuras mudas.

Acompanhamento de Archeiros do Rei Oedipo.

*O Povo de Thebas composto de velhos , meninos , e
mancebos.*

Duas filhas de Oedipo.

ACTO I.

SCENA I.

*Apparece o frontispicio do Palacio de Oedipo , e de-
fronte delle humas aras ; e ao mesmo tempo vem
sabindo Oedipo com Coroa , e Sceptro , e guar-
da de Archeiros por huma parte , e pela outra o
grande Sacerdote acompanhado de algumas mu-
lheres , meninos , velhos , e moços de Thebas ,
com ramos nas mãos , e fitas pendentes , que fa-
zem a figura de bandeiras .*

Oedipo.

Infelices Thebanos ,
Que fados deshumanos
Vos tem posto em taó misera tristeza ,
Como eu vejo da Plebe , e da Nobreza
Nos afflictos semblantes ? Que desgraça
Vos ajunta , e convoca nesta Praça ?
As bandeiras pendentes
Dos ramos florecentes
Muda expressão , ou symbolos devotos
Das supplicas , das preces , e dos votos ,
Que me querem dizer ? Tantos clamores ,

Tan-

Tantas exclamaçoens , tantos rumores
 No campo , e na Cidade ,
 Que funesta , mortal calamidade
 Me pronosticaõ hoje ? Os ares densos ,
 Com o Sagrado fumo dos incensos ,
 Que explicar-nos intentaõ ? O² que triste
 Aspecto para hum Rei que vos affiste
 Com a ancia de Pai ! Que mais funesto ,
 Que mais horriyel , e medonho gesto
 Pôde tomar o Fado , que propor-me
 Do meu Povo a affliçaõ ? Que mais enorme
 Terrivel espetaculo podera
 Representar-me a sôrte ? Eu sou aquelle
 Famoso Rei , aquelle egregio Oedipo ,
 Que os vossos proprios males participo :
 Naó de outra explicaõ , da vossa boca
 Os quero saber todos : Que tormento ,
 Que angustia , que infortunio , ou sentimento
 Tendes , ou esperais entre os pezares
 Da vossa turbaçaõ , que estes altares
 Regais com vosso pranto ? Eu naó seria
 Capaz de ver o Ceo , e a luz do dia
 Se naó me commovesse entre o gemido
 De hum Póvo , taõ leal , taõ affligido.

Grande Sacerdote.

Tua grande piedade hoje declaras

Ne-

Nesta acção , quando vês ao pé das aras ,
O' alto Rei , prostrado este concurso :
Alli estaõ os meninos sem recurso ,
Arrimados ás Mâis por naó poderem
Nas delicadas plantas sustentar-se :
Alli tens opprimidos , e encuryados
Com o pezo dos annos , e dos Fados
Os miseraveis velhos ; tens os moços
Mais distintos de Thebas , e as donzellias
Exclamando , e gemendo entre as procellas
Deste estrago fatal : Como Supremo
Sacerdote dos Deoses neste extremo
De influxos taõ horriveis acompanho
Hum aspecto taõ triste , hum mal tamанho .

Ós outròs moradores da Cidade ,
Espantados da atróz calamidade ,
Huns se espalhaõ nas ruas , e nos campos ,
Outros cercaõ com hum piedoso exemplo ,
De Bollona o altar , de Apollo o templo :
O motivo do inválido tumulto
Acaſo pôde fer-te agora occulto ?
Ai de mim ! Thebas quasi sepultada
Em hum pego infondavel de miserias
Apenas pôde em tanto parocysmo
Erguer os tristes olhos neste Abyssmo .

A ver-

A verde semienteira apénas nasce
 N'hum instante se murcha , o gado manso
 Naõ tem algum descanso ,
 Ou no prado , ou no monte :
 O liquido crystal da clara fonte ,
 E ainda a doce grama , e o ar sereno
 Se lhe converte em tragicó veneno.

Com horridos destinos
 Espiraõ os meninos
 Entre os braços das Mäis dando-lhe o leite :
 Quem ha que naõ discorra , ou naõ suspeite
 Que Deidade inimiga
 Com taõ injusto horror naõ nos persiga ?
 Huma chamma yoraz , hum fogo errante ,
 Hum contagio , huma peste fulminante
 Com misero repente
 Nos devora a seara , o gado , a gente.

O carrancudo Deos do escuro Averno
 Do nosso mesmo estrago enriquecido
 Festeja entre o pavor do negro espanto
 A lastima infeliz do nosso pranto.
 Deitando a vista para as aras Santas
 Desta Regia sublime architeutura ,
 Hoje invocar-vos cada qual procura

Se naó como a Deidade , ao menos como
O maior dos mortaes , e como aquelle
Que he só capaz de consolar o dano
De impulso taó mortal , taó deshumano ,
E de aplacar os rápidos furores
Das iras , e violencias Supriores.

Vós sois , ó grande Rei , o que livrasteis
A rossa Patria do cruel tributo
Da malevola Sphinge ; sois o mesmo
A quem os altos Deoses inspiráraõ
Os discursos felizes , que espantáraõ
A impiedade feróz daquelle monstro :
Vós sois , em fim , o objecto que adoramos
Por redemptor , e Pai ; e em vós sómente
Tem posto todo o Povo , toda a gente
Nesta Celeste horrifica vingança
Os alentos mais firmes da esperança.

Prostrada ás vossas plantas se acha Thebas ,
E vos pede (ai de mim !) algum remedio
Neste terribel , neste duro assedio
Com que nos cerca a chamma abrazadora
Desta furiosa peste : Naó ha hora
Em que aos filhos os País uaó desamparem :
Aos Irmãos as Irmãas , e entre gemidos

As esposas se apartaõ dos maridos.

Interessai , Senhor , o Ceo , e a Terra
 No soccorro que todos pertendemos :
 Chamai os homens , consultai os Deoses
 Para taõ grande empreza ; em fim , salyai-nos
 Soccorrei-nos , ouvi-nos , amparai-nos.

Hum sabio como vós , que na prudencia
 Tem feito taõ scientificos progressos ,
 He superior á ira dos successos.
 Apressei-vos , ó Rei , melhor que todos
 Os Principes que daõ as leis ao Mundo :
 Apressei-vos no estrago furibundo
 A salvar este Reino : á antiga gloria
 Voltai outra vez Thebas , recordando
 A obrigaçao que tem vossos auspicios
 De continuar-lhe os mesmos benficios.

Vós sois o Redemptor desta Provincia ;
 E este titulo illustre está gravado
 Nos nossos coraçoens : o vosso Estado
 A exaltaçao vos deve : Estes anciosos ,
 Infelices Vassallos , n^ooutro tempo
 Os resgatasteis do poder da morte ,
 E agora os yedes outra vez da Sórte

Mais

Mais tyranna frénetico despojo :
Salvai-nos , outra vez , ó Rei , repito ,
Salyai-nos deste insulto , deste arrojo ,
Deste apestado alento do Cocyto.
De novo convocai essa prudencia ,
Com que haveis sempre prosperado o Sceptro ,
E mudando este horror n'outro semblante ,
Fazei-vos a vós mesmo similhante.

Adverti que se os Ceos vos daõ a vida
Para vos conservar neste dominio ,
Inutil ficará este desinio :
Sem Vassallos o Rei naõ se destingue
De qualquer fortaleza sem guerreiros ,
Ou talvez de huma não sem marinheiros.

Oedipo.

Infelices , e miseros Vassallos ,
Naõ ignoro a desgraça em que fluctua
A vossa turbaçao ; naõ desconheço
Que tudo geme (ó Ceos !) tudo suspira :
Mas na afliçao geral , em que conspira
A colera dos Deoses com o Fado ,
Persuadì-vos que estou no mesmo estado ,
Em que hoje vos achais ; e inda presumo
Ser maior a violencia , em que me vejo.

Os estragos , que eu noto repartidos
 Pela extensaõ do Povo , estaõ unidos
 Na esféra de meu peito : Todos juntos
 No fundo da minha alma se aposentaõ :
 Vós sabeis a prudencia com que tenho
 A Thebas governado , e o alto empenho
 De fazer-vos com ella venturofos ;
 Vede , se em males taõ calamitosos
 Será talvez precizo que a desperte
 Inda nos mais incognitos retiros
 O estrondo de taõ miserios suspiros ?
 Do meu pranto , e do meu desassocego
 Vós me fois as mais dignas testemunhas :
 Vós naõ desconheceis a diligencia
 Em que trabalha a luz da intelligencia
 Para dar-vos alivio em pena tanta :
 Só nos restava o unico remedio
 De consultar o Oraculo de Apollo ;
 Tambem o consultei ; já foi Creonte
 Meu cunhado a saudar aquella fonte
 Da Sábia luz , que em Delphos se venera :
 Eu estou persuadido , e elle espera
 Que este brilhante Deos lhe communique
 Tudo o que eu posso conseguir de novo
 Para a saude , e alento do meu Povo .

Ha muito que eu estou fitando a vista
No caminho de Delphos , os momentos
Já me parecem seculos : as horas
Da preciza jornada tem passado :
O' quanto tarda o Nuncio desejado !
Mas em vindo sabei que eu vos concedo
Me julgueis como o homem mais infame
De todos os mortaes , se pontualmente
Entre as penas , que o Fado nos destina ,
De Apollo naó cumprir a lei divina.

O grande Sacerdote.

Que venturosa sorte ! ó Rei , focega
Da tua inquietaçao : Creonte chega.

Oedipo.

O' Deos do claro dia justifica
Na resposta que déste , aquelle gosto ,
Que nos traz a alegria do seu rosto.

O grande Sacerdote.

A grinalda de loiro , que lhe adorna
O circulo da fronte , inda assegua
O mais brilhante auspicio da ventura.

*S C E N A II. Creonte , e os mesmos.**Oedipo.*

BEm chegado sejais , Creonte amigo :
Temos favor no Oraculo , ou castigo ?

Fal-

Fallai , dizei-nos tudo quanto ordenaõ
Os intentos do Ceo , e conheçamos
As vozes desse Deos , que consultamos.

Creonte.

Socegai vossa espirito : a resposta
Da benigna Deidade se resume ,
A que a causa dos males que nos cercaõ
Apartemos de nós , que logo os Fados
Deixarão de fazernos desgraçados.

Oedipo.

Isso he menos Oraculo que enygma :
Nem me assegura , nem me desanima
Esta escura resposta :

Creonte.

Eu me declaro ;
Mas será na presença desta gente ,
Ou dentro do Palacio a vós sómente ?

Oedipo.

A² vista deste misero concurso
He que ha de proferir a vossa boca
A vontade dos Deoses ; pois me toca
Inda mais o descanço que lhe espero ,
Que quanto em meu alivio considero.

Creonte.

Attendei , pois , á voz do Simulacro :
Elle diz claramente , que he precizo

De-

Desterrar deste Reino o horrivel monstro ,
Que ha tanto tempo em Thebas sustentamos.

Oedipo.

E quem he esse monstro , ou de que modo
Faremos a expiaçao que o Deos intenta ?

Creonte.

Elle nesta occasião naõ se contenta
Sem o desterro , ou morte de hum culpado
No atróz delicto de huma moite injusta ;
Pois derramando horrivelmente o sangue ,
Com o impulso cruel da dura lança ,
Pedindo está ao Ceo sempre a vingança.

Oedipo.

Quem he pois este infausto criminoso ?
Que homem taõ infeliz teve a maldade
De irritar taõ sublime Divindade !

Creonte.

Aqui houve , Senhor , hum Rei , que teve
Primeiro do que vós o Augusto Sceptro
Deste illustre districto ; conhecido
Com o nome de Laio.

Oedipo.

Tenho ouvido
Fallar já desse Rei ; inda quē nunca
Conheci esse Principe infelice.

Creon-

Creonte.

No campô se achou morto ; e este insulto
 Se fez á noſſa ideia taõ occulto ,
 Que ficou atégora ſem vingar-fe :
 Este délico em fim he todo o objecto
 Da colera Celeſte , e do decreto
 Do Oraculo de Delphos , ordenando
 Que naõ cefsem as iras Supériores ,
 Sem fe dar o castigo aos matadores.

Oedipo.

Será poſſível que elles ſe descubraõ
 Havendo ſucedido ha tantos annos
 Esſe enorme attentado ? Onde acharémos
 Huns homens taõ crueis ? Por maís extremos
 Que faça a vigilancia ? Como he crivel
 Que os authores de hum crime taõ horrivel
 A descobrir cheguemos ?

Creonte.

Dentro em Thebas
 O Oraculo me diſſe que ſe achava
 A origem desta horrenda atrocidade ;
 Naõ preſumais , Senhor , que esta verdade
 Se nos poſſa esconder : o que ſe buſca
 Com exæcta atençao ſempre ſe encontra :
 D'Aſtrea a descuidada negligencia
 Só pode fer o aſylo da inſolencia ,

Se os olhos da justiça estaõ abertos
Ficaõ sempre os culpados descobertos.

Oedipo.

Seja assim ; mas quizera perguntar-vos
Onde se cometeo esse homicidio ?
Foi dentro da Cidade ? Foi no campo ?
Foi n'alguma viagem ? Foi no Reino ?
Ou talvez n'outra parte mais distante ?

Creonte.

Em toda esta Provincia he voz constante ,
Que este Rei desgraçado fora a Delphos
A consultar o Oraculo de Apollo ;
E depois que da vista se perdera
Nunca mais , ai de mim ! apparecera.

Oedipo.

Naõ houve alguem da sua comitiva
Que dësse alguma luz deste successo ?

Creonte.

Fugindo se livrou só hum criado ,
Que tudo o que nos disse , e tem contado
He de pouca , ou nenhuma circunstancia.

Oedipo.

Saber quero o que disse : Muitas vezes
Huma pequena luz nos encaminha
Na estrada mais difficult , mais escura.

Creonte.

Do seu dito se tira a conjectura ,
 Que já longe de Thebas huma tropa
 De feros salteadores o matára.

Oedipo.

He crivel que huma infame companhia
 Conceba a detestavel ousadia
 De hir atacar hum Rei ? Mais alto empenho
 Os meteo nesse barbaro despenho :
 Algum designio occulto os animava.

Creonte.

Suspeita-se , que houvera outro motivo
 Que o de roubar a Laio : elle foi morto ,
 E seria melhor , se entaõ com elle
 Acabassemos todos , pois ficamos
 Em tudo o que sentimos , e choramos
 Com vidainda peior que a mesma morte
 Todos entregues ao furor da sorte ,
 Nos deixou este Rei só por herança
 Do Olympo a mais colérica vingança.

Oedipo.

Que grande causa , que fatal designio
 Desde entaõ impedio que naõ fizesse
 O Reino , a Patria , e a dor dos fieis Vassallos
 Alguma inquirição pelos authores
 Desse execrando arrojo ; e que os traidores

Este-

Estejaõ sem a justa recompensa ?
Como he possivel que se esqueçã a offensa
De se matar o Rei ? Este portento
Do mais atroz impulso , este ardimento
Das Furias infernaes , este delirio
De hum animo perverso ; ou esta inercia
De hum taõ ingrato , barbaro descuido ,
Justamente dispoz as Divindades
Para as nossas fataes calamidades.

Creonte.

Esseſ laços crueis da horrenda Esphynge ,
E ao depois a presente desventura ,
Tem feito despenhar na sepultura
Das sombras mais funestas o castigo
De hum crime taõ occulto , e taõ antigo.

Oedipo.

Pois eu me empenharei em ver a origem
Destes males crueis , que vos affligem :
Os decretos de Apollo saõ taõ justos
Como os vossos conselhos : Eu me applico
A' sua execuçã. A Patria chara
Eu livrarei de angustia taõ amara :
O excelfo Apollo hum Principe obediente
Terá em mim ; e o Rei qué foi de Thebas ,
Hum vingador do insulto mais infame :
Nesta resoluçã ; neste dictame

Me interesse a mim proprio : Se este crime
 Coubesse no descuido , quem houvera
 Que ao Sagrado dos Reis naó se atrevera ?
 Tenho pezado a culpa ; esta balança
 Ha de firmar o Sceptro na yngança.

Sacerdote Supremo , convocai-me
 Para aqui todo o Povo ; e neste dia ,
 Se os Deoses immortaes me saõ propicios ,
 Haõ de acabar , segundo o meu intento ,
 Ou nossas affliçoens , ou nosso alento.

O grande Sacerdote.

O' praza ao Ceo , e ao Deos que consultamos ,
 Que a Deidade pacifica que adoro
 Entre tantas miserias repetidas
 Extinga os males , e nos salve as vidas .

ACTO II. SCENA I.

Oedipo , Archeiros , grande Sacerdote , e Povo de Thebas.

Oedipo.

BEm informado estou das vossas queixas ,
 Agora me compete ser ouvido

Das

Das voſſas attençoens : Ponde o ſentido
No que dizer intento ; e concorrendo
Com a ancia tambem do meu cuidado
Vos darei hum ſuccesſo affortunado.

Naó podeis duvidar que hum Estrangeiro
Sou na voſſa Provincia ; o que he bastante
Para aqui me julgares ignorante
Deste crime que agora procuramos
Examinar com todo o noſſo esforço :
Se hoje ſó tenho apenas a noticia
Da execravel paixaõ , da cruel malicia
Com que ſe deo a morte ao Rei ; presumo
Que no dia em que chego a convocar-vos ,
Poſſo os meus ſentimentos declarar-vos.

Eu nunca pertendera que inda expoſto
Se viſſe á expectaçāo deste concurso
Hum crime taó atroz , e ſubmergidō
Ha tantos annos no pavor amargo
Da ſomnolenta ſombra do lethargo ,
Se eu naó tivesſe alguns indicios certos
De ver os aſſassinós descobertos.
Sabei , poſis , ó Thebanos , que este Oedipo ,
Que vós já reputasteis como estranho ,
E agora he voſſo Rei , e também voſſo

Nobre concidadaõ , e ao mesmo tempo
 Sogeito ás mesmas Leis que determina :
 A todos os que habitaõ na campina ,
 No monte , na Cidade , ou Villa , ordena ,
 Que o fero matador do triste Laio
 Lho denunciem logo sem demora :
 Se o temor do castigo corrobora
 O silêncio da culpa , confirmar-se
 Pode no meu indulto , que o seu erro
 Naõ terá outra pena que o desterro.
 Se elle for estrangeiro lhe asseguro
 Bem que se exponha Réo deste delito
 De nunca ser vexado , nem proscrito ,
 E a sua confissão será proemio
 De hum distinto favor , de hum alto premio.
 Porém se inda a pezar destas promessas
 A vergonha , o temor , ou a amizade
 For mais forte que o bem da sociedade
 Para occultar o horror deste homicidio ,
 Neste caso entre males tão atrozes
 Ouvi a indignação das minhas vozes.

Eu prohibo que nestes meus Estados
 Possa ser recebido este infelice ,
 Nem que tenha algum trato , algum commercio
 Com qualquer do meu Reino , que das praças ,
Das

Das ruas , e dos templos se separe ;
E que as mesmas suspeitas , e os indicios
O exterminem dos mesmos Sacrificios.
Nem a agoa lustral se lhe conceda ,
Nem que se atreva alguem a dar socorro ,
Por naõ fazer máicr , ou mais agreste
A violencia da colera Celeste.
Assim por este modo satisfaço
Aos decretos de Apollo , e dou principio
A^o sua execuçāo , tomando a causa
Dos Deoses , e de Laio á minha conta :
E desta sorte com perpetua affronta
Sentir possa o culpado , e mais aquelles ,
Que complices seriaõ neste infame
Detestavel arrojo , o effeito horrivel
Destas imprecaçōens que hoje profiro :
Ande sempre n'hum misero suspiro
Este barbaro author do crime enorme ,
Melancolico , pállido , disfórme
Sem fogo , sem lugar , sem semelhança ,
Sem gosto , sem favor , sem esperança ,
E eu proprio , se pertendo dar-lhe auxilio
Dentro no meu Palacio , ao Ceo imploro ,
Que caiaõ sobre mim estas tremendas
Mortaes execraçōens : Quem ha que ignore
Os effeitos , e a força fulminante

Destas vozes ? Quem ha que se levante
 Do mais profundo horror , sendo ferido
 Do impulso deste raio enfurecido ?
 Inda o mesmo Plutaõ horrorisado
 Da feia maldiçaõ ; naõ se atrevera
 A receber no Tartaro profundo
 O que fosse abrazado deste Mundo
 Com este atróz incendio ; por naõ vello ,
 Entre gestos mortaes trocera a cara ,
 E inda a porta do Abyfmo lhe fechára.

Em fim , se ouvisteis já meus sentimentos
 Vos peço , e como Principe vos mando
 Pela fé que deveis á Magestade ,
 Pelo obsequio immortal da Divindade
 Que temos consultado , pela Patria
 Submergida em taõ horríido desmaio ,
 Que os Manes recordeis do triste Laio ,
 E que em males taõ duros , taõ protervos
 Sigais tudo o que acabo de dizervos.
 Quando as mesmas Deidades naõ pedissem
 Desta morte a vingança , ficaria
 Por ventura esta féra aleivosia
 Sem a devida pena ? O Regio sangue
 De hum Principe taõ bom bastante mente
 Naõ falla ? e naõ faz continuamente

Hum clamor , e huma queixa de que a fórte
Vingado inda naõ tenha a sua morte?
Ah naõ devia deste sangue a queixa
Ver-se já satisfeita ha tantos annos?
Porém já que hum descuido delinquente
Faz continuar os ais no infasto busto;
Eu que sou Successor de hum Rei taõ justo,
Possuidor do seu leito , e do seu throno ,
Mais inda que Tutor , Pai de seus filhos ,
Supposto lhôs roubasse a Parca dura ,
Em seu lugar me ponho , e neste estado
O terei como hum Rei que me ha gerado:
Com esta obrigaçâo , inda mais fórte ,
Eu naõ descançarei até que veja
Descoberto este incognito homicida ,
Que com funestos , rápidos portentos
Pode extinguir os ultimos fragmentos
Dos Polydoros , e Agenores : cuido ,
Que esta vingança devo a aquellas grandes ,
Illustres almas , que huma excelsa gloria
Gosando estaõ no templo da memoria.
Mas se alguem taõ ousado houver , que em-
prenda
Impugnar estas ordens , praça aos Deoses ,
Que elle se veja errante , e peregrino
Sem casa , sem focego , sem destino

Habitador dos montes mais incultos ,
 Ou que sofra os terrificos insultos
 Da Fortuna irritada ; que ache a terra
 Sempre ingrata , e rebelde ao seu trabalho :
 Que entre os braços da Māi seus proprios filhos
 Miseramente dem o ultimo alento ;
 Queinda em sôrte mais feia , mais tormento
 Que aquelle que sofremos , e choramos
 (Se he possivel havello) se divida
 A alma do seu corpo , e acabe a vida :
 E aquelles que estas ordens sobscriverem
 Praza tambem ao Ceo que felicitem
 Os nossos interesses , e que tenhaō
 Em discursos taō Santos , taō louvaveis
 Sempre os homens , e os Deóses favoraveis.

Grande Sacerdote.

Todos nós hoje aqui nos sometemos
 Destas imprecaōens á voz horrivel ;
 Mas ai de mim ! que vendo-se inocente
 O Povo neste insulto , parecia
 Que ao Idolo de Delphos pertencia
 Explicar inda mais este sucesso ,
 E assignar com o estrondo formidavel
 De huma tremenda voz este horroroso ,
 Este fero , este infame criminoso.

Oedipo.

Mais justo se nos finge que a Deidade
Nos declarasse o réo ; mas quem se atreve
A sondar os mysterios mais occultos
Dos Deoses immortaes ? que cego arrojo
Seria n'hum mortal , se estes enredos
Quizesse penetrar nos seus segredos ?

Grande Sacerdote.

Naó sei que nova luz me illustra a ideia ,
Que hum novo pensamento me prepara.

Oedipo.

Dizei-me tudo , declarai-me quanto
Vos tem proposto a vossa intelligencia ,
Que naó quero que alguma diligencia
Fique sem ser tentada.

Grande Sacerdote.

Naó supponho .

Que ignoreis de Tiresias os prodigios :
Este grande Propheta he entre os homens
O que he o mesmo Apollo entre as Deidades :
Elle alcança os mysterios mais escuros ;
Elle penetra a sombra dos futuros :
Inda que cego pela muita idade
Quando o Ceo , e os horoscopos coteja ,
Naó ha sucesso algum que elle naó veja :
Duvidais que elle possa declarar-nos

Todo o incognito assombrò , em que se indulta
Huma culpa taõ feia , e taõ occulta ?

Oedipo.

Nem essa indagaçao tem esquecido
Ao impulso infeliz do meu sentido :
Duas vezes por conselho de Creonte
Foi chamado Tiresias ; e admirado
Me sinto da demora que tem feito.

Grande Sacerdote.

Consultallo he precizo , porque as vozes
Desse tempo taõ frivolas parecem ,
Que por mais que inda o credito as presuma ,
Naõ se lhe pôde dar razão alguma.

Oedipo.

Que vozes foraõ effas ; explicai-mas ,
Que eu quero saber tudo.

Grande Sacerdote.

Entaõ differaõ
Que esta morte do Rei a cometeraõ
Cruelmente (sem outros circunstantes ,
Que os criados de Laio) huns caminhantes.

Oedipo.

O mesmo tenho ouvido , mas naõ vejo
Que testemunhas haja do delicto.

Grande Sacerdote.

Ellas virão talvez amedrontadas

Das

Das vossas maldiçoens , e o criminoso
Assombrado de hum raio taó furioso
Naõ terá outro meio , outro recurso ,
Que confessar o enorme sacrilegio.

Oedipo.

Ah naõ o imagineis ; pois quando o crime
Se naõ teme , tambem naõ se receia
A pena que elle traz ; porque inimigo
Maior he inda a culpa , que o castigo.

Grande Sacerdote.

Mas aqui tendes já quem de repente
Vos pôde descobrir o delinquente :
Aqui Tiresias vem : Elle só pôde
Mostrar em toda a sua claridade
As luzes mais brilhantes da verdade.

S C E N A II. *Tiresias , e os mesmos.*

Oedipo.

VO's a quem perturbou o Ceo a vista ;
Para vos dar mais luz na intelligencia :
Vós , que alcançais na terra , e inda no Olympo
Com os vossos discursos , mais que humanos ,
Dos Fados os incognitos arcanos :
Vós , que sabeis a triste desventura ,
Em que a Thebas tem posto a fôrte escura ;
The-

Thebas a vós sómente hoje corre,
 Porque sómente vós , em quem Apollo
 Os maiores prodigios assignalla ,
 De tantos males podereis livralla :
O Oraculo de Delphos nos intima
 Que o fim das nossas lagrimas depende
 Da morte , ou do desterro deste horrivel
 Homicida de Laio : enternecei-vos
 Desta nossa desgraça , condoei-vos
 Do nosso triste pranto , e descobri-nos
 Estes abominaveis assassinos ,
 Empregando os mysterios mais profundos
 Da inspiração divina nesta empreza :
 Naó vos negueis á misera tristeza ,
 Em que o Fado nos pôz , nem ao socorro
 Que todos vos pedimos : Inda os giros
 Das aves consultai : e esses retiros
 Em que a sorte se oculta , já patentes
 Fiquem nas vossas luzes preeminentes.

Propheta grande do sublime Apollo ,
 Salvai-nos , e vingai hum Rei infausto ,
 De que o sangue vertido com a horrenda
 Maldade da traiçao , nos fez o objecto
 Da vingança dos Deoses : Persuadí-vos
 Que naó ha sentimentos mais louyaveis ,

Que

Que acudir á afflîçaô dos miseraveis.

Tiresias à parte.

O' Deoses immortaes , que perigosa
He a sciencia talvez ! quaõ desgraçado
Aqui me considero ! que partido
Tomarei neste horror , neste gemido !

Oedipo.

Que tendes vós scientifico Propheta ?
Que nova suspenсаõ , que mudo espanto
Coincebeis entre a dor do nosso pranto ?

Tiresias.

Deixai , Senhor , que eu volte á minha estancia ;
Convêm á vossa fórte , e ao meu focego ,
Que sem dizer palavra me retire.

Oedipo.

Ah que dos homens sois o mais injusto !
Quereis deixar-nos neste mesmo fusto ?
Por ventura ignorais que a vossa Patria
He esta mesma Thebas ? com que alento ,
Com que causa , motivo , ou pensamento
Do Oraculo escondeis a luz Sagrada ?

Tiresias.

De injusto me accusais , quando podera
Mostrar em vós o impulso da injustiça :
Eu me calo , Senhor , eu me intimidô ,
Só por naõ dar inopinadamente

Em

Em miseria taõ dura , e taõ contraria
Talvez huma resposta temeraria.

Grande Sacerdote.

Em nome destê Povo vos conjuro ,
O^r Tiresias divino , que nos digas
Todas as circunstancias inimigas ,
Que a taõ grande despenho nos conduzem.
Beijando os vossos pés isto rogamos ,
Isto pedimos , isto supplicamos.

Tiresias.

Vós ignorais o empenho em que me pondes :
Deixai-me conservar no horrivel medo ,
Em que hoje me sepulta o meu segredo :
Por mais que me aperteis com tanto rogo ,
Naõ me atrevo a explicar o vosso affogo.

Oedipo.

He crivel que alcanceis os nossos males ,
E guardais hum silencio taõ indino ?
Que barbaro , que horrendo desatino !
Quereis-nos entregar , quereis perder-nos ?
Como os Ceos , e os espiritos eternos
Sofrem tanta maldade ? O^r Santos Deoses !

Tiresias.

Que iniqua accusaçao ! eu me suffoco
Por vosso bem , e meu : interessados
Somos ambos no vinculo dos Fados :

E ten-

E tendo o feio aspecto taõ presente
Naõ direi coufa alguma eternamente.

Oedipo.

O^o mortal o mais péssimo de todos ,
Que penhasco haverá que naõ se espante
Dessa tua dureza ? Será crivel
Que sempre te conserves inflexivel ?

Tiresias.

Accusais-me a dureza , e naõ adverte
O vosso cego arrebatado impulso
Que saõ as iras n^ohum Monarca impropias :
Que mais quereis , que ver a tolerancia
Ser victima infeliz de huma arrogancia ?

Oedipo.

Quem naõ se indignará do teu silencio ,
E do horror que com elle á Patria offreces ?

Tiresias.

O^o que cedo teus males appeteces !
Deixa que elles virão sem ser precizo
Que auspique os damnos , e antiche o avizo.

Oedipo.

Antes que Thebas chegue a conhecillos ,
Da tua mesma voz quero sabellos.

Tiresias.

Naõ presumais , que eu hei de declaralos ,
Posto que conspireis as vossas iras

Contra a minha constancia.

Oedipo.

O³ quanto sofro

A³ tua injusta teima ! Já naó pôde
Sofrer tanto este ardor do meu alento :
Basta já de oppressão , e sofrimento :
Eu me irrito , e enfureço , e te declaro.
Que complice te julgo da funesta
Execranda maldade : manifesta
A pões nesse silencio , em que persiste
A tua infame contumacia , e fora
Mais patente a suspeita na porfia ,
Se o Ceo te naó tirasse a luz do dia.

Tiresias.

Muito bem vos entendo ; e vos affirmo
Que , enfurecido da fatal detença ,
Voltareis contra vós essa sentença :
Mas já que me insultais com tanto arrojo ,
E vos irrita o mesmo que eu cuidava
Que ser podia em vosso benificio ,
Sabei que he já inutil todo o indicio
Que tendes procurado : De hoje em diante
Naô vos pôde fallar , nem attender-vos
Nenhum Thebano : morto , ou desterrado
Que sejais desde aqui he já forçoso ;
Que vós sois , e só vós o criminoso.

Oedi-

Oedipo.

Eu ! quem tal pôde crer ! ó que impostura !
Que atrocidade , ó Deoses ! Por ventura
Pertenderão as luzes Superiores
Livrar-te , ó infeliz , dos meus furores ?

Tiresias.

Naó me intimides ; porque naõ conheço
A cara do temor : pois a verdade
He mais forte que o insulto da injustiça.

Oedipo.

Que verdade , traidor ? donde a aprendeste ?
Certo estou de que nunca a recebeste
Da Ságra inspiração de que hoje abusas.

Tiresias.

Eu sei tudo de vós ; vós me obrigasteis
A romper hum silencio , que eu queria
Sustentar n'huma escura prophecia.

Oedipo.

Que cousa te obriguei que tu dissesseis ?
Fala direitamente , porque possa
Comprehender teu discurso pervertido.

Tiresias.

Vós muito bem me tendes percebido :
E he só nestas perguntas vosso intento
Conduzir-me a algum laço fraudulento.

Oedipo.

Naõ he tal ; e te ordeno que te expliques.
Com maior precisaõ.

Tiresias.

Se isso pertendes ,
Eu to digo , e to explico em poucas vozes :
Tu és o mesmo matador que buscas :
Outra vez to declaro , e to repito :
Tu és o mesmo author deste delito.

Oedipo.

Ei ! misero de ti ! já naõ me atrevo
A sofrer tanto insulto , nem se espera ,
Que na minha sensivel impaciencia
Se repita taõ barbara insolencia.

Tiresias.

E que seria , se eu dissesse tudo ?

Oedipo.

Fala : naõ temas nada.

Tiresias.

Absorto , e mudo
Eu quizera ficar ; mas já que tendes .
Tanto empenho em que eu fale , eu falo , ou-
ví-me :

Oedipo , naõ o tendo imaginado
Miseramente está precipitado
Nos laços mais horriveis , sem que alcance

No

Nó seu funesto infame parocismo
O despenho fatal de hum torpe Abyfmo.

Oedipo.

Repetes-me outra vez as crueis injurias :
Cuidas que entre o veneno que hoje exhalas ,
Poderei novamente soportalas ?

Tiresias.

Nada me importa , ó Rei , teu sofrimento ,
Nem tua indignação , porque he mais fórte.
O impulso da verdade.

Oedipo.

Naõ duvido
Que a sua força he grande ; porém nunca
O será nesse alento desgraçado ,
Com que a tens pervertido , ou profanado.
Cego nos olhos , cego no discurso
Naõ pôdes vela , naõ , nem distinguita.

Tiresias.

Ah Príncipe infeliz ! essa cegueira
Que agora me accusais , todos bem cedo ,
Inda que com pavor , com susto , e medo
Em vós mesmo a acharão verificada.

Oedipo.

Levanta as mãos ao Céo de estar sem vista ,
Pois a ultima vez seria agora
Que essa tua insolente authóridade

Che-

Chegasse a ver do dia a claridade.

Tiresias.

Subdito sou de Apollo , a minha sorte
Na vossa maõ naõ tendes , este Numen ,
A queu sómente se acha sometida ,
Terá cuidado de guardar-me a vida.

Oedipo.

Dize-me infasto , misero Propheta ,
Este enredo , este barbaro artificio
He teu , ou de Creonte ?

Tiresias.

Desse indicio

Fundamento naõ ha para accusar-nos :
Naõ deveis imputar os vossos males
Se naõ sómente a vós.

Oedipo.

O³ Monarquia !

O dominio , ó poder , ó alto influxo
Maior , que as diligencias do cuidado ,
Para fazer hum Reino afortunado !
Superior inda á ancia caprichosa
De alcançar huma vida venturosa !
Quanto estais sometidos aos effeitos
Da insolente Fortuna ! que sogeitos
Aos furores da inveja , e da inconstancia
De huma estrangeira , incognita distancia !

A The-

A Thebas chego sem algum desinio
De ambiçaō , de riqueza , ou de dominio :
Aqui me daõ o Reino , e empunho o Sceptro :
Porém Creonte , o perfido Creonte ,
Que huma doce amizade me fingia ,
Pertende , com infame aleivosia ,
Pelo meio de enganos , e de astacias
Despenhar-me do throno : elle soborna
Este homem miseravel , que a si mesmio
Com huma presumpçāo bem indiscreta
Se tem dado o carácter de Propheta.
Taõ prespicaz no intento que procura ,
Como cego na arte que exercita ,
Conspira com Creonte ; este se vale
Dos traidores prestigios de Tiresias ,
Contra quem ? contra Oedipo , seu amigo ?
Dize-me , que Deidade tens contigo ?
Quem , Propheta , te fez ? que Deos sublime
Te concedeo os inclytos regressos
De alcançares a origem dos successos ?
Se os privilegios gosas deste indulto
Como sofreste tanto tempo o insulto
Da malevola Sphynge , e naõ livraste
A Patria deste horror ? entaõ poderas
Justificar melhor que entre as espheras
Lias os caracteres do destino :

Sim ; entaõ de hum mortal quasi divino
 Necessitava o Reino , que lhe desse
 Hum remedio efficaz : aonde estavaõ
 Os Deoses , e effas aves , que consultas
 Neste tempo infeliz ? sómente Oedipo
 Apparece , e resgata a infausta Thebas
 De males taõ horriveis , e taõ graves ,
 Sem buscar as estrellas , nem as aves.
 Este Oedipo que nunca se singira
 Conjector , ou Propheta vence a ira
 Desse implacavel monstro , desatando
 Os enredos do enygma fraudulento :
 Confessa , ó desgraçado , o meu alento ,
 E confessa tñmbe m que te devora
 O desejo traidor de ver agora
 A Creonte no Solio : este o motivo
 Mais occulto que move a tua infamia ,
 Para ver o esplendor da Magestade
 Naufragar em taõ horrida maldade :
 Considerá , porém , que tanto arrojo
 Te custará bem caro ; e o author funesto
 Deste infame attentado com a vida
 A traiçaõ pagará ; sem que eu attenda
 A tua já decrépita velhice ,
 Te farei o mortal mais infelice ,
 E sentirás a pena rigorosa

De

De huma ideia taõ vil , taõ aleivosa.

Grande Sacerdote.

Testemunha tem sido o nosso assombro
Desta vossa questao ; e conhecemos
Que ha de huma , e outra parte ardor bastante :
Considerai , Senhor , e vós , Tiresias ,
Considerai tambem que o nosso intento
He mui alheio do furor violento
Dessas vossas paixoens ; só procuramos
No estado miseravel em que estamos ,
Encontrar hum sentido mais patente.
Nas vozes da Deidade preeminente.

Tiresias.

Vós sois , Senhor , o Rei ; e bem distingo
A distancia que vai de mim ao alto ,
E illustre resplendor que vos adórna :
Mas perguntando yós , e eu respondendo ,
Nos fazemos iguaes : tambem entendo
Que naõ sou vosso subdito ; que Apollo
He só meu Soberano ; e persuadí-yos
De que eu naõ necessito , nem procuro
Diante deste copioso ajuntamento ,
Ou sómente na vossa augusta fronte
O ser justificado por Creonte.
Eu sou livre , eu naõ temo , e em tanta empreza
Tenho de sustentar minha defeza,

Cego sou , assim he , mas essa vista
 De que tanto prezais a perspicacia ,
 Naó vos dá nem hum raio para veres
 Os males que vos cercaó : ignorante
 Inda está esse estimulo brilhante
 Do ar que respiraes ; e inda do objecto
 Com que de chamma atroz força inimiga
 Tanta maldade horrivelmente liga.
 Quem o primeiro alento vos concede
 Chegasteis a saber ? E que delicto
 Ou no mar , ou na terra , ou no Profundo .
 Execravel vos faz a todo o Mundo ?
 As Furias mais crueis , e vingadoras
 De hum Pai , e de huma Māi todas as horas
 Vos estaõ perseguinto : Já naó tarda
 Esse momento infausto , em que privado
 Tambem como eu da vista (ó duro Fado !)
 Sereis (inda que a fórte se lastima)
 Expulso , e exterminado deste clyma :
 Entaõ nesta tremenda adversidade ,
 Que montanha , que mar , que soledade ,
 Ou outra qualquer parte do Universo ,
 Naó soará entre os miserios suspiros
 De hum eterno clamor ; quando souberes
 Aquelle fatal Hymen que inflammasteis
 Na torpe chamma de huma tocha horrivel ?

Quan-

Quando já no penhasco mais terrivel
A praia se mudar , que parecia
Ao longe hum porto cheio de alegria ?
Quando hum tropel de males encobertos
Vos faça horrendo Irmaõ de vossos filhos ?
Entaõ , ó Rei , entaõ enchei de injurias
A Creonte , e a Tiresias : Naõ as Furias ,
Porém vós mesmo nos dareis vingança :
Em taõ triste , em taõ funebre mudança
Nunca haverá mortal que a perder venha ,
Com tanto horror , e taõ infelizmente ,
O resplendor do dia eternamente.

Oedipo.

He possivel que ainda continues
Nos ultrajes de Oedipo ! Dos meus olhos
Te aparta , ó miseravel : Naõ me tornes ,
Naõ , naõ me tornes mais a por-te á vista
Da minha indignaõ ; pois me parece
Que outra vez naõ terei esta paciencia
Para sofrer taõ barbara insolencia.

Tiresias.

Naõ me verieis , se me naõ chamareis :

Oedipo.

Nem eu te chamaria , se advertira
Que tanta confusaõ , tanta loucura
Te podera ter dado a desventura.

Tiresias.

Vós me tendes por louco : de outro modo
Vosso Pai me tratou.

Oedipo.

Que Pai ? Espera.

Dize : quem he meu Pai ?

Tiresias.

Mui brevemente

O haveis de conhecer ; pois neste dia
Mostrará o destino a toda a Corte
O vosso nascimento , e a vossa sorte.

Oedipo.

Que enredo , que invençao , que escuridade
No discurso , e nas vozes !

Tiresias.

A jaçtancia

Naô tendes de explicares os enygmias ?

Oedipo.

Aquillo com que cuidas que me offendes
He minha maior gloria , onde a Fortuna
De hum eterno elogio a pompa enlaça.

Tiresias.

Dizer poderas que a maior desgraça.

Oedipo.

Eu a Thebas salvei ; a qualquer preço
Que seja me dará eterno aplauso.

Ti-

Tiresias.

Eu me ausento , que aqui de pouco sirvo.

Oedipo.

E melhor quanto mais depressa fores :
Naõ fizeste outra cousa que deixares
Mais confusos os votos dos altares.

Tiresias.

Sim vos deixo , e me vou , naõ sem o gosto
De expor o meu segredo , desprezando
Essas vossas paixõens : outra vez digo
Que importa pouco o seres inimigo
Das minhas prophecias : minha fórte ,
Minha felicidade , ou minha morte
Naõ depende de vós : ultimamente
Eu vos torno a advertir que o delinquente
Que buscais , e que tendes opprimido
Com tantas maldiçõens ; o criminoso ,
O homicida de Laio está bem perto ,
Porque em Thehas está : he na apparencia
Estrangeiro , e em verdade he hum Thebano :
Em pouco tempo o Fado deshumano
Fará que a sua gloria taõ brilhante
Seja com hum estimulo medonho
Como a sombra infeliz de hum breve sonho :
Sem descanço , e sem olhos , encostado
N'hum rustico bordaõ , e reduzido

A pe-

A pedir huma esmóla , conduzido
 De alguns malignos funebres luzeiros
 Vagará pelos clymas Estrangeiros :
 Que confusaõ terá , quando conheça
 Ser dos filhos Irmaõ , da Mãi espofo ,
 E ver-se sem socorro , nem presidio
 Culpado de hum incesto , e hum parricidio ?
 Ide , ó Rei , e tomai bem de memoria
 Estas vozes horríveis ; contemplaias
 Com exacta attençāo : se naõ achares
 A verdade em Tiresias , vos consinto
 Que sempre , ou irritado , ou desdenhofo ,
 Me chameis hum Propheta mentiroso.

ACTO III. SCENA I.

Creonte , grande Sacerdote , e parte do Povo.

Creonte.

HE possivel , Thebanos , que me accuse
 O Rei de huma traiçaõ ; e que duvide
 Da minha sempre igual fidelidade !
 Penetrado da magoa mais profunda
 Diante de vós examinar pertendo
 A falsa ideia deste crime horrendo.

Se

Se entre tantas desgraças lastimosas
Inda sofro a de serem suspeitosas
Tanto as minhas acçoens como as palayras :
Se o Rei chega a julgar-me delinquente ,
Se da minha lealdade desconfia ;
Se em mim suppōem taõ feia aleivosia ,
De que me serve a vida ? O' que desdouro
Para o brilhante impulso a que me chama
O dourado clarim da eterna Fama !
Se eu infamado estou neste delito
Entre yós mesmos me acharei proscrito ,
E em todo o curso , e duraçāo dos annos
Serei sempre o mais vil entre os Thebanos.

Grande Sacerdote.

Senhor , naõ a verdade mas a ira
De hum Rei apaixonado , no seu peito
Formaria talvez este conceito.

Creonte.

Mas com que fundamento o Rei me imputa
De que eu trouxe a Tiresias , com a ideia
De espalhar na Cidade a imagem feia
De taõ falsos discursos ?

Grande Sacerdote.

Conhecemos
Que assim o disse o Rei , mas ignoramos
A razāo que elle teve.

Creon-

Creonte.

E será justo
Que Réo sem outra prova me suppónha
De hum crime taõ atróz !

Grande Sacerdote.

Ao nosso estado
Naõ pertence saber onde o cuidado
Se encaminha do Rei : Elle aqui chega ,
Fallando-lhe podeis sondar o intento
Do seu desconhecido pensamento.

S C E N A II. *Oedipo , e os mesmos.**Oedipo a Creonte.*

Com que semblante apparecer pertendes
Hoje diante de mim ? Se convencido
Te vejo do rancor mais fementido
Intentando tirar-me (ó Ceos !) de hum golpe
O Reino com a vida ; como emprendes
Agora o novo insulto de te expores
A vista dos meus olhos ? Imaginas
Que seraõ taõ cobardes , taõ indinas ,
Ou taõ rudes as minhas impaciencias ,
Que sofraõ taõ desleaes inconfidencias ,
Só por naõ castigar-te ? Que concurso
De tropas , e de amigos , de ouro , ou prata

Ti-

Tinhás para esta empreza ? Tu sómente
Querias sem auxilio , ou outro abono
Forçar o Sceptro , combater o Throno?

Creonte.

Vós , Senhor , tendes dito ; a mim me toca
Dizer agora : Pede o bom sentido ,
Que naõ me condemneis sem ser ouvido.

Oedipo.

Que podes tu dizer-me ? Eu naõ ignoro
A eloquencia , e artificio com que sempre
Induzes huma falsa claridade :
Eu naõ te quero ouvir : Tanta maldade
Justificada tenho , e outra esperança
Já naõ tens , que a do golpe da vingança.

Creonte.

Haveis , Senhor , haveis de consentir-me ,
Que huma palavra ao menos vos proponha.

Oedipo.

Cala-te , infame , cala-te , ou confessá
Que és o homem mais péssimo dos homens.

Creonte.

Vós estais em hum erro escandaloso ,
Se quereis nesse ardor que vos fogeita
Fazer huma razaõ de huma suspeita.

Oedipo.

E tu estás sem juizo se presumes

g

Que

Que a infame aleivosia de hum Vassallo
Contra o seu mesmo Rei sem pena fique.

Creonte.

He justa a pena em crime taõ horrendo ;
Mas he justo tambem que communique
Ao seu Vassallo o Rei as circunstancias ,
E indicios do delicto , a ver se chega
Com precisa evidencia a desmenti-los :
Expor-se ao risco , a lei mais rigorosa
De opprimir a innocencia , he hum impulso ,
Que só cabe no horror da tyrannia :
Dizei-me ao menos por favor a guia
Que vos conduz á infausta diligencia
De me fazeres réo desta insolencia.

Oedipo.

Estarás por ventura inda lembrado ,
Que pelo teu conselho foi chamado
O Propheta , que tanto se encarece ?

Creonte.

Naõ o nego , Senhor , e naõ me esquece
Que dei esse conselho ; e inda agora
Em suspeita taõ feia , e taõ amára
O mesmo te dissera , e aconselhára.

Oedipo.

Desde que tempo Laiõ

Creon-

Creonte.

Declarai-vos.

Que pertendeis saber?

Oedipo.

Saber quizera

Desde que tempo foi de Láio a morte

Em Thebas conhecida?

Creonte.

Ha muito tempo

Que neste Reino se nos fez notoria;

Mas he facil trazê-lo inda á memoria.

Oedipo.

Tiresias professava entaô a arte

De Agoureiro, ou Propheta?

Creonte.

Entaô a tinha

Da mesma fórte que hoje; e gosou sempre

Da mesma estimaçã em toda a Grecia.

Oedipo.

Nesta occasiaõ ouviste por ventura,

Que falasse de Oedipo?

Creonte.

Naõ me consta

Que elle falasse em vós.

Oedipo.

Pois que motivo,

Que occulta causa , que furor nocivō
Fez que em tempo que a dor á morte iguála
Naó fale tanto como agora fala?

Creonte.

A razaõ que ahi houye eu naó a alcanço :
E em tudo o que naó sei calar-me devo.

Oedipo.

Ao menos bem sabeis o que vos toca :
Andarás fabiamente , e alguns pezares
Cuido que pouparás , se o confessares.

Creonte.

Quê posso confessar-vos ? Naó me nego
A declarar-vos tudo o que descobre
A minha intelleçaõ.

Oedipo.

Seria crivel
Que o homicidio de Laio me imputasse
Este Tiresias , se elle naó se achasse
Comvosco em huma infame intelligencia ?

Creonte.

Quanto a Tiresias , se vos tem falado ,
Vós melhor sabereis o que elle disse ,
Quanto a mim eu de vós saber queria
A origem dessa errada fantasia ,
Que saber pertendeis de mim .

Oedi-

Oedipo.

Consinto

Em que me pergunteis , quando pergunto ,
Mas inutil sereis em perguntar-me ,
Pois se he o vosso intento renovar-me
A infame accusaçao , bem pouco , ou nada
Poderá conseguir nesta ardua empreza
Todo o empenho da vossa subtileza ,
Porque nunca fareis que eu me proponha
Ser o aggressor de Laio.

Creonte.

Eu naõ o affirmo ,
Tiresias he que o diz ; porém dizei-me :
Naõ sou vosso cunhado ? Naõ casasteis
Com minha Irmaã Jocaste ?

Oedipo.

Quem o nega ?

Creonte.

Amante , ou generosa naõ entrega ,
Ou reparte comvosco o seu dominio ?

Oedipo.

Quem o duvida ? Nem que o meu desírio
Foi sempre expor-lhe n^o alma a aancia immensa
De huma justa amorosa recompensa ?

Creonte.

De Thebas naõ me vedes o primeiro

De-

Depois della , e de vós ? ha quem o ignóre !
Oedipo.

Ah pérfido ! que a luz com que illumino
A tua dignidade mais me assusta ,
E faz a tua ideia mais injusta.

Creonte.

Naô o faz , nem fará : Senhor , dignai-vos ,
Dignai-vos de attender-me ; pois vos tenho
Bastantemente ouvido neste empenho :
E vereis que no horrivel artificio
Com que hoje me accusais , naô se acha indicio
Contra a minha lealdade : De huma parte
Ponho agora o pavor que assiste ao Solio ;
E da outra o focego , e a suavidade
Em que sem a oppressão da Magestade
Pôde viver hum Principe glorioso
Mais feliz , mais alegre , mais gostoso.
Hum prudente mortal , hum homem Sabio
Qual destes douis partidos tomaria ?
Quem pôde duvidar que escolheria ,
Se naô fosse talvez barbaro , e cego ,
Aquelle em que tivesse mais focego ?
Nasci sem ambição , e sem o impulso ,
Ou ancia de reinar : neste retiro ,
Taô ditoso , e taô placido prefiro
Ao Reinado huma illustre vassallagem :

Ne-

Nesta vida privada naõ encontro
Em vós tudo o que emprende o meu desejo?
Pois se tantas questoens sómente vejo
Nas alturas do throno , como he crivel
Que eu aspirasse ao Sceptro , taõ cercado
Das mais tristes pensoens ; e o excelso estado
Em que vivo taõ cheio de doçura ,
De gloria , de descanço , e de ventura
Trocasse por hum Solio turbulentó?
Persuadí-vos , Senhor , que o meu intento
Naõ he taõ depravado que permita
Trocár pela desgraça a minha dita.
Sei tudo o que convém ao meu descanso:
Quando na minha sorte os olhos lanço
Para tantos objectos , reconheço
Que consigo inda mais do que appeteço :
Amado , e procurado sou de todos ,
E sempre felizmente lhes succede
Tudo quanto por mim a vós se pede :
E tenho em meu poder inda os auspicios
Dos vossos mais illustres benificios.
O mais louco dos homens me julgára
Se taõ grande esplendor sacrificára
A ambição de reinar : bem conhecido
Tendes meu coraçao : a minha ideia
Naõ he , nem de hum traidor , nem de hum re-
belde :

Hum

Hum projecto taõ feio , e abominavel
 Nunca já mais entrou no meu discurso :
 Taõ longe estou , Senhor , de ver-me incursõ
 Na perfida traiçao contra o Sagrado
 Resplendor do meu Rei , e meu parente ,
 Que eu teria vergonha só de ouvî-la ,
 Quanto mais de apprová-la , e produzî-la.
 Se talvez naõ achais que saõ bastantes
 Os mais santos , e fortes juramentos ,
 E as minhas expressoensinda naõ credes ,
 Crede ao menos a Apollo , consultai-o ,
 Que delle sabereis se o que vos digo
 Chega a ser de hum traidor , ou de hum amigo :
 Em fim , se vós podeis justificar-me
 Que a traiçao com Tiresias tenho feito ,
 Desde aqui já me entrego , e me sogeito
 A huma cruel morte : e nesse instante
 Em que me for provada esta perfidia
 Naõ sereis vós sómente o Juiz sevéro ,
 Eu o serei tambem contra mim proprio :
 Eu serei o primeiro que me indigne ,
 E em tanta confusaõ , maldade tanta
 O que me aperte o laço na garganta.
 Mas procedei , Senhor , como se espera
 De hum Rei justo , e benigno : a Fama illustre
 De huma Regia ascendencia naõ se digne
O vos-

O vosso excelso braço de entregá-la
Taó feia , e ennegrecida ao mundo todo :
Chegai primeiro , ó Rei , por outro modo
Ao vosso desengano : e naõ se atreva
Hoje o susto a fazer hum fementido
Sómente por hum crime presumido :
Adverti que igualmente he taõ injusto
Reputar por culpado hum inocente ,
Que no mesmo conceito perturbado
Fazer-se hum inocente de hum culpado.

Perder-se hum bom amigo he maior perda ,
Que inda a perda dos olhos : Mas que digo
Nesta comparaçao ? Hum bom amigo
Inda mais do que a vida ha de estimar-se :
Bastante tenho dito : o tempo , e a fórte
Descobrirá o author daquella morte :
Para se descobrir huma maldade
Basta hum dia talvez , e o mesmo dia ,
Precedido de incognita influencia ,
Para se declarar huma innocencia.

Grande Sacerdote.

Naõ se póde negar que esclarecida
Se acha huma sabia luz neste discurso :
Fugi , Senhor , de hum cego , temerario ,
E despenhado juizo : Naõ se julga

Por sabia , decorosa , e bem formada
Huma resoluçāo precipitada.

Oedipo.

A traiçāo repentina tambem pede
Huma prompta vingança : ficaria
Mui quieto , e tranquillo por ventura
Com ideia taõ falsa ? Esperaria
Que Creonte lograsse o infame empenho
De apressar minha morte , e o seu despenho ?

Creonte.

Dizei-me , pois , Senhor , já que naõ pôde
Conivosco esta innocencia , que me assiste ,
Esta fé que professo á Magestade ,
E ao Numen figurado na pessoa
De hum Rei , e no alto objecto da Coroa ,
Que supplicio intentais que se assignalle ?
Condemnais-me ao desterro? (O quanto peno!)

Oedipo.

Desterro he pouco : A³ morte te condemno.
Tendo de huma traiçāo taõ claro indicio
Só poderá vingá-la este supplicio.

Creonte.

Eu irei promptamente ao duro golpe ,
Se vós me fazeis ver que eu sou culpado:

Oedipo.

Pois que ? Como rebelde me replicas ?

Creon-

Creonte.

E como vos fazeis hum Rei injusto?

Oedipo.

Eu livro o Sceptro do eminente susto,
Fazendo-te morrer sem mais demora.

Creonte.

E eu sustento, e conservo a minha vida,
E a equidade tambem, se esta inclemencia
Separo aqui do obsequio, e da obediencia,
Desprezando hum rigor tão affrontoso.

Oedipo.

Mas naó podes negar que és criminoso.

Creonte.

Vós naó me tendes inda convencido.

Oedipo.

Seja, em fim, como for: Póde hum Vassallo
Naó sogeitar-se ao Rei?

Creonte.

Pódes, se iniquos,
Se injustos, e crueis saó seus decretos.

Oedipo.

O Cidadaons, ó Thebas!

Creonte.

Naó exclamei, ó Cidadaons, ó Thebas!
A vossa indigna furia nesté exame,
Que Senhor desta terra, e destes Povos

Sou tanto como vós : e juntamente
 Como seu Cidadaõ tenho direito
 De os poder convocar em meu auxiliò.

Grande Sacerdote.

Ah Principes , que intentos saó os vossos ?
 Mas aqui vem Jocaste , que em socego
 Porá tanto furor , trazendo a emenda
 De taó ardente , taó fatal contendia.

S C E N A III. Jocaste, e os mesmos.*Jocaste.*

Que impulso he estê , ó Principes infaustos ?
 Ao mesmo tempo que agoniza a Patria ,
 Naó tendes a vergonha de augmentares
 Entre os ais , entre os votos dos altares
 As publicas desgraças com as vossas
 Privadas difençoens ? Entrai Oedipo ,
 Entrai Creonte , entrai ao mesmo instantê
 Cada qual no seu proprio apartamento .
 Deixai de accrescentar a noffa ruina ,
 E naó queirais que a vossa controversia
 Em taó triste fatal calamidade
 Se leve a huma infeliz extremidade .

Creonte.

Eu estimo , Senhora , que chegasseis

A tem-

A tempo que me fosseis testemunha
Do cego arrojo com que Oedipo trata
Creonte vosso Irmao : elle presume
A² morte condemnar-me.

Oedipo.

Naõ o nego ,
Nem pôde este rigor causar espanto ;
Porque tem conspirado contra a vida
Do seu benigno Rei.

Creonte.

Entregue a todas
As implacaveis Furias eu pereçâ
Nos mais horrendos barbaros supplicios
Se nem huma particula confusa
Tive desta traïçao que se me accusa.

Jocaste.

Que mais quereis , Senhor ? pelas Deidades
Respeitai taõ Sagrados juramentos :
Os meus rogos ouvi ; e os sentimentos
Deste misero Poyo.

Grande Sacerdote.

A nossa angustia ,
A nossa confusaõ tambem vos pede
Que mitigueis , Senhor , as vossas iras :
Escutai a Rainha em tanto affogo ,
E attendei docemente ao nosso rogo.

Oedi-

Oedipo.

Sabeis o que pedis ? Será possivel
Que do meu coraçāo no grande aballo
Me sogeite á soberba de hum Vassallo ?

Grande Sacerdote.

Ponde diante dos olhos toda a antiga
Lealdade dos seūs votos ; e a presente
Protestaçāo.

Oedipo.

Talvez tendes notado
No que intentais de mim neste ardido empenho ?
Conheceis o favor que haveis pedido ?

Grande Sacerdote.

Sim Senhor , nós o temos conhecido.

Oedipo.

Se ousais inda de novo a pertendē-lo
Fallai ; que eu vos attendo.

Grande Sacerdote.

Naō cuidamos
Que offender-vos podeis , quando rogamos
Que salveis hum amigo , e naō se perca
Só por huma incerteza.

Oedipo.

Persuadir-me
A fazer esta graça he conduzir-me
Por huma fantasia , ou por hum erro.

Ao

Ao insulto da morte , ou do desterro.

Grande Sacerdote.

Na presença de Jupiter o digo.
E tu , ó Sol , brilhante testemunha
Sejas dos juramentos que aqui faço ,
Que eu me veja dos Deoses , e dos homens
Desamparado sempre ; se estou vendo
Que discurso taõ torpe , e taõ horrendo
Me venha ao pensamento : só procuro
Em tudo o que discorro , e conjecturo
O publico interesse : Só sensivel
Ao mal da minha Patria espedaçado
Sinto o meu coraçao vendo que o Fado
Multiplica a impiedade dissoluta
No movimento atróz desta disputa.

Oedipo.

Pois assim o quereis , pôde Creonte
Já daqui retirar-se : eu lhe perdo-o
No meio do perigo de matar-me ,
Ou tirar-me do throno : mas advirta
Em que hoje ás vossas lagrimas sómente ,
E naõ a seu respeito em tanto insulto
Dispênsa a graça , e lhe concedo o indulto .
Saiba que em qualquer parte que elle esteja
Lhe tolho que me falle , ou que me veja ,
Pois hum taõ feio , e ingrato criminoso

Me será sempre horrivel , sempre odioso.

Creonte.

O' que cruel favor ! que mais podera
Fazer huma vingança ? porém este.
He o vosso carácter : pelas vossas
Mesmas paixões a sorte vos castiga.

Oedipo.

Esse teu novo insulto inda me obriga
A que mais me perturbe ; vai-te , infame ,
Apara-te , infeliz.

Creonte.

Sim , eu me aparto :
Fui desgraçado em naó me conheceres ;
Mas ao menos o alivio me acompanha
De que este Povo me fará justiça. *Vai-se.*

Grande Sacerdote.

Se Creonte , Senhora , já se ausenta ,
Ficando aqui o Rei , que he o que intenta
A vossa suspensaõ , sem exhortá-lo
A que no seu Palacio se recolha.

S C E N A IV.

Jocaste , Oedipo , e o Grande Sacerdote.

Jocaste.

OS motivos primeiro saber quero
De tantas dissensoens.

Gran-

Grande Sacerdote.

A sua origem

Veio só de palavras , e suspeitas.

As injurias naõ pódem ser acceitas

Em hum animo illustre.

Focaste.

E ellas forao

Igualmente reciprocas ?

Grande Sacerdote.

He certo.

Focaste.

E sobre que cahiraõ ?

Grande Sacerdote.

Vos supplico

Que mais naõ pergunteis : Em tanto estrago

Como hoje padecemos , conveniente

Será que nesta lastima presente

Naõ nos seja huma queixa renovada ,

Que vemos no silencio sepultada.

Oedipo.

Cego estais na verdade , e naõ obstante

A grande réctidaõ que vos supponho

Desamparais meus justos interesses ;

Augmentando inda mais os meus horrores.

Grande Sacerdote.

Que falsas apprehensoens , que vãos temores ?

Já vos disse , e' outra vez torno a dize-lo ,
 Que eu fora o mais iniquo dos Thebanos ,
 Se de quanto vos toca , ou vos respeita
 Eu chegasse a apartar-me : Por ventura
 Naó sois aquelle mesmo que chegasteis
 A livrar na desgraça mais escura
 A Patria vacilante ? Naó formasteis
 O conceito entre nós de que serieis
 O nosso Redemptor nesta horrorosa
 Fatal calamidade , se sómente
 De vós pendasce o allivio ? Pois se estamos
 Ligados com taó altos benifícios ,
 Como achareis em nós alguns indicios
 De que a constancia desta chamma interna
 Naó seja sempre firme , e sempre eterna !

Focaste.

Naó me occulteis , Senhor , por essas luzes
 Immortaes , em que o Olympo se esclarece ,
 Naó me occulteis a causa que vos move
 A tanta indignaçāo.

Oedipo.

Se he vosso gosto
 Já por vosso respeito estou disposto
 A mostrar a razaó das minhas iras :
 Attendei de Creonte ao fero impulso.

Fo-

Focaste.

Inda que meu Irmaõ , as vossas queixas
Quivirei sem sobroço , se as formares
Com precisa evidencia.

Oedipo.

Elle me offende
Taõ sacrilegamente , que pertende
Imputar-me de Laio a infeliz morte.

Focaste.

Que me expliqueis desejo de que sôrte ?
Por fé de outra pessoa , ou de si mesmo ?

Oedipo.

Elle tem a Tiresias sobornado
Para espalhar em Thebas este ruido :
Já naõ ha coufa alguma que emprendido
Naõ tenha , nem intento velho , ou novo
Para irritar , e soblevar o Povo.

Focaste.

Tendes dito , Senhor , agora ouvi-me :
Naõ façais caso do que diz Tiresias :
Sustentai-vos com rosto sempre inteiro ,
Desprezando os discursos do agoureiro.
Nenhuma coufa ha certa neste Mundo ,
As Deidades sómente naõ se enganaõ :
Quasi tudo he ficçao , tudo mêtira ;
Se duvidais do mesmo que contemplo .

Eu vós dou dō que affirmo hum claro exemplo.
 O triste Laió meu primeiro esposo
 No Oraculo encontrou a voz tremenda ,
 (Naõ direi se de Apollo foi o annuncio ,
 Se dos seus Sacerdotes) que algum tempo
 Seria morto por seu proprio filho.
 E que entre o horror de influxo desgraçado
 Tal era a ordem que dispunha o Fado.
 He com tudo huma fama bem notoria ,
 Que huns feros Salteadores o matárao
 Aonde fórmā a estrada tres caminhos :
 Eu dou á luz do Sol aquelle mesmo
 De que fallava o Oraculo ; e apenas
 Se passárao tres dias quando Laió ,
 Que sempre estava n^ohum fatal desmaio
 Pelo annuncio de Apollo , determina
 Que furados os pés do tenro infante
 Se exponha (com fereza sempre estranha)
 Na mais deserta , e barbara montanha.
 Aqui tendes que hum Nume taõ sublime
 Naõ pôde produzir nem o delicto
 Do filhō , nem do Pai a horrenda sôrte ,
 Outro destino teve em outra morte ;
 Bem quę as vozes fataes continuamente
 Auspicavao taõ funebre successo :
 Socegai-vos , Senhor ; deste Tiresias

Naõ

Naõ façais muita conta : Eu consentira
Na verdade do Oraculo , se ouvira
Fallar o mesmo Apollo : Huma Deidade
Digna he só de dizer-nos a verdade.

Oedipo.

Ah ! que me tendes dito , amada Esposa !
Em que horror , em que assombros repetidos
Haveis agora posto os meus sentidos ?

Focaste.

Em que assombro , em que horror as minhas vo-
Vos tem feito cahir ? (zes)

Oedipo.

Naõ me dissesteis
Que Laio fora morto em huma estrada ,
Que tres caminhos tinha ?

Focaste.

Affim o affirmaõ ;
E essa foi a noticia que entaõ veio ;
E que dura inda hoje : Que receio
Dar-vos pôde esta leve circunstancia ?

Oedipo.

E em que lugar se diz que succedera
Esta terrivel morte ?

Focaste.

Affirmaõ todos
Que em Phocida ; e na parte onde se ajuntaõ
Os

Os caminhos que eu disse , e que conduzem
A's Cidades de Delphos , e Daulia.

Oedipo.

E desde taó infausto , e triste dia
Que tempo haverá passado ?

Focaste.

Pouco tempo

Passado se teria , quando entrasteis
De Thebas no Reinado.

Oedipo.

O' Ceo Divino !

O' Jupiter Supremo ! A' que destino
Levais a minha fórte ?

Focaste.

O altos Deoses !

Donde vem este horror , ou este espanto ?

Oedipo.

Naõ intenteis , Senhora , saber tanto.

Dizei-me , sim , dizei-me (ai de mim triste !)

Qual era a idade entaó , qual a figura

Desse Rei infeliz ?

Focaste.

Tinha estatura

Bastantemente grande , e Magestosa ;

Começava a cabeça a enbranquecer-se ,

E confórme o que exponho na lembrança

Ti-

Tinha com vosco muita semelhança.

Oedipo.

O² Deoses immortaes ! Será possivel ,
Que sem o imaginar lançado tenha
Sobre mim taó horrendas , taó medonhas ,
Funestas maldiçoens !

Jocaste.

Senhor , que horrores
Concebeis , e dizeis ? Naó tenho alento
Nem para ver-vos já , nem para ouvir-vos.

Oedipo.

Os membros se me gelaõ : Ceos ! Que forá
Se este cego agoureiro achasse a hora
De meu funebre horoscopo , e advertisse
Nelle tudo o que expôz , tudo o que disse ?
Inda de vós , Senhora , saber quero
Mais outra circunstancia.

Jocaste.

Declarai-vos ,
Que bem que tanto horror me atemoriza
Eu direi quanto sei.

Oedipo.

Se foi dizei-me
A pessoa do Rei nessa jornada
De pouca , ou muita gente acompanhada ?

Jocaste.

Focaste.

Constava toda a sua comitiva
 De cinco companheiros ; e inda o Heralto
 Entrava nesta conta , e hum carro apenas
 A Laio conduzia.

Oedipo.

Eu sou perdido !

Quanto advirto , (ai de mim !) e tenho ouvido
 Evidente , e infallivel a desgraça
 Faz da estrella maligna que me inspira :
 Dizei-me inda , Senhora , (mal respira
 O afflito coraçao) quem esta historia
 Taõ triste vos contou ?

Focaste.

Foi hum criado
 De Laio , que escapou deste perigo.

Oedipo.

Affistete no Palacio ?

Focaste.

Naõ affistete

Já nelle ha muitos annos ; porque vendo
 Que estais no throno ; e o Rei na sepultura ,
 Se encheo tanto de horror , e de amargura ,
 Que naõ quiz ter presentes os lugares
 Que accrescentavaõ mais os seus pezares.
 Pedio-me que o mandasse para o campo

Acui-

A cuidar dos rebanhos : Hum criado
Taõ fiel merecia esta licença ,
E talvez que mais digna recompensa.

Oedipo.

Mandai que venha logo.

Focaste.

Isto he bem facil :

Mas para que o quereis ?

Oedipo.

Imaginando

Estou que elle a verdade naõ dissesse ,
E quero examiná-la exactamente :
Em sim , n' huma palavra , eu quero vê-lo.

Focaste.

Em brevè tempo haveis de conhecê-lo :

Mas , Senhor , neste assombro em que me vedes
Naõ mereço saber estes motivos
Da vostra inquietaçao ? ou que ser possa
Digna talvez da confidencia vostra ?

Oedipo.

Naõ posso já negar-vos o que sinto :

A quem neste confuso labirinto

De oppreßoens , é de males me atrevera

A explicar o terror da minha augustia

Se naõ a vós , com quem reparto a ancia

Em que fluctua a minha tolerancia ?

Sabei , pois , que eu sou filho de Merope ,
 E de Polybo , queinda reconhecem
 Por seus Reis os Corinthios : Tinha posto
 Em mim toda a esperança aquelle Reino :
 Ao tempo que succede huma aventura ,
 Com a qual me meteo a fórte escura
 Bastantes confusoens no meu cuidado :
 Hum homem com o vinho arrebatado
 Tomou o atrevimento de dizer-me
 N'hum publico banquete que eu naõ era
 Descendente do Rei , nem da Rainha.
 O meu primeiro impulso me encaminha
 A castigar a offensa ; porém vendo
 Talvez que o sofrimento era o segundo
 Esforço dos mortaes , me determino
 A desprezar o insulto ; e subo ao throno
 A dar parte do ultraje aos Reis : A furia
 Lhe occupa o coraçao com esta injuria ;
 E entre a mesma paixaõ que a chamma exhála
 Querem naõ só senti-la , mas vingála.
 O affecto que eu lhe tinha , combatia
 Com as minhas suspeitas ; e esta affronta
 Parecia que tinha o meu conceito
 Gravado no mais fundo do meu peito.
 Nesta agitada ideia me resolvo
 A consultar o Oraculo Divino ,

Que

Que em Delphos se venera : chego ao Templo ,
Mas perguntado Apollo me responde
Muito alheio daquillo que eu pedia :
Elle só me prepara , e me annuncia
O mais horrendo , e misero futuro.
Tem (diz elle) os destinos ordenado ,
Que este Oedipo infeliz será casado
Com sua propria Māi ; e que seus filhos
De huma raça nefanda se reputem :
E o fará inda a sôrte enfurecida
De seu Pai execravel Parricida.

Aturdido do Oraculo tremendo
(Como julgar podeis) tomo o recurso
De fugir para sempre de Corintho ;
Errando pelos montes mais distantes
Como hum triste infelice aventureiro ,
Por naõ deixar a Apollo verdadeiro.
Tomo os Astros por guia no caminho ,
Por huma , e outra estrada me dilato
Sem allivio , descânço , nem conforto ,
E ao sitio venho adonde Laio he morto.
Apenas chego á estrada que em tres partes
Rasga o monte (que o digá he já preciso)
Quando hum Heralto , e hum homem de esta-
tura ,

Dos annos , e do gesto que me tendes
 Representado agora ; e inda montado
 Em hum carro se expóem á minha vista ,
 Pertendendo que eu volte , e que desista
 Da estrada que seguia : eu me enfureço ,
 Eu disputo este aggravo , esta insolencia ,
 E em quanto faço á companhia rosto ,
 O seu Senhor me enveste com dous golpes ,
 E eu de hum só o despenho do seu carro :
 Cahe morto a mens pés , e cahem todos
 Os que compóem a sua comitiva ,
 Ou por ordem fatal da sorte esquiva ,
 Ou talvez pelo arrojo , ou pelo intento
 Do seu barbaro , e injusto atrevimento.
 Se o homem que me impede o meu caminho
 Que he Laio chega em fim a confirmar-se ;
 Que mortal mais funesto póde dar-se ,
 Ou que mais justamente aborrecido
 Possa ser das Deidades , como o infastoso
 Detestavel Oedipo ? Que Estrangeiro ,
 Que Patricio jámais ha de atrever-se
 A dar-me auxilio , nem fallar commigo ?
 Eu serei obrigado por mim mesmo
 Deste Reino a sahir , sem outro impulso ,
 Espavorido , trémulo , convulso ,
 Infoirivel ao Mundo , ao Ceo , ao Fado .

Terei contra mim mesmo fulminado
Tantas execraçõens ? O^r forte horrenda !
O^r homem infeliz ! Dos homens todos
O mais torpe , e execrando ! Eu contamino
O leito ao mesmo Rei que taô cruelmente
Tenho morto no Campo ? Que impaciente ,
Que incognito furor me arrebatava
Para seguir o influxo de taô brava
Infame indignaçã? Adonde posso
Fugir (ai triste !) agora de mim mesmo ?
Voltarei a Corintho ? Naô me exponho
A cahir n'outro crime mais horrivel
Como infamar o leito de Merope ,
E matar a Polybo ! Ensanguentando
As execraveis mãos naquella origem
Donde esplendidamente se liquida
O meu ser , meu alento , e minha vida ?
O^r Fado atroz , Fortuna abominavel
Deixarei nos estímulos precitos
De imputar-vos taô barbaros delictos ?
O^r justos Deoses , naô sofrais que eu veja
Jámais hum dia taô fatal : riscai-me
Da miseravel Serie dos humanos ,
Primeiro que eu infame os meus alentos
Com estes execrandos pensamentos.

Grande Sacerdote.

A grande assombro , e magoa nos commovem
 Os clamores da vossa adversidade ;
 Porém humildemente vos pedimos
 Que naõ vos entregueis a tantos males
 Sem ouvires primeiro exactamente
 O que diz o Pastor.

Oedipo.

Tem-me impaciente
 O desejo de ouvir o seu infórme ;
 E em imagem taõ feia , e taõ funesta
 He a unica esperança que me resta.

Jocaste.

Eu tambem desejára perguntar-vos
 Que haveis vós de fazer depois de ouví-lo ?

Oedipo.

Se elle concorda com a vossa historia
 Ficarão em socego os meus temores.

Jocaste.

E vós que concluís do que eu vos disse ?

Oedipo.

Dissesteis que o Pastor vos assegura
 Que o Rei por huma occulta desventura
 Morrerá pelas mãos de huns assassinos :
 Se persiste o Pastor em que assim fora
 Fico sem algum susto desde agora ;

Pois

Pois he certo que muitos Salteadores
Hum só homem naõ saõ : mas se elle imputa
A hum sómente a morte , persuadido
Ficarei de que estou já convencido ,
E de que sou tambem o delinquente.

Focaste.

Socegai-vos , Senhor , que pontualmente
Disse o mesmo que eu digo ; e já naõ pôde
Mudar de narraçao , toda a Cidade
Testemunha será desta verdade :
Mas inda que elle agora aqui se atreva
D'outro modo a dizêlo , as suas vozes
Nunca concordarão com as de Delphos :
Disse Apollo que Laio por seu filho
Havia de ser morto ; e sendo (ai triste !)
A yictima fatal do nosso susto ,
Por decreto cruel do Fado injusto
Recebêo elle a morte , sem que a desse ,
Mostrando o engano ao falso vaticinio :
Julgai , Senhor , agora se o desñio
Do Oraculo se encontra verdadeiro ,
E se o vosso será mais temeroso
Depois de ser o meu taõ mentiroso ?

Oedipo.

Vós applacais o horror em que fluctuo ,
Mas para o dissipar , cuidai agora

Que

Que o Pastor se conduza sem demora.

Focaste.

Desejo obedecer-vos , e quizera
No ardor que o coraçao me tem disposto
Ter sempre muita parte em vosso gosto.

ACTO IV. SCENA I.

Focaste , e o grande Sacerdote.

Focaste.

THebanos , obrigada hoje me vejo
De ir ao Templo dos Deoses : as grinaldas,
E os incensos que eu levo , manifestao
No impulso dos estimulos devotos
Os piedosos intentos dos meus votos.
As angustias de Oedipo me encaminhaõ
A's Aras Sacrosantas , agitado
De varias illusoens o seu cuidado
Em lugar de que o Oraculo recente
Se chegue a reputar (como pedia
A razaõ) pelo antigo , tem presente
Só na sua turbada phantasia
As medonhas imagens dos perstigios:
Assombrado em tão horridos vestigios

At-

Attençaõ dá sómente a quem o leva
Por estas tristes sombras : Pois que inuteis
Todos os meus cuidados , e conselhos
Saó , ó divino Apollo , a vós recorro ,
E vos busco no altar menos distante ,
Que aos meus olhos está : Vosso semblante
Serenai ao meu rogo ; o que vos peço
Sómente he que huma vista lastimosa
Nos deiteis nesta angustia em que nos vedes :
Attendei mais clemente ao triste Oedipo ,
De quem todos os males participo ,
Que imitando o Piloto naõ sustenta
Em tanto assombro o Reino na tormenta ,
E as tristes affljoens que o Fado indica
No seu mesmo terror nos communica.

S C E N A II.

Os mesmos com o Pastor de Corintho.

Pastor.

F Azei-me a graça , ó inclytos Thebanos ,
De mostrar-me o Palacio Magestofo
Do vosso Rei , ou onde posso achá-lo.

Grande Sacerdote.

O Palacio de Oedipo está defronte ,
E nelle he que o achareis : aqui só tendes

Sua esposa a Rainha.

Pastor.

Alta Princeza ,

Os Deoses vos conservem na grandeza
Maior que pódem dar : ao vosso alento ,
E a oido Rei se conceda a claridade
De huma sempre real prosperidade.

Focaste.

E vós da mesma sorte na fortuna
Achai sempre o semblante mais risonho :
O vosso mesmo objecto he que me obriga
A dar-vos esta nobre recompensa.
Mas , dizei-nos agora com que intento
Nos vindes procurar ? Trazeis alguma
Noticia que me alegre , ou que me afflija ?

Pastor.

Nunca o meu penfamento se dirija
Ao vosso sentimento : alegres novas
Para vós , para o Rei , aqui me trazem.

Focaste.

Dizei-me : Donde vindes ?

Pastor.

De Corintho.

Focaste.

E que ventura he essa ?

Pa-

Pastor.

Nada quero

Occultar-vos , e a dar estou disposto

Huma noya de pena , outra de gosto.

Focaste.

Declarai-me , Estrangeiro , tanto enyigma.

Pastor.

Vosso esposo , segundo o que presumo ,

Será Rei de Corintho , com aplauso

De todo aquelle Reino !

Focaste.

E ao Rei Polybo

Quem o tirou do throno ?

Pastor.

A dura morte.

Focaste.

Que dizeis ? O² injusta , ó triste sorte !

Polybo morto ! He crivel !

Pastor.

Peço ao Fado

Que eu acabe tambem , se no que digo

Falto hum ponto á verdade.

Focaste ás suas Damas.

Sem demora

Ide intearir o Rei disto que agora

Nos diz este Estrangeiro : Em que conceito

Ficais hoje ó Oraculos taó tristes
 Aos timidos mortaes ? Da amada terra
 Oedipo por si mesmo se desterra
 Por naó matar Polybo ; e este Polybo ,
 Que atéqui tanto em Delphos se demarca ,
 Outra morte naó teve que a da Parca.

S C E N A III.

Oedipo com as Damas , e os mefmos.

Oedipo.

QUerida esposa , que no meu tormento
 Me fazeis generosa sociedade ,
 Que quereis ? Que sucesso vos persuade
 A fazer-me sahir do meu retiro ?

Focaste.

Vede , Senhor , se he certo o que profiro !
 Ouvi , ó Rei , ouvi este Estrangeiro :
 E se o auspicio de Apollo he verdadeiro
 Podeis entaó saber.

Oedipo.

É que noticia
 Nos traz , ou donde vem ?

Focaste.

Vem de Corintho ,
 E affirma que Polybo fallecera.

Oedi-

Oedipo.

Senhora, que dizeis? Isto he possivel?
Dize-o tu mesmo; porque ouvi-lo intento
Da tua propria voz.

Pastor.

Já que comece
Por esta infausta nova determina
A ordem que me dais; vos assegura
Minha fé que Polybo á Parca dura
Pagou o seu tributo.

Oedipo.

E de que fórte
A doce vida lhe ficou suspensa?
Por alguma traiçao, ou dor intensa?

Pastor.

Era preciso mais do que a velhice
Para haver de acabar?

Oedipo.

Dos muitos annos
Falleceo?

Pastor.

Para a morte dos humanos
Que más he necessario?

Oedipo.

Isto he bem certo:
Achando-se este enygma descoberto,
Que precisao tem já os meus pezares

De

De recorrer aos votos , e aos altares ?
 E inda das aves consultar o canto ?
 Livre me vejo já daquelle espanto ,
 Que me infundia o Oraculo , dizendo
 Que meu Pai mataria : elle descança
 No clyma dos defuntos ; e eu me vejo
 Em Thebas , sem que nunca concebida
 Me fosse a ideia de tirar-lhe a vida.
 Quem pôde desta fôrte criminar-me
 Do seu fallecimento ? Bem conheço
 Que pôde haver quem diga que o desgosto
 De se ver sem a minha companhia
 O levou lentamente á sepultura ;
 Mas que se tira desta conjectura ?
 Polybo , em fim , morreo sem que o matasse
 Seu filho Oedipo ; e hoje sepultados
 Tambem ficaó do Oraculo os desfíos
 Entre o falso rumor dos vaticinios.

Focaste.

Eu o disse , Senhor , por muitas vezes.

Oedipo.

He verdade , Senhora , eu naõ o nego ;
 Mas forao sempre as minhas negligencias
 Mais fortes do que as voissas advertencias.

Focaste.

Esse exemplo tomai para que nunca

Ver-

Ver-vos possa outra vez entre os naufragios
De tão tristes , tão frivulos presagios.

Oedipo.

Inda devo temer o estar fogeito
A infamar de huma Mãi o casto leito.

Focaste.

Ah sórte sempre cruel ? Fado inimigo !
Quereis voltar de novo ao estado antigo ?
Que causa pôde haver de temer tanto ,
Quando a pezar do estímulo medonho
De algum Astro fatal , pelo risonho
Semblante da Fortuna conduzido
Atégora vos vejo ? Persuadido
Quizera que estivesseis de que a muita
Prudencia alguma vez nos he nociva :
He melhor entregar-nos dos successos
Ao contingente impulso , e estar gofando
Da vida , e ao mesmo tempo desprezando
Os phantasticos sustos que se fingem
N'hum discurso infeliz , sem outra causa ,
Que aquella sombra inquieta que rodeia
A infausta turbação da nossa ideia :
Que razão dar-vos pôde o horrivel gesto
Do Fado para tão nefando incesto
Haveres de temer ? Desenganai-vos
De que este pensamento vos merece

Tan-

Tanta certeza como aquelle abono ,
 Que traz a imagem de hum pezado sono.
 Desprezai os agouros , se procura
 Encontrar sempre a dita o yosso alento :
 Quem com elles occupa a phantasia
 Nunca pôde viver com alegria.

Oedipo.

Eu , Senhora , acceitára esse conselho
 Se Mâi já naõ tivesse ; mas em quanto
 Ella respira , eu temo ; e inda presumo
 Que hei sempre de temer.

Focaste.

O' que delirio !
 Sempre haveis de temer ?

Oedipo.

Assim o entendo.

Focaste.

O' funebre destino ! ó Fado horrendo !
 He possivel que a morte de Polybo
 Os olhos naõ vos abra ? ó fôrte dura !
 Que encanto ! que dilirio ! que loucura !

Oedipo.

A morte de meu Pai era bastante
 Para me focegar ; mas inda vive
 Minha Mâi.

Pa-

Pastor.

Por ventura saber posso
Que Mai he esta de que tendes medo?

Oedipo.

Iffo publico he , naõ he segredo ,
Minha Māi he Merope , digna esposa
Do já defunto Rei.

Pastor.

E que temores
Saõ effes de Merope ?

Oedipo.

Saõ os feros
Annuncios de hum Oraculo terribel.

Pastor.

Taõ execraveis saõ , que naõ se pódem ,
Senhor , communicar ?

Oedipo.

De assombro cheio
Os vou a repetir : se a Apollo creio
Me determina a sôrte enfurecida
Que eu seja incestuoso , e parricida.
Que hei de matar meu Pai , e ser esposo
De minha Māi o Oraculo profere :
Por naõ cumprir o horrivel vaticinio
Me apartei de Corintho : Foi desterro
Voluntario , e felice , como agora

m

O po-

O podeis conhecer ; mas se inda forá
 Mais ditoso bem vedes que o teria
 Sempre por desgraçado , conhecendo
 Que do objecto (ai de mim !) que eu mais a-
 mava

Me tinha dividido a sôrte brava.

Pastor.

E he esse , ó Rei , o unico motivo
 Que de Corintho vos aparta ?

Oedipo.

He certo :

Na minha ideia (eu quero confessá-lo)
 Se imprimio vivamente o crime enorme
 Do incesto , e parricidio.

Pastor.

Taõ defórme ,

Taõ fatal apprehensaõ he já preciso
 Que hoje risque do vosso pensamento.
 Só a vossa ventura , e o vosso aumento
 A Thebas me conduz.

Oedipo.

Assegurai-vos

De que conheça sempre este serviço.

Pastor.

Para premio me basta que eu vos leve
 Outra vez a Corintho : Este foi todo

Q in-

O intento que propuz nesta jornada.

Oedipo.

Nunca minha influencia desgraçada
Fará com que meu animo resolva
Tornar mais a Corintha em quanto viva
Minha Māi estiver.

Pastor.

E será justo
Que estejaisinda hoje na ignorancia
Do vosso nascimento !

Oedipo.

O⁹ Ceo Divino !
Que me dizes ? declara o meu destino :
Pelos Deoses to peço.

Pastor.

Se he que a causa
De voltar a Corintha.

Oedipo.

Sim (naō queiras
Duyidá-lo) he sómente o medo ancioso
De se cumprir o Oraculo.

Pastor.

Se tendes
O misero temor de executares
Algum dia nos vossos genitores
Algum crime execravel.

Oedipo.

Esse he todo

Meu receio , e a affliçaō que me confunde.

Pastor.

Pois sabei que seguramente creio

Em que cousa mais van que esse receio

Nunca haveis de fingir.

Oedipo.

Estou pasmado !

Dizeis que he cousa van ? Pois naō sou filho

De Polybo , e Merope ?

Pastor.

Nada havieis

Com Merope , e Polybo.

Oedipo.

O fer , e a vida

Naō tenho destes Reis ?

Pastor.

A tendes tanto ,

Como a tendes de mim.

Oedipo.

Ha tal assombro !

Que me queres dizer com esse enygma ?

Meu Pai o fer , e a vida me tem dado

Tanto a mim como a vós ?

Pastor.

Esse Polybo

Foi assim vosso Pai como eu sou vosso.

Oedipo.

Cada vez mais se aumenta o meu sobroffo :
Seu filho este Polybo me chamaya.

Pastor.

E eu fui o que lhe dei o mesmo filho.

Oedipo.

Seria crivel que me amasse tanto
Seu filho seu naõ fosse ?

Pastor.

Elle naõ tinha

Alguma Successão ; e se encaminha
A hum estranho amor por esta causa.

Oedipo.

Dizei-me quem eu sou ; pois que me desteis
A Polybo : Seria vosso escravo ?

Ou meu Pai sereis vós ?

Pastor.

Eu vos havia

Achado entre huma misera agonia

No monte Cytheron : Isto he bem certo.

Oedipo.

Que causa vos levou a esse deserto ?

Pa-

Pastor.

Procurar algum pasto ao meu rebanho.

Oedipo.

Ereis entaō Pastor ?

Pastor.

O meu officio

Era esse , Senhor ; por este indício

Já vedes que inda apenas dado ao dia

Vosso libertador me constituo.

Oedipo.

Em novo assombro , em novo horror fluctuo :

Na misera afliçaō em que me viste

Haveria outro estado inda mais triste ?

Pastor.

Vossos pés cruelmente traspassados

Do mais agudo ferroachei atados

Com hum grosso cordel.

Oedipo.

Fatal destino !

Que males , e impiedades essa historia

Tristemente me avivaō na memoria !

Pastor.

Cortei a ensanguentada ligadura ,

Que unia os vossos pés.

Oedipo.

Que atrocidade

Se

Se usou entaõ commigo ! O Fado adverso
Se fez meu inimigo desde o berço.

Pastor.

Bem conhecéis que Oedipo significa
Homem de inchados pés : o nome infausto
Tirasteis do successo que vos conto.

Oedipo.

Inda falta dizer quem me condenma
A taõ terrivel , taõ acerba pena :
Meu Pai , ou minha Mäi ? qual delles ambos
Me expôz a tantos males ?

Pastor.

Isso ignoro :
Aquelle que me fez entaõ a entrega
Deste misero infante he que vos pôde
Informar-vos melhor.

Oedipo.

E quem foi esse
De quem me recebesteis ?

Pastor.

Nesse monte
Era tambem Pastor.

Oedipo.

Que se confronte
Com elle a vossa narraçao desejo.
Podeis talvez mostrar-mo ?

Pa-

Pastor.

Dizer posso

Sómente que de Laio se me disse-

Que era tambem Pastor.

Oedipo.

Pastor de Laio?

De Laio Rei de Thebas?

Pastor.

Se desmaio

Naó padece a lembrança assim o affirmo.

Oedipo.

Acaſo vivirá , ou posso vê-lo?

Pastor.

E eu como poderei , Senhor , sabê-lo?

Oedipo para o Povo.

Se algum de vós conhece , ou tem ouvido

Quem he este Pastor ; se na Cidade ,

Ou no Campo vos tem apparecido ,

Dizei-lhe que com toda a brevidade

Venha á minha presença ; pois me importa

Tomar informaçao deste successo.

Grande Sacerdote.

Naó será necessario algum excesso :

Que ouvindo esse Estrangeiro , conjecturo

Que só pôde ser esse que já tendes

Mandado vir aqui ; mas a Rainha

O fa-

O saberá melhor!

Oedipo.

Sabeis , Senhora ,
Se he este o mesmo que buscar mandasteis
De quem falla o Estrangeiro ?

Foçaste.

De quem falla
Este Pastor , ou homem de Corintho ?
Sahi , Senhor , do horrendo labyrintho
Em que os vossos cuidados me tem posto.
Naõ entreis n'algum misero desgosto
Com o vosso discurso temerario.

Oedipo.

Este conhecimento he necessario :
E os Deoses immortaes me perseverem
De ouvir nesta occasiao vossos avisos.
Tudo aquillo que eu tenho descoberto
Me obriga a procurar com mais instancia
Este enigma fatal ate que possa
Descobrir neste escuro desatino
Meu berço , minha Patria , e meu destino.

Foçaste.

Pelos Deoses , Senhor , hoje vos rogo
Que fiqueis nessa mesma escuridade ,
Em que atégora estaveis ; se he que tendes
Na vossa quietaçao algum empenho

n

Naõ

Naõ percendais , ó Rei , que mais se inflamme
 O vosso desvarião neste exame ,
 Eu já naõ tenho mais que a fórte faça ,
 Que chorar tanto horror , tanta desgraça.

Oedipo.

Eu percebo , Senhora , o vosso intento ;
 Suppondes que meu baixo nascimento
 Descubrirei no exame que procuro ,
 Tendo-se já provado naõ ser filho
 De Polybo , e Merope : Naó se assombre
 A vossa presunçao , que posto vénha
 A saber-se com prova duplicada
 Que chego a descender de tres escravos ;
 Naó vos pertencem , naõ , estes ágravos :
 Ficarei com a minha indignidade ,
 E vós com toda a vossa Magestade.

Jocaste.

Se tenho algum poder inda com vosco ,
 Eu vos peço , Senhor , que neste empenho
 Naó queirais proseguiir.

Oedipo.

Posso afirmar-vos
 Que nunca o deixarei , sem que eu alcance
 Na sombra errante desse enleyo escuro
 Toda aquella verdade que proeuro.

Jo-

Focaste.

Vede que eu tenho , ó Rei , maiores causas
Que vós imaginais para advertir-vos ,
Que suspendais o impulso que vos move
Algum astro maligno.

Oedipo.

Agora vejo
Que inda nessas razoens taõ mysteriosas
Aumentais meu temor , e meu desejo.

Focaste à parte.

Ah Principe infeliz ! O Ceo permitta
Que nesse despenhado desatino
Chegues sempre a ignorar o teu destino.

Oedipo.

Esse Pastor de Laio se me busque ,
E aqui mo tragaõ logo : No entretanto
Deixemos a Rainha envergonhar-se
Depois deste fatal descobrimento
Do meu baixo , e seu alto nascimento.

Focaste.

Infeliz , e o mais misero de todos
Os que tem vindo ao Mundo ! Naõ me atrevo
Já nem huma palavra a proferir-te :
Esta he a ultima vez que em tanto affogo ,
Em tanta angustia , em males taõ atrozes
Has de chegar a ouvir as minhas vozes. *Vai-se.*

SCENA IV. *Os mesmos sem Focaste.*

Grande Sacerdote.

AH Senhor , onde foge a vossa esposa
Perdida , e tristemente penetrada
Da mais profunda dor ! que ideia horrivel ,
Que infesta , que funesta consequencia.
Propoem talvez á nossa intelligencia.
Taõ terrivel silencio ?

Oedipo.

Seja embora
Ou funesto , ou terrivel , ou infasto ,
Eu quero conhecer de quem procedo ,
Bem que seja a mais vil a minha origem :
Naõ duvido que o seja , quando advirto
Que da Rainha a illustre qualidade
Se envergonha da minha escuridade :
Tal he o genio altivo das mulheres !
Mas isto nada importa : Nenhum pejo
Tenho do meu destino : que a jaetancia
Em qualquer movimento , ou circunstancia
Acharei de ser filho da Fortuna ::
Ella me tem levado ao alto Solio ,
Ella me deo tambem taõ grande ornato ;
E naõ he justo que eu lhe seja ingrato :
Seja a Fortuna minha Mai ; os tempos ,

Qs

Os annos , as idades tambem sejaõ
Meus unicos parentes : A³ grandeza
Maior tem conduzido esta baixeza
Do meu humilde nascimento : Intente
Examiná-lo , ou naõ nunca seria
Mais , ou menos que aquelle que ordenado
Tem na serie immortal a lei do Fado.

Grande Sacerdote.

Se eu vejo os raios de huma luz futura ,
Se naõ me engana à minha conjectura
Tu mostrarás , ó Cytheron , primeiro
Que principie o Sol hum novo gyro ,
De Oedipo a fórte , e o nascimento occulto.
Entaõ com hum pacifico tumulto
Faremos bayles , cantaremos hymnos
Pára mostrar o applauso que se déve
A taõ amado Principe : Dignai-vos ,
O' Apollo , de ouvir os nossos votos ,
E de justificar nesta bonança
Os auspicios mais doces da esperança.

Rei taõ querido em Thebas , que Deidade
Vos deo o nascimento ? Alguma Nympha
Perdida nas montanhas os requebros
Do Deos Pan ouviria ? Alguma Deosa
A quem amasse Apollo , que dos bosques

Ami.

Amigo sempre foi? Mercurio, ou Baccho,
Hum que he Deos de Cyllena, e o outro a-
mante

Da verdura, ou do estimulo brilhante
Das sombrias florestas muitas vezes
A's Nymphas do Helycon a Corte fazem:
Serieis entre tantos resplandores
O fruto mais feliz dos seus amores?

Oedipo olhando para dentro.

Se a vista naõ me engana me parece
Que hum velho aqui nos vem desconhecido.
Será talvez aquelle que esperamos!
Sua idade, seu gesto, e o seu vestido
Bem se assemelha ao outro em que fallamos.
Os meus proprios criados reconheço
Que saõ os que o conduzem: Vós que o tendes
Em Thebas alcançado, se eu me engano
Me podereis dizer.

Grande Sacerdote.

Senhor, he certo
Que o tem vossos criados descuberto:
De Laio o fiel Pastor haveis achado.

Oedipo.

Dizei-me: Será este o mesmo homem
De que fallasteis?

Pastor.

Sim , Senhor : o mesmo.

S C E N A V. *Os mesmos com Phorbas.*

Oedipo.

CHegai , chegai bom velho , e respondei-
me

Exactamente a todas as perguntas ,
Que agora vos fizer.

Phorbas.

Senhor , protesto ,
Seja o caso feliz , seja funesto ,
De em tudo declarar-vos quanto eu saiba.

Oedipo.

Fosteis Pastor de Laio ?

Phorbas.

Antigamente

Fui hum dos seus criados , e nascido
No seu mesmo Palacio , por affeçao
O servi sem me ver nunca ligado
A' lei da escravidaõ.

Oedipo.

Nesse serviço
Que emprego o vosso foi ?

Phor-

Phorbás.

Guardar o gado

Nesta vida a maior , e melhor parte

Gastei da minha idade.

Oedipo.

E onde trazieis

A pastar os rebanhos ?

Phorbás.

Nesse monte

Que chamaõ Cytheron , e em seu contorno.

Oedipo.

A perguntar-vos novamente torno

Se acaso conheceis este Estrangeiro ,

Ou se em lugar algum o tendes visto ?

Vede , olhai , reparai , certificai-vos.

Phorbás.

Que Estrangeiro dizeis ?

Oedipo.

Este que offreço

A^o vossa vista : declarai se tendes

Delle conhecimento , ou se algum trato ,

Ou commercio com elle haveis disposto ?

Phorbás.

Parece-me que nunca no seu rosto

Cheguei a pôr os olhos.

Pastor.

Naó vos cause,
Senhor , admiraçaõ o esquecimento
Que tem Phorbas de mim , isto he bem facil
Depois de tantos annos ; porém cuido
Que naó se esquecerá se aqui lhe advirto
A doce companhia que fizemos
No monte Cytheron , e que vivemos
Juntos neste lugar , que eu tanto abono ,
Do principio de Março ao fim do Outono.
Só o Inverno era o tempo de apartar-nos :
Elle levava seu rebanho a Thebas ,
E o meu vinha a Corintho : Naó he isto
Verdade , amigo velho ?

Phorbas.

Já me lembro
De tudo o que dizeis : Hoje á lembrança
Me trouxestes hum tempo bem antigo.

Pastor.

Supposto vos lembrais , inda prosigo :
Recordareis agora que me desteis
Nesse tempo hum menino , e que o criasse
Como meu proprio filho ?

Phorbás.

Se me achasse
Nessa antiga memoria , com que intento

Entrais neste confuso pensamento ?

Pastor.

He para se saber se aquelle infante
Que entaõ me confiasteis , será este ?

Mostrando a Oedipo.

Phorbas.

Que he o que dizes , miseravel homem ?
Cala-te infame ; os Deoses te destruaõ
Antes que possas dar outra palavra.

Oedipo.

Contra o pobre Estrangeiro te enfureces ,
Quando estou vendo que só tu mereces
A minha indignaçao.

Phorbas.

E que delicto
Tenho eu feito , Sennhor ?

Oedipo.

Inda o perguntas !
O querer encobrir com tanto dolo
O caso em que te falla ?

Phorbas.

Por Apollo
Me acreditai , Senhor , que elle naõ sabe
O que intenta dizer-vos.

Oedipo.

Se inda agora

Qué-

Queres dissimular , te certifico
Que eu te faça dizer toda a verdade ,
Seja por força , seja por vontade.

Phorbas.

Pelos Deoses , Senhor , hoje vos peço ,
Que infamar naó queiraes minha velhice.

Oedipo.

Que se meta no carcere , e o carreguem
Dos mais pezados ferros.

Phorbas.

Infelice !

Em que aperto me vejo ! Declarai-me ,
Senhor , aquillo que quereis que eu diga.

Oedipo.

Se ao Pastor deste o infante em que se falla.

Phorbas.

Dentro no peito o coraçaõ me estála.
Sim , Senhor , eu o dei. Que este naõ fosse
O meu ultimo dia ! O morte injusta
Como me tardas tanto !

Oedipo.

Os teus desejos
Cumprirei se prosegues em calar-te.

Phorbas.

Mais depressa (ai de mim !) serraõ cumpridos
Se eu me atrevo a fallar !

Oedipo.

Este homem cuida
Sómente em me entreter com vãos rodeios.

Phorbas.

De que formais, Senhor, esses receios?
Eu não vos disse já que havia entregue
Esse infante ao Pastor?

Oedipo.

E donde veio?
Esse infante era teu, ou de outra parte
O tinhas recebido?

Phorbas.

Meu não era:
Eu de outra mão o tive.

Oedipo.

Quem te ha dado
Esse objecto infeliz do triste Fado?
De que casa era elle?

Phorbas.

Ai de mim triste!
Pelos Deoses, Senhor, aqui vos peço
Que mais não pergunteis.

Oedipo.

Pastor acaba
De declarar-me tudo: Estás perdido
Se és tão louco talvez, tão atrevido,

Ou

Ou inda de ti mesmo taó contrario ,
Que chegue agora a ser-me necessario
Que repita a pergunta.

Phorbas.

Naõ se irritem ,
Senhor , as vossas iras : Este infante
Teve o seu desgraçado nascimento
No Palacio do Rei.

Oedipo.

E era de Laio ,
Ou de algum seu escravo ?

Phorbas.

O^º trance horrivel !
Eu morro se o declaro.

Oedipo.

E eu se o ouço :
Mas he força que falles.

Phorbas.

Se affirmava
Que era filho de Laio este menino :
Perguntai-o á Rainha , que ella o sabe
Melhor do que eu o sei.

Oedipo.

Foi della mesma
De quem o recebesteis ?

Phor-

Phorbas.

Naō me atrevo

A negá-lo , Senhor ; eu mesmo o levo
Da sua propria maō.

Oedipo.

Qual era a causa

De vos dar este infante ?

Phorbas.

Era sómente

Para haver de o matar.

Oedipo.

Para matá-lo !

O' que barbaro intento ! E era seu filho ?

Phorbas.

Ella assim o affirmou ; mas á ternura

Se venceo com a triste desventura

De huns terríveis Oraculos.

Oedipo.

Que vozes

Os Oraculos davaō ?

Phorbas.

Que os atrozes

Impulsos deste Filho matariaō

A quem a vida , e o ser lhe tinhaō dado.

Oedipo.

E tu com que razaō , com que conselho

En-

Entre as mãos o metestes deste velho?

Phorbas.

A compaixaõ me obriga que lho entregue,
Presumindo talvez que o criaria
Nas terras mais distantes : elle o salva
(Ai de mim triste !) para ser exemplo
Em toda a expectaçaõ , em toda a idade
De huma horronda , e fatal adversidade.
Se acaso sois aquelle de quem fallo ,
Sois o mais infeliz de quantos homens
Chegou a perseguir astro maligno.
E parece que o Fado naõ podera
Formar no seu estimulo furioso
Hum mortal taó atrôz , taó monstruoso.

Oedipo.

Ora , em fim , meu destino he já patente :
Ninguem pôde ignorá-lo : Ao Mundo todo
Tem descoberto o Ceo o escuro enigma
Da minha infausta estrella : Eu sou nascido
Daquelles de quem nunca produzido
Era justo que eu fosse : Eu sou casado
Com aquella que impede a natureza
Que seja minha esposa : Eu dei a morte
A quem me deo a vida : A minha fôrte
Se tem , em fim , cumprido : Que procuro !
Que intento , que imagino , que pertendo

Nos

Nos abyfmos de hum Fado taõ horrendo ?
 O^r Sol , eu vou fazer com que estes sejaõ
 Os ultimos instantes em que vejaõ
 Entre enormes , e funebres terrores
 Meus olhos ós teus claros resplandores.

ACTO V. SCENA I.

Grande Sacerdote , hum Criado , e parte do Povo.

Criado.

THebanos os mais fabios , mais illustres
 Que em Thebas se respeitaõ , de que males
 Sereis hoje infelices testemunhas !
 E quantas afflioens he já preciso
 Que a minha compaixaõ , que o meu ayiso
 Explicar-vos pertenda ? Se a ternura
 Conservais pela antiga , e egregia Casa
 Do glorioſo Labdaco , que piedade
 Naó fará que com penas taõ estranhas
 Naó sejaõ voſſas miseras entranhas
 Funestamente penetradas hoje ?
 Bem que o Danubio , e o Phasis nos arroje
 O despenho feróz das suas agoas
 As feias nodoas , as horrendas magoas

Nun-

Nunca se haó de lavar nesta familia :
Todos os seus horrificos segredos
Se vaõ agora a expôr na claridade
Deste medonho dia : A adversidade ,
Os crimes , os supplicios , tudo quanto
Pode causar horror , assombro , espanto ,
Patente se fará , e mais sensivel ,
Mais torpe , mais funesto , mais horrivel
Se offrecerá aos olhos , quando vir-mos
Neste arrojo , e delirio temerario ,
Que foi este castigo voluntario.

Grande Sacerdote.

Que podeis ajuntar á desventura
Que nos he taõ notoria ?

Criado.

Já sem vida
A Jocaste vereis.

Grande Sacerdote.

Que duro golpe
Vos cortou (ai de mim !) o breve alento ,
O infeliz Princeza ?

Criado.

Esse instrumento ,
Com que a parca destroe o vital fio ,
Foi ella a que o impelio contra si mesma ,
Inda que este espectaculo vos pôde

Fallar com eloquencia mais medonha ,
 He causa a mesma dor que eu naõ o exponha
 Com aquella que eu possa figurá-lo.
 Apenas a Rainha ao grande abálo
 Do mais cego furor , como já visteis ,
 Entrou no seu Palacio , nesse instante
 Ao seu quarto passou , a porta fecha ,
 Busca o leito Nupcial , e entrega ás Furias
 A sua indignaçāo : Ella destroça
 Com as unhas as faces : Ella arranca
 Com as mãos os cabellos , ella grita
 Pela sombra de Laio , ella se accusa ,
 Arrebatada , pálida , confusa ,
 Deste fructo de hum Hymien taõ funesto.
 Fructo que foi o author já manifesto
 Da morte de seu Pai ; a cama infausta
 Ella inunda de lagrimas ardentes ,
 Aquella cama digo , em que gerado
 Havia o esposo com seu mesmo esposo ,
 E tambem os seus filhos com seu filho.
 Na raivosa afflīçaō desta agonia
 Ella a vida acabou : Naõ se sabia
 De que fórte expirára : Neste tempo
 Vem Oedipo já quasi sem sentidos
 Ferindo o Ceo com horridos gemidos.
 Naõ nos permitte o estado em que elle estava

Sa-

Saber qual era a fórte da Rainha :
A desgraça de Oedipo nos levava
Toda a nossa attenção , e nos detinha
Em hum timido assombro : O Rei a furia
Pelos olhos exhála ; naó se aquieita
No lugar que procura ; n'hum momento
De huma para outra parte se retira :
Elle geme , elle chora , elle suspira ,
Armas pede , e anda em busca de Jocaste :
Aonde está (diz elle) esta infelice ,
Que sem o ser lhe chamo minha esposa :
Esta Māi de mim mesmo , e de meus filhos ?
Em que parte a acharei ? Elle a medita ,
Mas debalde a procura , e solicita.
Ninguem onde ella estava quiz dizer-lhe ,
E naó sei que maligna Divindade
Ao quarto de Jocaste a Oedipo leva :
Nesta ardente afflīçāo , neste conflito
No mais fundo do peito alenta hum grito ,
Que as abobadas fere do Palacio :
E como o excita alguma furia enorme
Sobre as portas se lança , que aos esforços
Da colera , e da ira examinadas
Se vem em breve tempo espedaçadas.
Elle entra , elle ao thalamo se apressa :
Alli vimos Jocaste . (ó vista horrivel !)

Pendente entaō de hum laço ; em que os seus
dias

Tristemente acabou : Oedipo vendo
Este calamitoso , este tremendo ,
Este medonho objecto ; ao Ceo exclama ,
Os Deoses estimulla , ruge , e brama ,
Como hum fero leaō , o laço corta ,
E em taō duro , taō misero contraste
Se deita sobre o corpo de Jocaste.

No meio deste horror nunca advertido
Se expõem horrivelmente á nossa vista
Hum barbaro espectáculo : Indignado
Contra si mesmo o Rei furioso arranca
Hum colchete do manto da Rainha
Com que emprende a cruel barbaridade
De se tirar os olhos. Naō he justo
(Diz elle) que outra vez o Sol me sirva
De hum luminoso objecto ; nem que a causa
Dos meus males , e crimes se me exponha
Para chegar a vê-los : Sepultado
Nas mais espeffas sombras , apartado
Terei da minha vista effes objectos ,
Que vê-los nunca mais me he permittido ,
E inda aquelles que me eraō necessarios
Para nesta Fortuna abominayel
Conduzir huma vida miseravel.

Em

Em quanto inunda o ar destes clamores
Na inclemente afflīçāo que o desfigura
As palpebras levanta , e os olhos rompe :
O purpureo licor lhe inunda as faces :
As lagrimas , e o sangue se confundem ,
E em toda a parte aonde tem sahida
Huma , e outra corrente se liquida.
Tal a sôrte de Oedipo , e dê Jocaste:
Sôrte espantosa em fim naô de hum sómiente ,
Mas inda de hum , e de outro juntamente.
Na desgraça fatal os seus gemidos
Se acharaõ tristemente confundidos.
A téqui n'huma prospera fortuna
Foi o seu esplendor digno de inveja ,
Mas hoje quer o Fado que elle seja
(O' terrivel mudança !) hum feio objecto
Da magoa , e do terror : Pois desta gloria
Já naô resta que o pranto , a infamia , a morte ,
A desesperaçāo , o horror , o assombro.
E em tanta pavorosa adversidade
A mais torpe , e fatal calamidade.

Grande Sacerdote..

Em que estado este Principe infelice
Deixais agora ? Seu furor violento
Tem mais diminuiçāo ?

Criado.

Naõ tem nenhuma :

Elle clama que as portas do Palacio
 Se lhe ponhaõ patentes ; porque á vista
 Intenta pôr de todos os Thebanos
 As miserias , as lagrimas , os damnos
 Deste home abominavel , deste horrendo
 Funesto parricida , que infamando
 O leito de sua Mãi ... mas permittî-me
 Que naõ me atreva a referir-vos tudo
 O que escapa ao furor que o precipita :
 Elle suspira , chora , brada , e grita ,
 E diz em fim que vai a desterrar-se
 De Clyma taõ infausto ; que hum momento
 Nunca mais estará no sitio , aonde
 Voltou contra si mesmo : Neste estado ,
 Taõ duro , e insopportavel , que socego ,
 Que allivio , ou suavidade encontrar pôde
 Este misero Rei : De algum socorro ,
 De alguma guia necessita , quando
 Quizer sahir de Thebas ; porém elle ,
 Inda que cego , amante aqui vos busca :
 Vede se pôde agora esta desgraça ,
 Este objecto , este horror , este castigo
 Lastimar o mais barbaro inimigo ?

Vai sabindo Oedipo muito devagar.

Gran-

Grande Sacerdote.

O' fatal , ó medonha adversidade !
O' portento , o mais triste , e o mais horrivel ,
Que nunca aos nossos olhos tem disposto
As iras da Fortuna : Que destino
Vos levou a taõ horrida vingança ?
Que Deidade terrifica vos lança
Em taõ profundo abyssmo de miserias ?
Que ástro maligno agora vos influe
Novos males maiores que os passados :
Ah desgraçado Rei ! Mas eu naõ posso
Olhar nem para vós : Todo o desejo
Que eu tenho de fallar-vos , e de ouvir-vos
Dentro da minha alma se congéla ,
Quando advirto na tragica figura
Em que hoje vos tem posto a desventura.

*S C E N A II. Os mesmos com Oedipo.**Oedipo.*

A I de mim ! onde estou ? onde me leva
Este influxo fatal que me domina ?
A que parte me impelle , ou me destina
A minha diura fôrte ? As minhas queixas
Onde espalhar irei ? E angustias tantas
Com tardos passos , com pezadas plantas

On-

Onde irei sopportá-las? O^o Fortuna ,
Onde estaó os teus bens ?

Grande Sacerdote.

Se haó convertido
Nos males mais atrozes.

Oedipo.

Noute eterna ,
Sombras espessas , onde submersido
Me julgo sem recurso de outro alento ?
Funesto estado , misero tormento ,
Que eu naó posso explicar : (ai de mim triste !)
Vós sois hoje os crueis executores
De todos os meus crimes : Esse agudo
Curvo instrumento que me arranca os olhos
Menos sensivel foi , menos vehemente
Que os remorsos da funebre desgraça
Em que a alma se fere , e despedaça.

Grande Sacerdote.

Senhor , que justas saõ as vossas queixas ,
Quando vos vemos todos neste abysmo
De repetidos males.

Oedipo.

He possivel ,
O^o meus caros amigos , que eu vos deva ,
Depois de horrores tantos , a piedade
De ouvir , e de attender ao meu lamento ?

Pof-

Penso crer que escuteis o sentimento
Deste tão desgraçado criminoso ,
Que já não vê o objecto luminoso
Da clara luz do Sol ? Será verdade
Que eu vos esteja ouvindo , ou he engano
Da minha confusaõ ! Doces amigos ,
Não me engano , eu os ouço , eu os conheço ;
Inda que hoje me tenha o injusto Fado
Na mais escura noite sepultado.

Grande Sacerdote.

Que estrella enfurecida o vosso arrojo
Levou a tanto extremo ? Como entrasteis
No fúrioso delírio de cahires
Na sorte mais injusta , mais tyranna ?
Quem foi essa Deidade deshumana ,
Que a tanta indignação vos precipita ?

Oedipo.

Apollo , meus amigos , sim , Apollo
A causa foi de minha desventura :
Elle moveo o impulso , e eu dei o golpe.
Entre tantos horrores poderia
Entregar meu alento á luz do dia ?
Poderia encontrar algum objecto ,
Que a vingança mortal da infame Alecto
Horribel não fizesse ?

Grande Sacerdote.

**Quantas vozes
Proferis estaõ cheias de verdade.**

Oedipo.

Em taõ negra fatal calamidade ,
Que ficava no Mundo que eu podesse
Amar , ouvir , e ver ? Tudo causára
Huma eterna afflیaõ : Tudo seria
Defendido aos meus olhos : O' Thebanos ,
O' amigos fieis : como inda agora
Vos atreveis a ver-me ? Que demora
He esta de lançar da vossa Patria
Este monstro , este horrendo parricida ,
Que sempre se verá por toda a vida
Opprimido do odio , e da vingança
Dos Deoses , e dos homens ?

Grande Sacerdote.

**Essas luzes
Do vosso entendimento , que inda restão
De hum Fado taõ enorme , nos duplicaõ
A dor dos vossos males , e a ternura
Da vossa compaixaõ : Rei affligido ,
Quem nunca vos tivera conhecido !**

Oedipo.

**Acabe , ó Ceos , aquelle que no monte
Dos pés as ligaduras me desata :**

Ref-

Resgatar-me da morte entaõ procura ;
Que cruel compaixaõ ! Prouvera aos Deoses
Que elle acabasse a vida em recompensa
Deste acerbo serviço : pois morrendo ,
A mim , e aos meus amigos pouparia
Esta dor , este assombro , esta agonia.

Grande Sacerdote.

Ella mesma , Senhor , he que nos leva
A seguir os impulsos desses votos.

Oedipo.

Se elles entaõ ouvidos ser podessem ,
Eu naõ fora este horrendo parricida ,
Nem este incestuoso abominavel
Na face do Universo : mas agora
Eis-me aqui delinquente , e desgraçado ,
Nascido de hum infasto ajuntamento ,
De meus filhos Irmaó , e torpe esposo
De minha propria Mãi : Que mais desgraças
Sobre mim pódem vir ? Se mais houvera ,
A lém daquellas que hoje participo ,
Ellas cahiriaõ todas sobre Oedipo.

Grande Sacerdote.

Por maiores que fossem , nunca posso
Approvar-vos , Senhor , esta vingança ,
Que vós mesmo de vós he que tomasteis :
Esta pena , este horror de toda a sorte

He inda mais cruel que a mesma morte.

Oedipo.

Nem razoens , nem conselhos neste juizo
 Nunca escutar devera : Com os olhos ,
 Que ha pouco me arranquei , me atreveria
 A entrar no Reino de Plutaõ ? E havia
 Resoluçāo em mim para me serem
 Triste objecto em taõ misera fortuna
 Hum Pai , e inda huma Māi , cuja Tragedia
 Ficou sendo nos golpes mais precitos
 Consequencia fatal dos meus delitos !
 Me seria bem doce , que eu chegasse
 A yer crescer meus filhos : naõ o nego ;
 A alegria de vê-los se augmentára
 Com os seus mesmos annos igualmente ;
 Porém depois que o horror me foi presente ,
 Que tantas maldiçoens tinha voltado
 Contra mim , já nem filhos , já nem Patria
 Devia objecto ser da minha vista :
 Que gosto posso ter de que inda exista
 Na minha percepçāo taõ doce imagem ?
 Este Palacio , aonde fui nascido ,
 A mesma Thebas , que me deo o berço ,
 Todas estas muralhas , e estas torres ,
 Os Templos Santos , os aspectos Sacros
 Dos gloriosos Divinos Simulacros ,

Tudo estava prohibido ao meu desejo :
Eu mesmo puz a lei de que os não visse ,
Depois que proferi esse desterro
Contra aquelle inimigo das Deidades ,
E da estirpe de Laio : Esta vingança
Já toda a Corte , todo o Reino alcança
Que cahe sobre mim : Já descoberto
O meu opprobrio está : Eu sou o infame ,
Eu sou o criminoso ; de que modo
Em taõ misero estado usar podera
Da minha claridade ? O quem me dera ,
Que inda dos meus ouvidos me privára !
Surdo , e cego outra estrada fecharia.
Aos insultos da pena : Deste modo
Se faria menor , e neste intento
Se adoçaria mais o sentimento.
O monte Cytheron , com que impiedade
Meus primeiros suspiros recebeste ?
Quanto melhor seria que a mortalha
Me preparasses antes que as mantilhas !
Assim nunca viria o meu destino
Aos olhos dos mortaes : quanto imagino
Horrivel se me faz na minha ideia :
O Polybo , ó Corintho , ó altas torres
Do Palacio , onde tinha imaginado
Que o meu berço tivera ? Que concurso

De males ajuntasteis neste monstro ,
 Que vós mesmo nutristeis no conceito
 Que era filho do Rei? De tanto efeito ,
 E de tanto esplendor que resta agora ?
 Naó resta mais que o homem mais horriyel
 Nascido da mais reproba familia ,
 Que houve nunca no mundo : O' feia estrada
 De Daulia , ó Floresta desgraçada ,
 O' atalho infeliz ! Vós recebesteis
 Todo o sangue de hum Pai , que entaõ corria
 De hum filho pelas mãos : Vós affignado
 Tendes em carácteres indeleveis
 A formidavel , barbara memoria
 Deste horror , deste crime , desta história ,
 E de toda a fatal calamidade ,
 Que hoje exposta se tem nesta Cidade.
 O' Hymen sempre triste , Hymen infausto !
 He verdade que tu me deste a vida ;
 Mas depois de a haver dado , he que fizeste
 Entrar meu sangue no tremendo seio
 De que eu tinha sahido : e sem receio
 De impulso tãõ atróz , reproduzir-te
 Pais Irmãos de seus Filhos ; e estes Filhos
 Tambem Irmãos dos Pais ; einda as Esposas ,
 Que saõ Mäis dos Esposos ; e em fim tudo
 O que pódem no Fado carrancudo .

Os

Os homens conceber de mais horrivel.
Envergonhem-se as vozes de dizer-se
O que he taó detestavel em fazer-se.
Exclamo aos Deoses , e vos peço , amigos ,
Que n'alguma Provincia inhabitada
Me occulteis ; ou tirai-me antes a vida ;
Fique a minha desgraça submergida
Nas voragens do mar : os vossos olhos
Naõ queiraes profanar com a presençā
De hum mortal taó funesto : e vinde agora
Ao menos consolar-me de mais perto.
Chegai-vos : seja tanto benificio
Da vossa compaixaõ o ultimo officio.
Receiaias que eu vos pegue os meus influxos ?
O' naõ o imagineis , que a adversidade
Só cahe sobre mim : Sou eu sómente
Aquelle pavoroſo delinquente ,
Em que quer fulminar a fórte escura
A mais feia , e medonha desventura.

Grande Sacerdote.

Senhor , aqui Creonte se encaminha ,
Elle , que fica Successor do Reino ,
Póde satisfazer aos vossos rogos.

Oedipo.

Creonte me dizeis ? ai de mim triste !
Naõ devo imaginar em que elle assiste

AO

Ao favor què vos peço : entre o conceito
De me achar tão injusto a seu respeito.

S C E N A III. *Os mesmos, e Creonte.*

Creonte.

EU não venho , Senhor , estimular-vos
Nos proprios males que assombrado cho-
ro ;

Aos mesmos Deoses vosso allivio imploro ,
E em lugar das injurias que podieis
Temer talvez de mim , me compadeço
Desse vosso infortunio : horrivel preço
Com que vem a comprar hum desgraçado
Os traidores pronosticos do Fado !
Quanto a vós , ó Thebanos , se he que aos ho-
mens

Naõ temeis : essa luz , é chamma viva
Do Sol , que vos alenta , essa Deidade ,
Que vendo-vos está desde as esphéras ,
Ao menos respeitai : Envergonhai-vos
De expôr aqui na face do Universo
A victima fatal , de tão adverso ,
Tão odioso infortunio revestida.
Este Rei deploravel , que naõ pôde
Já Thebas consentir , nem que as sagradas

Bri-

Brilhantes agoas poderão levallo :
Este Rei , que esses placidos luseiros
Já mais yerá do dia , assas bastante
Tem sofrido no impulso fulminante
Da indignada Fortuna : consolai-o
Em miseria tão horrida : levai-o
Ao Palacio , Thebanos , pois he justo ,
Que os que estão vinculados com seu sangue
Sejam só testemunhas da ignominia
Do triste horror , da magoa pavorosa
De huma Familia tão calamitosa.

Oedipo.

Creonte generoso , pois que tanta
Piedade , inda maior que o meu delicto ;
Pertendeis que hoje seja , permittime
Que vos peça hum favor ; mais interesse
Tendes nelle do que eu.

Creonte.

Dizeime logo :
Que vos posso eu negar em tanto afogo ?

Oedipo.

Desterraime de Thebas o mais cedo
Que ser possa ; á montanha mais inculta
Me fazei conduzir , onde não tenha
Comercio ou trato com nenhum vivente.

Creonte.

Principe neste misero accidente
 Nada devo encobrirvos : desta forte
 O tem Apollo em Delphos proferido :
 O Oraculo estaria obedecido ,
 Se a ternura , e o respeito , que me devem
 As vossas qualidades , naõ me instasssem
 A que agora outra vez aos Deoses rogue ,
 Que de novo se expliquem.

*Oedipo.**Explicado*

Se tem bastantemente : Bem preciso ,
 Bem claro Apollo está : Por seu aviso
 O impio naõ sou eu , naõ sou o monstrô
 Que he força desterrar ?

*Creonte.**Quem o duvida ?*

Mas o estado em que estamos me persuade
 Consultar inda os Deoses.

*Oedipo.**Por ventura*

Podeis crer , podeis crer que este infelice
 Os ache favoraveis ?

Creonte.

Os horrores ,
 Em que agora vos yejo , certificaõ

Quan-

Quantas verdades nelles pertendemos.

Oedipo.

Mas em fim em taó miserios extremos
Permittime huma graça ; e naõ consinta
Negarma a vossa lastima : Dignaivos
De que as ultimas honras á Rainha
Conceda Thebas : á Princeza illustre ,
Que inda se acha estendida no seu leito ,
Sem o descanso ter da sepultura :
Ella foi vossa Irmãa ; todá a ternura ,
Toda a justiça , vos merece : Dailha
Como de yós se espera : Quanto a Oedipo ,
Opprobio , e horror da Patria , elle naõ deve
Habitar este clyma , em quanto o alento
O podér sustentar no seu tormento .
Deixai que eu me sepulte entre os penhascos
Mais asperos , e inhospitos , que busque
No monte Cytheron a minha Patria ,
Nesse monte fatal , aonde tinha
Por influxo cruel , desgraça minha ,
Laio , e Jocaste aberto , meu sepulchro :
Sofrei que eu vá cumprir o meu designio ,
E a minha horrenda sorte : que eu acabe
Nesses mesmos lugares , onde haviaõ
Disposto que eu morresse , quando fosse
Apenas dado ao Mundo : a enfermidade ,

A miseria , ou maior calamidade
 Sei eu que nunca a contraſtar se atrevaō
 Esta vida infeliz : pois a desgraça
 Naō acabou no monte os meus suspiros ,
 Senaō para trazerme entre eſſes giros
 Da implacavel Fortuna , a conservar-me
 Com todo o impulſo , que a affliçāo demarca ,
 Em mais duro tormento que o da Parca.
 Eu em fim já me entrego aos meus influxos ,
 Eu saberei cumprillos : Mas ai triste !
 Como nesta ternura que inda existe
 Dentro do coraçāo , já nem os Deoses
 Me lembraō que sou Pai ! Creonte amigo ,
 Meus Filhos , naō pertendo encomendarvos ;
 Sua idade , e valor ſeraō fiadores
 Da ſua ſubſtencia em qualquer parte ,
 Que elle buſquem do Mundo : o Ceo reparte
 Comigo as tristes filhas , que aqui deixo
 (Ai misero de mim !) na ſua infancia :
 Todo o objeſto da minha vigilancia
 No afflito pensamento me figuraō.
 Toda a minha piedade ſe arrebata
 Nesta ardente memoria : á minha vista
 Sendo criadas com cuidado tanto ,
 Sendo á mesa nutridas do mais terno ,
 Mais amoroſo Pai , onde o governo

De

De huma idade taó tenra pôde acharse ?
Ai de mim , que tristeza , e desamparo
As espera talvez ! Principe egregio ,
A entregarvos me atrevo estas vergontas
De hum tronco taó caduco : este designio
Possa alcançarle o vosso patrocinio.
E ao menos concedeime que as abrace
Pela ultima vez , e que inda possa
Lavallas com meu pranto : só com ellas
Quero chorar os males , que algum dia
Sentirão sem a minha companhia.
Daime este alivio , illustre descendente
Dos Heroes mais famosos , satisfeito
De as ter entre meus braços , esse instante
Cuidarei que inda vejo o seu semblante :
Mas que vozes vem já aos meus ouvidos ?
Naô são estes os miserios gemidos
Destas duas Princezas desgraçadas ?
O' quanto foi piedosa a diligencia
De Creonte aos meus rogos ?

S C E N A IV.

Os mesmos , e as filhas de Oedipo.

Creonte.

SIM Oedipo ,
Eu hoje preveni vossos desejos :
Eu vos preparo o alivio que me tendes
Com tanta expectaçao , tanto cuidado
Taõ justamente aqui sollicitado.

Oedipo.

Concedavos o Ceo em recompensa
De taõ grande favor , que este dominio
Mais do que o meu se faça venturoso.
Onde estais , minhas Filhas sempre amadas ;
Chegaivos para mim ; e os vossos braços
Dai hoje (a vosso Pai dizer quizera ,
E a vosso Irmaõ só digo.) O³ alta esphera.
Onde está tanto assombro rcpartido ?
Estas mãos me beijai , que execntaraõ
O impulso dos furores que me cercaõ :
Sim estas mãos , que a vosso Pai tem posto
No estado em que hoje o vedes : Ponde a vista
Naquelle que ignorante dos occultos
Segredos do destino , e dos insultos

Do

Do Fado mais atroz pôde gerarvos
Naquelle mesmo ventre , donde tinha
Tristemente sahido. O' doces prendas ,
Quanto choro , e lamento a vossa sorte ,
Quanto choro (esse he o uso qee meus olhos
Podem sómente ter) eu imagino
Na herança que vos deixa o meu destino
Opprimidas dos crimes horrorósos
De hum pai taõ infeliz , que portentosos ,
Que miserios successos vos esperaõ ?
De tantos espectaculos festivos ,
Einda das assembléas mais brilhantes
Como naõ estareis sempre distantes ?
Ai de mim ! que em lugar de appareceres
No innocent esplendor destes prazeres ,
Naõ tereis mais remedio que voltares ,
Baixos os olhos , cheias de pezares
Outra vez para casa : Quando chegue
O tempo de casar , que Pai taõ louco
Haverá , que pertenda dar seu filho
A quem está taõ feia , e maculada
Com esta infame nodoa ? Que vos resta
Em forte taõ maligna , taõ funesta
Para a mais lastimosa aduersidade ?
De hum Pai nascesteis , que seu Pai ha morto ,
Que com a Mãi casou , que produzido

Vos

Vos tem no seio de que foi nascido :
 Estes os crimes saõ que o Fado conta ,
 Para eterno pregaõ da vossa affronta.
 Quem será nesta infamia vosso esposo ?
 Onde achareis em taõ calamitoso ,
 Em taõ funebre estado quem vos sirva
 De hum compassivo apoio ? Os impios astros
 Querem que vós sirvais a todo o Mundo
 De execravel objecto , e a vossa idade
 Que acabe em huma horrenda soledade.
 Generoso Creonte , estas meninas
 Naõ tem outro recurso que em vós mesmo :
 Seu verdadeiro Pai em vós procuraõ ;
 Porque eu , e sua Mãi mui bem se alcança ,
 Que nesta infesta , e tragica mudança
 Tudo se perverteu : Já nada somos :
 Vós só he que sois tudo : vosso sangue
 Saõ estas infelizes : naõ permitta
 O vosso regio alento que ellas fiquem
 No mais duro ; e medonho desamparo :
 Contra as instancias de hum influxo avaro
 Naõ consintais se vejaõ sem amigos ,
 Sem esposos , sem bens : Os meus castigos ,
 Naõ sofrais que as offendaõ , nem taõ pouco
 Que as sortes destas filhas innocentés
 Seja igual nos espiritos do Fado

Ao

Ao destino infeliz de hum Pai culpado.
Deitailhe os voſſos olhos de clemencia :
De ſeus annos a placida innocence.
Bem merece , Senhor , este ſoccorro :
Desamparadas já de todo o auxilio
Ellas naó podem ter outro refugio
Se naó ſómente em vós : Principe illufbre ,
Daime a maó em ſignal de que os meus votos
Naó fiquem desprezados , ou remotos
Da piedade que tanto vos exalta :
E vós , caras Princezas , fe já foſſeis
Capazes de attender aos meus avisos ,
Quantos conſelhos hoje vos daria !
Mas ao menos ouvi esta advertencia
De hum Pai , que para ſempre ſe despede
Da ſua amada , e doce compagnia :
Pedi aos Deos es , que me acabem cedo
As penas com a vida , e ſupplicailhe
Que ſejaó voſſos dias mais felices
Do que foi em taó lugubre portento
Cada iſtante fatal do meu tormento.

Creonte.

Já basta naó queirais que todo entregue
Vos vejamos aos extasis profundos
De tanta adverſidade : Recolhei vos
Agora para dentro do Palacio.

Oedipo.

Do Palacio? isso naó. Onde os meus males
 Pertendeis conduzir? mas que remedio?
 Que farei neste assombro, neste assedio
 De angustias taó violentas, que ampararime
 Das vossas mesmas ordens, bem que seja
 Contra minha vontade!

Creonte.

He já preciso
 Que hoje vos conformeis com este aviso;
 Pois na verdade haveis chorado muito
 A vossa desventura. Cada coisa
 Dève ter o seu tempo.

Oedipo.

Por acaaso
 Sabereis no que agora considero?

Creonte.

Em que?

Oedipo.

Em que outro gosto naó espero,
 Que apartarme o mais cedo que ser possa
 De terra taó fatal.

Creonte.

Pertence aos Deoses
 O declarallo assim.

Oedipo.

Aos Deoses? onde

Bu-

Buscais esse conceito ? por ventura
O objecto naõ sou eu mais execravel
Na sua indignaçao ?

Creonte.

Eu naõ duvido ,
Que delles alcanceis ser attendido
Todo o vosso desejo.

Oedipo.

Assseguraismo ?

Creonte.

Minhas palavras sempre saõ confórmes
Com os meus pensamentos.

Oedipo.

Ifso basta :

Fazeime pois , Senhor , o beneficio
De que eu seja apartado desta terra.

Creonte.

Apartaiyos tambem destas Princezas ,
E vamos a Palacio.

Oedipo.

Que tristezas ,
E que angustias de novo quereis darmo
Levando-me estas prendas taõ queridas ?
Ah ! naõ pertenda naõ a instancia vossa
Arrancarmas por força !

Creonte.

Em conservallas

Naõ queirais obstinarvos : Vêde quanto
Vos tem custado caro esses intentos
Dos vossos infaciaveis pensamentos.

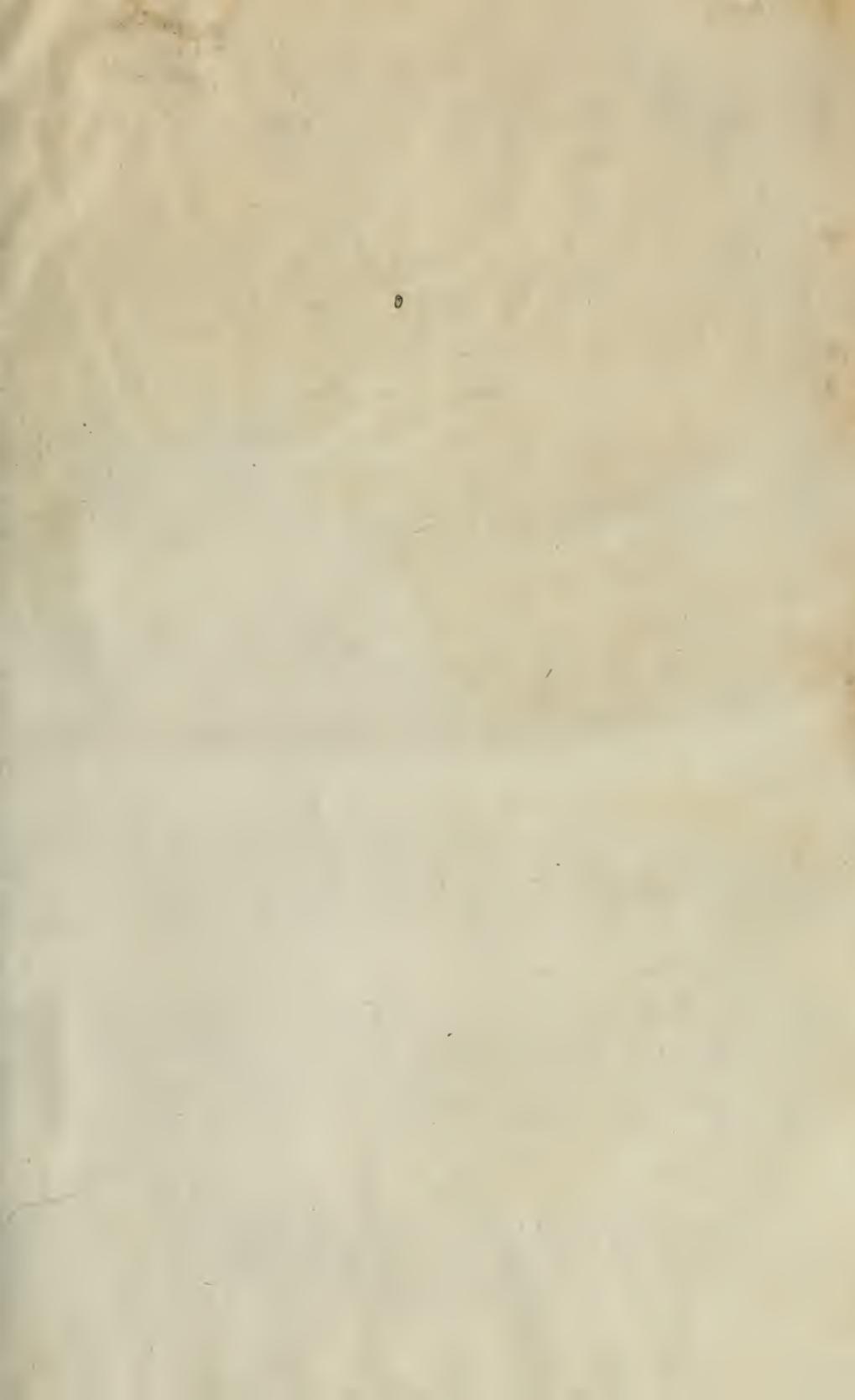
Grande Sacerdote.

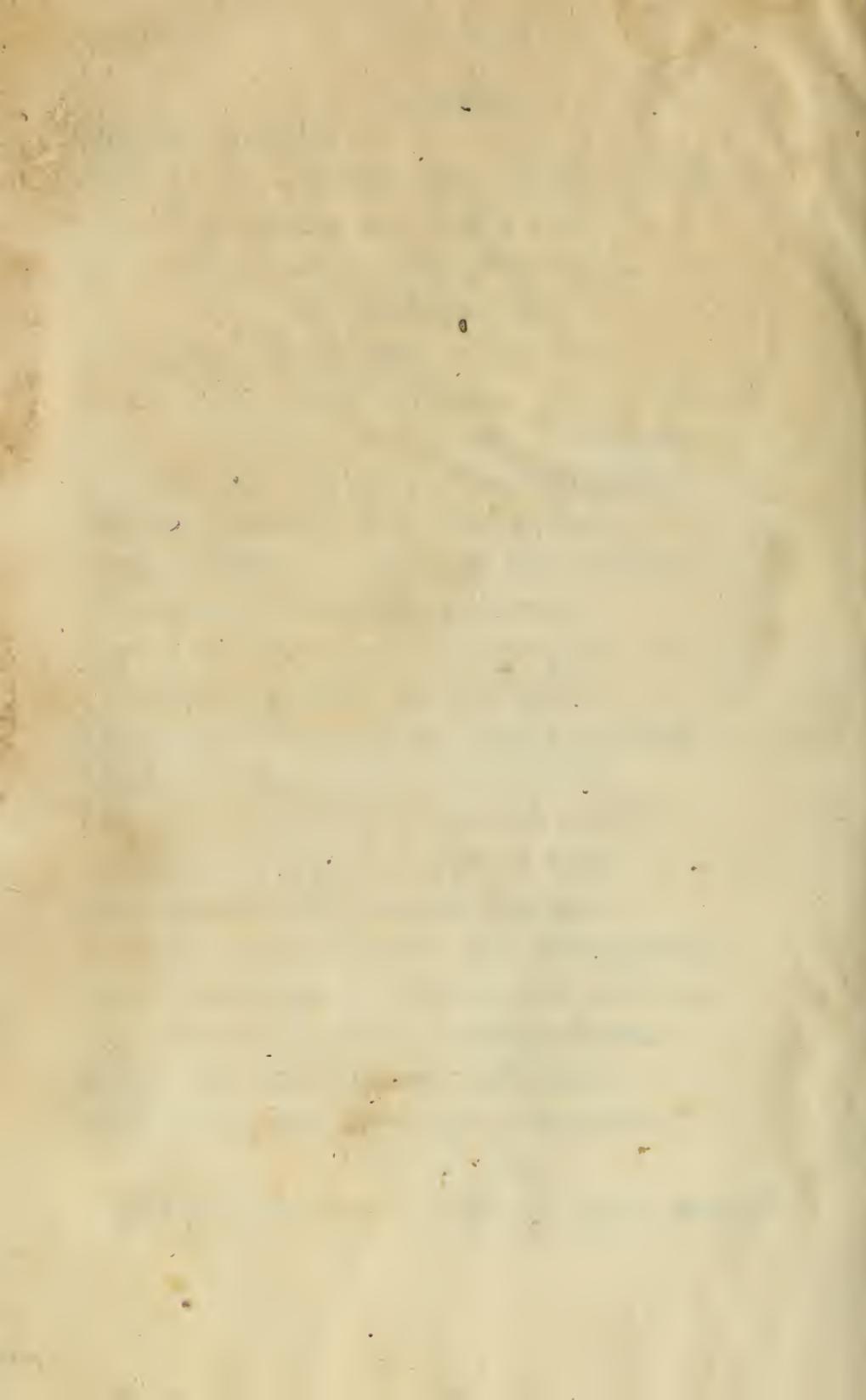
Eis-aqui ó Thebanos , a tragedia
Deste Rei , deste Oedipo , que o discurso
Teve taõ penetrante , que os enigmas
Da Sphynge desatava : que a potencia
Mostrava igual á sua intelligencia.

Que em favor , a riquezas naõ fundava
A grandeza feliz de que gozava :
Agora de hum estado taõ propicio
O vêdes despenhar no precipicio
De inexplicaveis males : Nesta horrenda
Mudança da Fortuna , ó infelices ,
O' miserçõs mortaes , aprenda a vossa
Lamentavel cegueira a pôr a vista
Nos ultimos suspiros dos humanos ,
Para ver entre o horror dos desenganos ,
Que sem chegar o instante que rendemos
Ao tributo da morte , naõ podemos
Dizer que neste mundo lastimoso
Se deva alguem julgar por venturoso.

F I M.

Ficão se continuando as Obras do mesmo Author.





n. 4

